

UNIVERSIDADE FEDERAL DE PERNAMBUCO
CENTRO DE FILOSOFIA E CIÊNCIAS HUMANAS
DEPARTAMENTO DE PSICOLOGIA
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM PSICOLOGIA COGNITIVA

LETÍCIA SCORSI

**A Fala da Mãe no Processo de Diferenciação dos
Sujeitos**

Recife, 2009.

LETÍCIA SCORSI

A Fala da Mãe no Processo de Diferenciação dos Sujeitos

Tese apresentada à Pós-Graduação em Psicologia Cognitiva da Universidade Federal de Pernambuco para obtenção do título de Doutora em Psicologia Cognitiva.

Área de Concentração: Psicologia do Desenvolvimento
Orientadora: Profa. Dra. Maria C. D. P. Lyra

Recife, 2009.

Scorsi, Letícia

**A fala da mãe no processo de diferenciação dos
sujeitos / Letícia Scorsi. – Recife: O Autor, 2009.**

199 folhas : il., tab., fig.

**Tese (doutorado) – Universidade Federal de
Pernambuco. CFCH. Psicologia Cognitiva, 2009**

Inclui: bibliografia, anexos.

**1. Psicologia Cognitiva. 2. Linguagem – Mãe x bebê.
3. Sujeitos – Diferenciação. 4. Dialogismo. I. Título.**

**159.9
150**

**CDU (2.
ed.)
CDD (22. ed.)**

**UFPE
BCFCH2009/33**

FOLHA DE APROVAÇÃO

Leticia Scorsi Galembeck

A Fala da Mãe no Processo de Diferenciação dos Sujeitos.

Tese apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Psicologia Cognitiva da Universidade Federal de Pernambuco para obtenção do título de Doutor.
Área de Concentração: Psicologia Cognitiva

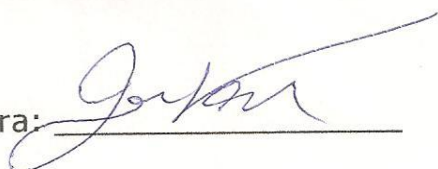
Aprovado em: 30 de março de 2009

Banca Examinadora

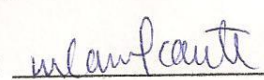
Profa. Dra. M^a da Conceição Diniz Pereira de Lyra
Instituição: U.F.PE

Assinatura: 

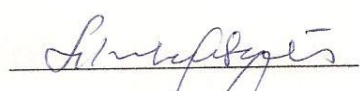
Prof. Dr. Jaan Valsiner
Instituição: Universidade de Clark, EUA

Assinatura: 

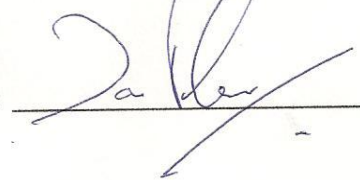
Profa. Dra. Marianne Carvalho Bezerra Cavalcanti
Instituição: U.F.PB

Assinatura: 

Profa. Dra. Selma Leitão Santos
Instituição: U.F.PE

Assinatura: 

Prof. Dr. Jorge Tarcísio da Rocha Falcão
Instituição: U.F.PE

Assinatura: 

**Dedico este trabalho à minha filha,
Flora.**

AGRADECIMENTOS

É muito bom poder chegar ao fim de um trabalho tão intenso como este. A sensação de dever cumprido associada a um certo alívio traz um enorme sentimento de alegria. Ao longo da execução deste projeto tive inúmeras boas surpresas, mas a melhor delas certamente foram as pessoas que, de alguma maneira, direta ou indiretamente, compartilharam deste mergulho no universo da comunicação no início da vida. Tanto aquelas pessoas que era esperado que participassem, quanto outras que surgiram como obra de um feliz acaso, são muito queridas e, em maior ou menor grau, foram necessárias para que este trabalho tenha sido realizado (e finalizado). Por suas contribuições, divido este trabalho com cada um dos parceiros listados abaixo, e os considero meus co-autores.

Agradeço, então:

Ao meu marido, **André**, meu companheiro de vida, meu parceiro, meu amor. Pelas reflexões a respeito deste trabalho nas *nossas* sextas-feiras à noite, pelo empenho (físico e emocional), e por acreditar tanto neste projeto a ponto de assumir tantas responsabilidades nestas últimas semanas e me deixar livre para executá-lo.

À minha filha, **Flora**, por ter me proporcionado investigar a comunicação mãe-bebê *in loco*, por ter me ensinado a ser mãe, por extrair o que há de melhor em mim. Mas principalmente por ter me trazido uma alegria que eu jamais esperava!

À minha mãe, **Lia**, que sempre me incentivou a ter coragem de enfrentar o mundo. Por ter desbravado este caminho e me aberto as portas para segui-lo. E especialmente por seu amor, carinho. Seu exemplo de mulher guerreira me ensina e me estimula a encontrar esta mesma força dentro de mim.

Ao meu pai, **Scorsi**, que me ensinou a arte da perseverança. Por me mostrar, com seu exemplo, sua vida, que o impossível é uma oportunidade de fazer algo a mais. Por me ensinar que a dedicação e o amor são presentes a serem ofertados aos outros e a nós mesmos.

À minha irmã, **Sissa**, com quem venho compartilhando minha existência desde sempre. Somos tão diferentes e tão iguais. Que sorte a minha ter tido como irmã a minha melhor amiga.

Aos meus sobrinhos, **Vitória e Gabriel**, crianças deliciosamente queridas que, com seu amor espontâneo, fazem a vida ficar mais gostosa.

À **Denise**, meu braço direito, que cuidou para que a casa continuasse funcionando mesmo quando eu “estava fora do ar”, e tanto me ajudou nos cuidados com a Flora, doando seu carinho e sua dedicação, a ela e a mim.

À **Mana**, minha queridíssima parceira de LabCom, a quem eu gosto de chamar de “co-orientadora”. Como posso agradecer sua generosidade, seu apoio? Fico feliz pela amizade sincera que construímos ao longo desses anos.

A **Ana Paula e Lu Hodges**, minhas companheiras nesta caminhada, minhas parceiras em trabalhos, mas mais que isso, minhas grandes e queridas (novas) amigas.

Aos meus colegas do LabCom, **Clara, Beto, Ana Cláudia, Adriana, Natália, Éder, Cibelle** pela amizade, pelas trocas, pela parceria.

À **Nana**, madrinha deste trabalho e da minha relação com Maninha.

Aos **professores da Pós-Graduação** por me ensinarem diferentes facetas deste ramo de conhecimento. Agradeço especialmente a **Selma** e a **Luciano** pelos questionamentos na ocasião do *upgrade*.

Aos **membros da banca** por disporem de seu precioso tempo para ler e discutir sobre minhas elaborações.

À **Vera Amélia, Verinha, Elaine, João e Ivo**, que fazem o programa funcionar.

Ao **CNPq** pelo investimento financeiro desde o início do Mestrado.

À minha orientadora, **Maninha**, por quem desenvolvi um sentimento verdadeiro de afeto e amizade, além de uma enorme admiração. Sua generosidade e empenho (especialmente nestes momentos finais) são tocantes. Minha mestra que, com seu jeito heterodoxo, me ensinou muito mais do que fazer pesquisa. Com você aprendi a usar e direcionar a minha força e a minha liberdade.

Aquilo que chamo de **força criadora**, que habita em cada um de nós, que nos faz ter coragem, que nos abre caminhos, e liga cada um a todos os outros.

RESUMO

SCORSI, L. **A Fala da Mãe no Processo de Diferenciação dos Sujeitos**. 2009. 199f. Tese (Doutorado) – Pós-graduação em Psicologia Cognitiva, Universidade Federal de Pernambuco, Recife, 2009.

O objetivo deste trabalho foi investigar o papel da fala da mãe no processo de diferenciação dos sujeitos. Investigamos este processo a partir da comunicação mãe-bebê ao longo dos meses iniciais de vida do bebê. A perspectiva dos Sistemas Dinâmicos (Fogel & Thelen, 1987; Lewis, 2000; Lyra, 2000; Thelen & Smith, 1994; van Geert, 2002, 2003) nos permitiu conceber a díade mãe-bebê como compondo um sistema que exhibe um caráter interativo, que se conserva aberto e sempre em transformação, admitindo novas formas ou padrões anteriormente não existentes. A perspectiva dialógica, especialmente referida a Bakhtin (1992; 1997; 1999; 2003) nos permitiu encarar como estes novos padrões fazem emergir um sujeito psicológico único, que é também relacional (Lyra, 2006a). Ambos os referenciais teóricos propõem uma visão em direção à díade mãe-bebê que coloca os parceiros em condição de interdependência. A primeira perspectiva citada propõe que sistemas abertos estão em constante transformação e que o desenvolvimento ocorre através do mecanismo de auto-organização do sistema. A perspectiva dialógica propõe que o diálogo é essencial para o desenvolvimento do sujeito e que nas relações dialógicas reside a possibilidade de mudança. A fala da mãe foi analisada segundo dois aspectos: as transformações nas posições que ela assume ao longo deste processo comunicativo (fala por si, fala pelo bebê e fala combinada); e a trajetória de desenvolvimento do fenômeno em questão expressa na fala da mãe. Este último aspecto implicou conceber as amostragens como historicamente estruturadas (HSS) (Valsiner & Sato, 2006), e possibilitou a identificação do Ponto de Equifinalidade (EFP) e dos Pontos de Passagem Obrigatórios (OPPs) expressos nesta fala ao longo deste processo de desenvolvimento. Foram analisadas as trocas estabelecidas por duas díades mãe-bebê da sexta semana de vida do bebê até a semana em que atingiram o predomínio da abreviação, de acordo com o Modelo EEA (Lyra, 2000; 2006a, 2007a, 2007b; Lyra & Bertau, 2008). Seguimos o método do estudo de caso (Yin, 2005; Valsiner, 1997), onde primeiramente realizamos uma análise microgenética (Granott & Parziale, 2002; Lewis, 2002; Thelen & Corbetta, 2002), visando investigar as minúcias deste processo de desenvolvimento. Em seguida foi realizada a análise macrogenética, onde buscamos identificar como as micro-variações assumem agrupamentos maiores naquilo que é chamado de “tempo de desenvolvimento” (Lyra, 2006a). Foi identificado o que há de comum às duas díades, possibilitando esboços de generalização do fenômeno observado. Os resultados encontrados sugerem um paralelismo entre a fala da mãe e a dinâmica das interações ao longo da construção dos diálogos abreviados (Lyra, 2007b). As trajetórias de desenvolvimento das duas díades analisadas evidenciam o mecanismo “conhece-distancia-elabora” que possibilita o processo de diferenciação dos sujeitos.

PALAVRAS-CHAVE: diferenciação dos sujeitos, *self*, dialogismo; fala da mãe.

ABSTRACT

SCORSI, L. The Maternal Speech in the Process of Emergence of Self. 2009. 199f. Tese (Doutorado) – Pós-graduação em Psicologia Cognitiva, Universidade Federal de Pernambuco, Recife, 2009.

Our goal in this work was to investigate the role of the maternal speech in the process through which the partners begin to differentiate their own position in dialogue. We investigated this phenomenon through the communication established between the mother and the baby. The Dynamic Systems Theory (Fogel & Thelen, 1987; Lewis, 2000; Lyra, 2000; Thelen & Smith, 1994; van Geert, 2002, 2003) provides us conditions to investigate how the mother-infant communication system allows for the construction of new patterns of organization. Through the Dialogical Perspective, specially referring to Bakhtin (1992; 1997; 1999; 2003), we focus on how these new patterns allow for the emergence of the self (Lyra, 2006a). According to this perspective, the dialogue is pervasive and the dialogical relations allows for change. The speech of the mother was investigated under two different aspects: the positions the mother assumes along the communication with the baby, and the trajectories of development of the phenomenon under investigation. This last aspect was conducted according to the Historically Structured Sampling (HSS) (Valsiner & Sato, 2006), where we could identify the Equifinality Point (EFP) and the Obligatory Passage Points (OPPs) verbalized in the maternal speech. We analyzed the exchanges between two dyads mother-baby from the sixth week of life of the baby until the week when they reached the predominance of abbreviation, according to the EEA Model (Lyra, 2000; 2006a, 2007a, 2007b; Lyra & Bertau, 2008). We used the study case method (Yin, 2005; Valsiner, 1997), and firstly we analyzed the cases microgenetically (Granott & Parziale, 2002; Lewis, 2002; Thelen & Corbetta, 2002) aiming to investigate details of this process. Afterwards, we identified major groupings in the micro-variations performing the macrogenetic analysis (Lyra, 2006a). We, then, identified the common aspects on the two dyads and outlined a generalization of this phenomenon. Our data suggest a parallelism between the speech of the mother and the dynamics that entail the abbreviated dialogues (Lyra, 2007b). From the trajectories of development of both dyads we could apprehend the mechanism “knowledge-distance-elaboration” that enables the process through which the partners may differentiate their position in dialogue.

Key-words: differentiation, emergence of the self, dialogism; maternal speech.

ÍNDICE DE FIGURAS

Figura 1 – Díade I – trocas "mãe-objeto-bebê" – Percentagens de tempo de ocorrência dos períodos de quase-estabilidade em função da idade do bebê (em semanas)	103
Figura 2 - Díade J – trocas "mãe-objeto-bebê" – Percentagens de tempo de ocorrência dos períodos de quase-estabilidade em função da idade do bebê (em semanas)	103
Figura 3 - Pontos de Passagem Obrigatórios expressos nas falas da mãe ao longo do processo de diferenciação dos sujeitos	133
Figura 4 - Díade I - Trajetória de desenvolvimento - OPPs ao longo das semanas	145
Figura 5 - Díade J - Trajetória de desenvolvimento - OPPs ao longo das semanas	155
Figura 6 - Trajetória de desenvolvimento geral - OPPs ao longo dos períodos de quase-estabilidade do sistema	166
Figura 7 - Trajetória de desenvolvimento geral - OPPs ao longo dos períodos de quase-estabilidade dos sistema. Possibilidade para novos OPPs	176

ÍNDICE DE TABELAS

Tabela 1 - Díade I - Posições assumidas pela mãe ao longo do tempo.	116
Tabela 2 - Díade J - Posições assumidas pela mãe ao longo do tempo.	125
Tabela 3 - Díade I – Conteúdo 1.....	137
Tabela 4 - Díade I – Conteúdo 2.....	140
Tabela 5 - Díade I – OPPs relativos à imagem da mãe ao longo dos períodos de quase-estabilidade do sistema.	143
Tabela 6 - Díade J – Conteúdo 1	148
Tabela 7 - Díade J - Conteúdo 2	149
Tabela 8 - Díade J – OPPs relativos à imagem da mãe ao longo dos períodos de quase-estabilidade do sistema.	153

ÍNDICE DE EXEMPLOS DAS FALAS DA MÃE

EXEMPLOS DÍADE I

EXEMPLO 1 - Idade do bebê: 6 semanas	117
EXEMPLO 2 - Idade do bebê: 27 semanas	117
EXEMPLO 3 - Idade do bebê: 6 semanas	117
EXEMPLO 4 - Idade do bebê: 29 semanas	117
EXEMPLO 5 - Idade do bebê: 14 semanas	117
EXEMPLO 6 - Idade do bebê: 30 semanas	118
EXEMPLO 7 - Idade do bebê: 12 semanas	118
EXEMPLO 8 - Idade do bebê: 13 semanas	119
EXEMPLO 9 - Idade do bebê: 32 semanas	119
EXEMPLO 10 - Idade do bebê: 7 semanas	120
EXEMPLO 11 - Idade do bebê: 7 semanas	120
EXEMPLO 12 - Idade do bebê: 6 semanas	120
EXEMPLO 13 - Idade do bebê: 12 semanas	121
EXEMPLO 14 - Idade do bebê: 32 semanas	121
EXEMPLO 15 - Idade do bebê: 6 semanas	122
EXEMPLO 16 - Idade do bebê: 8 semanas	122
EXEMPLO 17 - Idade do bebê: 12 semanas	123
EXEMPLO 18 - Idade do bebê: 19 semanas	123
EXEMPLO 19 - Idade do bebê: 17 semanas	123
EXEMPLO 20 - Idade do bebê: 23 semanas	123
EXEMPLO 21 - Idade do bebê: 21 semanas	124
EXEMPLO 22 - Idade do bebê: 22 semanas	124
EXEMPLO 40 - Idade do bebê: 8 semanas	138
EXEMPLO 41 - Idade do bebê: 13 semanas	138
EXEMPLO 42 - Idade do bebê: 19 semanas	138
EXEMPLO 43 - Idade do bebê: 20 semanas	138
EXEMPLO 44 - Idade do bebê: 23 semanas	139
EXEMPLO 45 - Idade do bebê: 24 semanas	139
EXEMPLO 46 - Idade do bebê: 25 semanas	140
EXEMPLO 47 - Idade do bebê: 25 semanas	140
EXEMPLO 48 - Idade do bebê: 27 semanas	140
EXEMPLO 49 - Idade do bebê: 8 semanas	142
EXEMPLO 50 - Idade do bebê: 15 semanas	142
EXEMPLO 51 - Idade do bebê: 18 semanas	142
EXEMPLO 64 - sequência de OPPs.....	173

EXEMPLOS DÍADE J

EXEMPLO 23 -Idade do bebê: 6 semanas	126
EXEMPLO 24 - Idade do bebê: 16 semanas	126
EXEMPLO 25 -Idade do bebê: 10 semanas	126
EXEMPLO 26 -Idade do bebê: 13 semanas	126
EXEMPLO 27 -Idade do bebê: 13 semanas	127
EXEMPLO 28 -Idade do bebê: 9 semanas	127
EXEMPLO 29 -Idade do bebê: 13 semanas	128
EXEMPLO 30 -Idade do bebê: 21 semanas	128
EXEMPLO 31 -Idade do bebê: 9 semanas	129
EXEMPLO 32 -Idade do bebê: 16 semanas	129
EXEMPLO 33 -Idade do bebê: 18 semanas	129
EXEMPLO 34 -Idade do bebê: 14 semanas	130
EXEMPLO 35 -Idade do bebê: 16 semanas	130
EXEMPLO 36 -Idade do bebê: 9 semanas	130
EXEMPLO 37 -Idade do bebê: 13 semanas	131
EXEMPLO 38 -Idade do bebê: 13 semanas	131
EXEMPLO 39 - Idade do bebê: 21 semanas	131
EXEMPLO 52 - Idade do bebê: 9 semanas	147
EXEMPLO 53 - Idade do bebê: 9 semanas	147
EXEMPLO 54 - Idade do bebê: 16 semanas	147
EXEMPLO 55 - Idade do bebê: 9 semanas	148
EXEMPLO 56 - Idade do bebê: 6 semanas	148
EXEMPLO 57 - Idade do bebê: 11 semanas	151
EXEMPLO 58 - Idade do bebê: 11 semanas	151
EXEMPLO 59 - Idade do bebê: 18 semanas	151
EXEMPLO 60 - Idade do bebê: 18 semanas	151
EXEMPLO 61 - Idade do bebê: 9 semanas	152
EXEMPLO 62 - Idade do bebê: 9 semanas	152
EXEMPLO 63 - Idade do bebê: 13 semanas	153
EXEMPLO 65 - sequência de OPPs	174

SUMÁRIO

Agradecimentos	IV
Índice de Figuras	IX
Índice de Tabelas	X
Índice de Exemplos das Falas da Mãe	XI
Apresentação	17
1. O Processo de Comunicação Mãe-Bebê	20
2. Perspectivas Teóricas	28
2.1. Sistemas Dinâmicos	28
2.1.1. Modelo EEA	36
2.2. Perspectiva Dialógica	44
2.2.1. Dialogismo de Bakhtin	49
2.2.2. Diferenciação dos Sujeitos	64
2.2.3. Diferentes Posições	68
3. A Fala da Mãe: Revisão da Literatura	71
3.1. Estudos sobre a Fala da Mãe	71
3.1.1. Características Prosódicas e Conteúdo	72
3.2. Universalidade	74
3.3. Variabilidade	76
3.4. Co-Construção e Transformações ao Longo do Tempo	77
3.5. Diálogo com Outros Autores	82
4. Plano Metodológico	86
4.1. Síntese do Caminho Percorrido neste Trabalho	86
4.2. Objetivos	90
4.2.1. Participantes	91
4.3. Estudo de Caso	92
4.3.1. Amostragem Historicamente Estruturada (<i>Historically Structured Sampling</i> – HSS)	95
4.3.2. Análise Microgenética	97
4.4. Período Investigado	98
4.4.1. A Abreviação como Parâmetro para Indicar o Início da Diferenciação dos Sujeitos	99

4.4.2. As Trocas Mãe-Objeto-Bebê (MOB) como Referência para o Parelelismo com a Fala da Mãe.....	101
4.5. Análise da Fala da Mãe	104
4.5.1. Análise das Posições Assumidas pela Mãe Durante o Processo de Comunicação com o Bebê	105
4.5.2. Trajetória de Desenvolvimento: Ponto de Equifinalidade (<i>Equifinality Point</i> – EFP) e Pontos de Passagem Obrigatórios (<i>Obligatory Passage Points</i> – OPPs).....	108
4.6. Método Passo-a-Passo.....	111
5. Resultados e Discussão.....	113
5.1. Breve Descrição da Dinâmica da Interação entre os Parceiros: Semelhanças e Diferenças Entre as Díades	113
5.2. Resultados Relativos às Posições Assumidas pela Mãe durante o Processo de Comunicação com o Bebê.....	115
5.2.1. Díade I.....	115
5.2.2. Díade J	125
5.3. Resultados Relativos às Trajetórias de Desenvolvimento do Fenômeno da Diferenciação dos Sujeitos.....	132
5.3.1. Díade I.....	136
5.3.2. Díade J	147
5.4. Aspectos Comuns às Díades Estudadas	156
5.4.1. Posições Assumidas pela Mãe durante o Processo de Comunicação com o Bebê	157
5.4.2. Trajetórias de Desenvolvimento do Fenômeno da Diferenciação dos Sujeitos	163
5.4.3. Considerações Gerais sobre a Fala da Mãe.....	170
5.5. Descrição do Processo de Diferenciação dos Sujeitos: Mecanismo “Conhece-Distancia-Elabora”	171
6. Considerações Finais	177
6.1. Resultados Apresentados	178
6.2. Indicações para Pesquisas Futuras	183
Referências Bibliográficas.....	187
Relato.....	195
Anexos.....	196

APRESENTAÇÃO

O desenvolvimento no início da vida tem se configurado como foco de interesse desde os anos 70, e a partir dos anos 80 temos o destaque do processo de comunicação entre o adulto e o bebê. Dentro desta área, surge a motivação por compreender como os sujeitos se desenvolvem neste processo. Assim, investigar de que maneira a comunicação no início da vida faz emergir sujeitos se coloca como tema de grande relevância, mas trata-se de um ramo que ainda necessita maiores investigações e requer um mapeamento mais acurado do processo segundo o qual este fenômeno ocorre. Neste sentido, encontramos a proposta de Lyra e colaboradores (Lyra, 2006a; 2007a; 2007b; Lyra & Winegar, 1997; Lyra & e Bertau, 2008) de que mãe e bebê começam a assumir seus próprios lugares no diálogo ao longo do processo de comunicação. Estes autores demonstram que a construção histórica destes diálogos indica o início de um funcionamento onde ambos os sujeitos se constituem e começam a diferenciar seus papéis neste diálogo.

A fala da mãe, sendo trabalhada sob um enfoque sistêmico e dinâmico, pode trazer informações acerca da emergência destes sujeitos únicos. Isto implica em um novo olhar a ser direcionado a esta fala. Temos que ela tem sido primordialmente investigada a partir de suas características típicas e de como estas características desempenham um aspecto facilitador e construtivo das ligações afetivas e/ou cognitivas do bebê (Ferguson, 1964; Matychuck, 2005; Nakata & Trehub, 2004; Schieffelin, 1979; Snow, 1977; Stern, 1977; Stern, Spieker & MacKain, 1982). No presente estudo, por outro lado, esta fala é compreendida segundo um caráter relacional, histórico, interdependente e criativo, e assim, a encaramos como sendo construída conjuntamente com o bebê. Consideramos que isto nos permite identificar como ela se liga ao processo de desenvolvimento do sistema mãe-bebê.

Isto posto, colocamos que o objetivo do presente estudo foi investigar qual o papel da fala da mãe no processo de diferenciação dos sujeitos. Neste sentido, investigamos dois aspectos desta fala:

- As posições assumidas pela mãe ao longo da comunicação com o bebê – aqui chamadas fala por si, fala pelo bebê e fala combinada;
- Como ela verbaliza aquilo que é obrigatório para que seja percorrido o caminho até que cada parceiro comece a ocupar seu próprio lugar no diálogo – compreendidos como Pontos de Passagem Obrigatórios (*Obligatory Passage Points* – OPPs), que são definidos a partir da ferramenta metodológica Amostragem Historicamente Estruturada (*Historically Structured Sampling* – HSS) (Valsiner & Sato, 2006).

As transformações nesta fala nos trazem informações tanto sobre o *status* da diferenciação destes parceiros, quanto da trajetória de desenvolvimento do processo em questão.

Este trabalho foi, então, organizado em seis capítulos. No **capítulo 1** são expostos os aspectos que norteiam nossa concepção acerca do processo de comunicação mãe-bebê. No **capítulo 2** colocamos as perspectivas teóricas nas quais nos embasamos para compreender tanto este processo de comunicação quanto a fala da mãe. Conceitos relativos à teoria dos Sistemas Dinâmicos e à perspectiva Dialógica são aqui apresentados. Com relação a esta última, um destaque maior é dado às concepções de Dialogismo propostas por Bakhtin, já que suas colocações nos permitiram compreender e refletir sobre o fenômeno da diferenciação dos sujeitos e também o papel da fala da mãe neste processo. A literatura sobre a fala da mãe é revisada no **capítulo 3**. Aqui buscamos estabelecer um diálogo com os estudos apresentados, colocando os aspectos neles encontrados à luz de nossas concepções, e também identificando aproximações com outros estudos. Nosso plano metodológico é apresentado no **capítulo 4**,

onde expomos a integração entre nossos objetivos e os referenciais teóricos adotados. Nosso método de investigação, ferramenta metodológica e o passo-a-passo da análise realizada são aqui apresentados. O **capítulo 5** diz respeito aos resultados obtidos em nossas análises e sua discussão. Nossas considerações finais, e possíveis desdobramentos deste trabalho são expostos no **capítulo 6**.

1. O PROCESSO DE COMUNICAÇÃO MÃE-BEBÊ

Conforme apontamos acima, estudos sobre comunicação no início da vida são, de certa forma, recentes, sendo mais encontrados a partir da década de 80. Segundo Adamson (1996), há várias razões pelas quais os psicólogos que vinham trabalhando com o desenvolvimento tivessem ignorado os atos comunicativos de bebês: (i) o fato de se tratar de um fenômeno muito familiar e assim ser mais difícil de se admirar com ele; (ii) a tendência dos cientistas em explorar fatos novos faz com que eles deixem de olhar para aqueles que lhe estão mais próximos; (iii) bebês eram postos em papéis marginais nas teorias psicológicas, onde muitas vezes as informações sobre os mesmos serviam de prefácio para uma teoria maior a respeito do funcionamento adulto; (iv) os mitos que têm o enfoque sobre o que os bebês não podem fazer, ou que os consideram menos capazes (isto, claramente, se ligando a um referencial esperado, possivelmente, o referencial do adulto).

Porém, a chamada Revolução Cognitiva trouxe um desejo de conhecer os processos por trás do comportamento, e então os bebês passaram a ser vistos como fonte de informações preciosas sobre as primeiras experiências humanas. E foi nesta busca que se descobriu que eles são mais competentes do que se supunha, e suas ações mais organizadas do que o esperado desde o nascimento. Após ser atribuída aos bebês esta importância, seus atos comunicativos passaram a receber mais atenção e verificou-se que eles se mostravam prestigiosos para afetar seu ambiente. De sua gama de habilidades, aquelas comunicativas se revelaram fundamentais, sobretudo para os pais (Adamson, 1996). Assim, a expressividade e a responsividade dos bebês, desde os momentos iniciais de vida possibilita as bases para o estabelecimento de um tipo de comunicação peculiar ao início da vida. Os bebês passam, então, a ser reconhecidos como parceiros com a capacidade de participar, alterar e contribuir

para o desenvolvimento do processo de comunicação (Fogel, 1993). Em resumo, passa-se da idéia de um bebê passivo para um bebê ativo.

Segundo Trevarthen (1979; Trevarthen & Hubley, 1978), o que permite aos indivíduos se comunicarem é a capacidade de demonstrarem intersubjetividade. Explicando melhor este conceito, temos que a subjetividade é aqui compreendida como a capacidade de exibir para os outros, pelo menos, os elementos iniciais de consciência individual e de intencionalidade, e a intersubjetividade é, então, a capacidade de ajustar esse controle subjetivo à subjetividade dos outros. Valsiner (1997) esclarece que a intersubjetividade, implica num metaprocesso de reflexividade que constantemente leva a criar, manter e mudar o senso a respeito das pessoas que estão envolvidas na atividade dialógica.

Diante disto, quando nos referimos a um processo de comunicação que tem como um dos parceiros o bebê, podemos dizer que ele possui a capacidade para se comunicar com os adultos? De acordo com Trevarthen (1979), no início da vida, as crianças possuem a capacidade para a intersubjetividade primária, que é quando o contato de olhar e expressões faciais são seletivamente direcionados a pessoas. Neste sentido, este mesmo autor juntamente com Gratier (2007) aponta que as vocalizações do bebê, presentes desde semanas iniciais de sua vida, funcionam como convites aos parceiros para se engajarem nas trocas com eles. Trevarthen (op. cit.) ainda coloca que nesta fase duas subjetividades - a do adulto e a do bebê - são emparelhadas num controle recíproco e compartilhado de interação social, e as ações da mãe (incluídas aqui suas falas) são vistas como compondo um cenário onde estes dois parceiros se movem no mesmo ritmo e regulam mutuamente seu contato. Este conceito propõe que as trocas no período inicial da vida do bebê são tidas como mais emocionais e apresentam um caráter inato para interagir com o parceiro. Os diálogos aqui criados são coordenados, nos quais o que prevalece não é propriamente o conteúdo da comunicação, mas as trocas em si.

O desenvolvimento desta intersubjetividade primária faz emergir o que os autores chamam de intersubjetividade secundária, que ocorre quando emerge uma atenção cooperativa pessoa-pessoa-objeto (Gratier e Trevarthen, 2007). Nesta fase objetos começam, então, a ser compartilhados com pessoas. Segundo Bråten (1988), a intersubjetividade vai se desenvolvendo através da relação mãe-bebê, e este desenvolvimento vai dando novos rumos à comunicação entre estes parceiros.

Gratier e Trevarthen (2007) colocam que o comportamento dos bebês, nas suas trocas delicadamente negociadas com parceiros empáticos, demonstra que há uma intersubjetividade presente desde o nascimento que habilita sincronia de ritmos, gestos expressivos e qualidade de voz com os outros. Disto decorre que desde o nascimento o bebê exibe a capacidade para se comunicar. Esta comunicação, que é primordialmente estabelecida com a mãe, pode ocorrer segundo dois tipos de trocas: face-a-face (FF) ou mãe-objeto-bebê (MOB) (Schaffer, 1984). As trocas face-a-face envolvem contato de olhar, sorrisos, vocalizações, expressões faciais. Já as trocas mãe-objeto-bebê, como o nome já faz perceber, ocorrem quando a relação passa a ser mediada por um terceiro elemento, que, em geral, é um objeto. Estas trocas podem acontecer antes que o bebê seja capaz de alcançar este objeto, pois o adulto pode levá-lo ao bebê (Fogel e cols, 2006; Lyra, 1988; Lyra & Rossetti-Ferreira, 1995; Pantoja, 1996; Souza, 1999). Em termos do caráter intersubjetivo, as trocas face-a-face são relacionadas à intersubjetividade primária e aquelas mediadas pelo objeto relacionadas à intersubjetividade secundária.

Lyra e Rossetti-Ferreira (1995) apontam que os objetos são introduzidos às trocas mãe-bebê quando estas já se encontram estabelecidas no face-a-face. As autoras colocam que nestas situações os objetos são inseridos como “figura” diante do “fundo” fornecido pelas trocas anteriores. Assim, as trocas mediadas pelo objeto se sucedem àquelas face-a-face, e podemos dizer que as têm como base. Esta transição indica também uma transição nas formas

de comunicação, isto é, estas trocas passam de uma forma diádica para uma forma triádica de comunicação. Cabe observar que ambos os tipos de trocas podem ocorrer nas mais variadas díades. Assim, supondo uma díade em que o bebê é cego, as trocas FF podem ocorrer, por exemplo, através do toque entre os parceiros.

Estas trocas (FF e MOB), que se sucedem no tempo, indicam, portanto, um desenvolvimento na comunicação mãe-bebê. Com relação a este aspecto, Adamson (1996) propõe que esta comunicação se desenvolve em quatro períodos ou fases, as quais ela nomeia respectivamente: “atenção compartilhada”; “engajamento interpessoal”; “envolvimento do objeto conjunto”; “emergência de comunicação simbólica”. As descrições a respeito dos dois primeiros períodos nos servem para uma melhor compreensão dos papéis vividos pela mãe e pelo bebê. O período da atenção compartilhada, dura até por volta dos dois meses de vida do bebê. Nesta fase a expressividade é o talento central dos recém-nascidos, sendo que através de seus atos e manifestações, eles expressam suas necessidades. A maneira segundo a qual os bebês se comunicam é usando constelações de comportamento que reflitam sua organização psicobiológica do momento. Neste período a ênfase é dada aos parceiros, de modo que diversos elementos fazem parte do cenário no qual a comunicação ocorre, mas que não são destacados durante os eventos comunicativos.

Por volta do segundo mês há uma grande mudança bio-comportamental. Neste novo momento, os episódios comunicativos parecem adquirir novo sabor e textura, pois começa a haver uma maior conexão entre os bebês e suas mães, e assim inicia-se o segundo período proposto por Adamson, do engajamento interpessoal. Fogel (1992) esclarece que nesta fase os bebês adquirem maior domínio sobre o posicionamento de suas cabeças, e seus padrões de olhar indicam que eles estão ganhando mais controle sobre suas ações. Estas novas ações fazem com que as capacidades expressivas dos bebês aparentem maior engajamento social, criando condições para trocas face-a-face mais intensas. Apesar de Adamson também fazer

afirmações neste sentido, ela indica que as ações dos bebês são *transformadas* em interação social apenas a partir do segundo mês, por conta desta mudança biológica. A postura por nós adotada é divergente desta última e mais próxima àquela desenvolvida por Fogel, onde assumimos que a interação está presente desde o início da relação estabelecida entre mãe e bebê.

Outro atributo das expressões comunicativas dos recém-nascidos é que elas se mostram atos fundamentalmente compartilhados, de modo que eles e seus parceiros se influenciam mutuamente. Neste sentido, Fogel (1992) coloca que a condução da comunicação não é organizada pelo adulto e depois seguida pelo bebê (como se poderia imaginar a princípio). O que acontece é resultado de um processo de co-regulação, no qual ambos os parceiros estão passando por mudanças de mesmo grau. Propor as trocas como co-reguladas implica compreender que os atos da mãe e do bebê são construídos como parte de um processo de interação dinâmica, onde o comportamento do adulto é continuamente ajustado em relação às respostas do bebê, e vice-e-versa. Assim, uma troca em que ocorra a transferência de um objeto da mão do bebê para a mão da mãe, por exemplo, pode requerer em uma negociação, uma construção conjunta das ações dos parceiros até que essa transferência se concretize.

Este processo implica que, ao longo das trocas comunicativas, os parceiros vão se adaptando (e re-adaptando) um ao outro continuamente, e pressupõe, portanto, que as contribuições de cada um não podem ser analisadas separadamente, colocando-os em condição de interdependência (Fogel, 1992; 1993; Fogel & Thelen, 1987, Lyra, 1988).

Esta concepção de que tanto o bebê quanto o adulto participam da construção da comunicação entre eles estabelecida, requer assumir um modelo de comunicação condizente. O modelo de estados discretos da comunicação concebe a comunicação como um processo que necessariamente inclui um emissor e um receptor. O emissor é responsável pela

mensagem a ser transmitida, e o receptor deve, por seu turno, interpretar e responder a esta mensagem. Neste modelo cada parceiro segue alternando estes dois papéis, e a comunicação é vista como resultado da soma das ações de cada parceiro, sendo estas tomadas como unidades distintas (Fogel, 1993).

Por outro lado, o modelo de processos contínuos da comunicação serve de contraponto ao anterior e se coloca como mais apropriado dentro da proposta de uma comunicação co-regulada. Trata-se de um modelo dialógico da comunicação, onde esta é vista como um processo contínuo, que não permite separar o emissor, o receptor e a própria mensagem. Este modelo, que apresenta um mecanismo de auto-organização, faz emergir novas formas de organização das trocas comunicativas (Fogel, 1993; Lyra & Rossetti-Ferreira, 1995; Lyra & Winegar, 1997). Assim, o desenvolvimento da comunicação pode ser compreendido como um fenômeno relacional e histórico, que enfatiza as relações estabelecidas entre os parceiros ao longo do tempo (Lyra, 2006a; 2007b; Lyra & Rossetti-Ferreira, op. cit.).

A história destas relações se refere àquilo que foi construído conjuntamente pelos parceiros imediatamente envolvidos no processo comunicativo, mas, além disto, se refere também ao que foi construído antes mesmo do início deste processo. Os aspectos sócio-culturais determinam diversos aspectos dos atos e da fala da mãe. Por exemplo, quando os adultos interpretam as ações de seus bebês, eles o fazem a partir de concepções coerentes com o contexto em que se inserem (Adamson, 1996, Lock, 1980). Deste modo, a comunicação mãe-bebê é responsável por apresentar e inserir o bebê nesta específica comunidade cultural. Apesar desta concepção, colocamos que analiticamente este aspecto não é o foco deste trabalho. Explicando melhor, concebemos que os elementos relativos a cada cultura estão presentes na história da díade através dos atos da mãe, mas não os trabalhamos em nossas análises.

Outro aspecto a ser levantado ao investigarmos a comunicação se refere à possibilidade de se conferir um *status* de diálogo às trocas. Neste ponto esclarecemos que assumimos aqui uma posição similar àquela proposta por Lyra e Bertau (2008) de que as trocas estabelecidas entre mãe e bebê podem ser consideradas diálogos. As autoras esclarecem que é própria dos diálogos a característica de modificarem os parceiros ao longo do tempo, e serem por eles modificados. Em outras palavras, os diálogos devem apresentar uma força transformadora e devem evidenciar a dinâmica da comunicação entre os parceiros. Assim, ao dialogarem, os parceiros se transformam mutuamente e transformam também seus padrões dialógicos, podendo atingir um nível em que este diálogo se torne abreviado. Diante disto, Lyra e Bertau apontam que além de apresentar uma estrutura de troca de turnos, a comunicação mãe-bebê leva a uma mútua e histórica transformação, onde a mãe, o bebê e a própria relação entre eles são transformados, apresentando organizações dialógicas diferenciadas ao longo do tempo.

Entretanto, entendemos que, ao colocarmos esta forma de encarar a comunicação mãe-bebê em face de um dos aspectos centrais de nossa pesquisa, a fala da mãe, pode gerar uma discussão a respeito do papel que a linguagem venha a desempenhar no processo aqui investigado. Neste sentido, esclarecemos que, trabalhamos com uma idéia de aquisição de uma atividade simbólica que se desenvolve ao longo das trocas entre mãe e bebê, e que permite aos indivíduos saírem de uma esfera circunscrita ao espaço imediato e contingente das ações. A fala da mãe é aqui analisada e compreendida sob este enfoque, como um elemento que compõe o processo de comunicação entre os parceiros, e estas escolhas são tomadas em razão de nos fornecerem um caminho que nos parece coerente diante das proposições em que nos baseamos.

Diante do que foi exposto acima, podemos dizer que, neste estudo concebemos a comunicação mãe-bebê como um processo relacional, histórico, interdependente e criativo.

Relacional e histórico porque o seu estudo tem como base para análise as transformações ocorridas ao longo do tempo nas relações entre os parceiros, sendo, portanto, contrária a uma análise das contribuições de cada parceiro agrupadas *a posteriori*. Nossa perspectiva acerca do processo de comunicação propõe que cada troca comunicativa pertence a ambos os parceiros, impossibilitando a separação de um emissor, de um receptor e da própria mensagem, e opõe-se, assim, a uma visão discreta da comunicação na qual se admite analiticamente a separação entre os parceiros e a mensagem comunicativa (Fogel, 1993). Trata-se, portanto, de investigar como a dinâmica das trocas interativas constrói novas formas de organização da comunicação durante o desenrolar do desenvolvimento, e buscar compreender estas novas organizações à luz das influências que exercem sobre ambos os parceiros.

2. PERSPECTIVAS TEÓRICAS

Para que um estudo a respeito da comunicação nos meses iniciais da vida de uma criança seja conduzido, de modo a trazer respostas relevantes para as questões levantadas, é preciso que se faça uso de perspectivas teóricas que possam abarcar os fenômenos estudados de maneira coerente, e que permitam, assim, fornecer subsídios para uma melhor compreensão destes. Fogel (1987), Lyra (2000; 2006a; 2007a), Pantoja (1996) e Souza (1999) sugerem que a teoria dos Sistemas Dinâmicos e a Perspectiva Dialógica são instrumentos eficientes para investigações desta natureza, levando-se em consideração as colocações acima sobre como compreendemos o processo de comunicação mãe-bebê.

2.1. SISTEMAS DINÂMICOS

Adotar uma perspectiva dinâmica para compreender fenômenos psicológicos implica trabalhar com a idéia de mundo, e indivíduos, em constante transformação (Lyra, 2000, 2007a). Neste referencial a dinâmica não é considerada uma imperfeição, mas sim a base para a investigação destes fenômenos (Marková, 2003). Isto quer dizer que o fenômeno é estudado exatamente a partir do processo de mudança que nele ocorre (Lyra, op. cit.). A perspectiva dos Sistemas Dinâmicos permite investigar processos de desenvolvimento, compreendendo-os como processos de transformação (van Geert, 2003).

Um sistema é basicamente qualquer agrupamento de variáveis, elementos, ou fenômenos que apresentem relação entre si, como por exemplo, a relação entre Nível Sócio-Econômico (NSE) e Quociente de Inteligência (QI). Van Geert (2003) coloca que o agrupamento NSE-QI pode ser considerado um sistema, porque um componente se relaciona ao outro, de modo que, em média, quanto maior o NSE de uma pessoa, também maior é seu QI. Pode-se dizer, portanto, que, de alguma maneira, o NSE afeta o QI do indivíduo.

No entanto, a relação estabelecida entre estes dois componentes não faz com que o sistema por eles formado seja considerado dinâmico, mas sim estático, já que, o NSE está relacionado a valores fixos de QI. Para que um sistema seja considerado dinâmico, é necessário que seus elementos afetem um ao outro e se modifiquem ao longo do tempo. Em outras palavras, deve haver uma influência dinâmica entre os elementos. Um exemplo que pode ilustrar um sistema dinâmico é a relação entre corpos celestiais, onde um planeta exerce uma influência gravitacional sobre os outros planetas. O fato de eles trocarem força gravitacional faz com que se mantenham em órbitas regulares (van Geert, 2003).

É interessante observar que a etimologia das duas palavras utilizadas para nomear esta perspectiva define seus mais importantes atributos. Ambas vêm do grego: ‘sistema’ significa combinar, e ‘dinâmico’ significa poderoso. Assim, a combinação de elementos que apresentem relação entre si constitui um sistema, e o estudo da dinâmica se refere à investigação de como as forças se aplicam a um determinado processo, como elas mudam e como exercem influência no ambiente. Isto significa que adotar a perspectiva dos Sistemas Dinâmicos implica tentar compreender as forças que interagem naquele sistema, e como isto acontece (van Geert, 2003).

A noção por trás da utilização desta teoria em estudos sobre o desenvolvimento humano é que sistemas em desenvolvimento são *realmente* dinâmicos e obedecem aos mesmos princípios dos sistemas físicos e biológicos (Thelen & Corbetta, 2002). Mas o que faz estes sistemas se desenvolverem? A resposta a esta indagação reside naquilo que explica como o sistema passa de uma configuração para outra, a auto-organização. Este conceito, entre outros aspectos, nos permite compreender como o desenvolvimento ocorre e também como ele pode ser considerado como algo aberto e criador do novo.

A auto-organização é o mecanismo segundo o qual o sistema apresenta uma nova ordenação espontaneamente, sem que nada o determine a fazê-lo (van Geert, 2003). O que

ocorre é que quando o sistema apresenta momentos de instabilidade, a mútua influência entre seus elementos faz com que eles ajam conjuntamente, e criem uma nova configuração, em geral, mais complexa do que a anterior, isto é, temos a emergência de novos padrões de organização (Lyra, 2007a; Fogel e cols, 2006). É interessante notar que do mesmo modo que os elementos transformam o sistema, o fato de eles se manterem em constante condição de interinfluência traz também uma transformação mútua entre eles. (Lyra, op. cit.). A relação entre os elementos transforma o sistema, e transforma a eles mesmos.

Todavia, faz-se necessário esclarecer que, apesar de seu caráter espontâneo, este mecanismo auto-organizador não representa um aspecto ‘mágico’ do sistema (Thelen & Smith, 1994). Van Geert coloca que esta espontaneidade em relação à auto-organização denota que o aumento de ordem é um fenômeno natural e básico da natureza. Além disto, os sistemas que se auto-organizam são considerados abertos, pois isto ocorre a partir da junção cooperativa de seus múltiplos componentes – aqui incluídos tanto os elementos internos do sistema, como também o ambiente em que se insere. Este caráter aberto lhes permite estabelecer contínuas trocas com o que está à sua volta, e é importante notar que nesta perspectiva não há um componente privilegiado sobre o outro, todos os elementos do sistema são igualmente importantes (Fogel e cols., 2006).

A noção de desenvolvimento dentro deste enfoque merece, portanto, especial atenção, pois diverge de propostas mais tradicionais a respeito deste tema. Van Geert (2003) esclarece que nesta perspectiva o desenvolvimento não é concebido como algo que tem um planejamento pré-definido, seja resultado de um programa anterior (aspecto maturacional), seja como teleologicamente guiado (conduzido por um estado final) (também Fogel e cols, 2006; Lyra, 2006a). Ao contrário, ele é encarado a partir de seu estado inicial e dos mecanismos que operam neste estado inicial. A idéia de progresso é vista em função de um aumento de ordem e estrutura no processo em questão, expressa nos diferentes padrões de

organização. O desenvolvimento é então tomado como auto-governado – movido por uma mudança interna – mas que mantém um caráter de dependência/necessidade de um suporte externo, e é visto como um processo fundamentalmente aberto e criador de algo novo.

Os novos padrões de organização indicam, portanto, uma crescente complexidade que emerge como produto do próprio processo inerente ao sistema. E a partir da nova ordenação alcançada o sistema apresenta novamente uma relativa estabilidade. Mas se o sistema se encontra em equilíbrio, por que uma nova instabilidade se instaura? Além disto, o que faz o novo emergir no processo de desenvolvimento?

A resposta à primeira indagação reside na natureza da estabilidade destes sistemas. Van Geert (2003) esclarece que, mesmo quando um sistema dinâmico se encontra em momentos de estabilidade, esta se mostra uma forma dinâmica de estabilidade, na qual, as forças que interagem naquele sistema mudam continuamente e exercem influência uma sobre as outras. O que se tem é que as trocas entre estas forças, nos momentos de estabilidade, mantêm os elementos do sistema numa posição fixa. Há algumas formas de estabilidade que desenvolvem padrões cíclicos de organização, ou seja, o padrão de forças envolvido permanece mudando, mas isto ocorre de maneira cíclica. Há ainda sistemas que sustentam padrões que não se repetem, mas que, em decorrência de outros aspectos, mostram um alto nível de regularidade. Thelen e Corbetta (2002) esclarecem que o que faz um sistema dinâmico mudar é a instabilidade, já que sistemas estáveis não mudam. Neste sentido, aquele padrão relativamente estável deve, de alguma maneira, ser interrompido, para assim, o sistema buscar uma nova configuração. Sugerimos que o que faz com que este sistema passe de um momento de equilíbrio para outro de instabilidade são os micro-processos que acontecem continuamente no sistema, mesmo quando ele se encontra quase-estável.

Assim, apesar do sistema apresentar uma conformidade durante um período de tempo, há movimentos que continuam acontecendo, isto é, há micro-processos de mudança que

seguem ocorrendo internamente (Fogel e cols, 2006). Assim, o termo quase-estabilidade (Lyra, 2000) nos parece mais apropriado, e é este utilizado quando nos referimos a estes momentos.

Este contínuo movimento interno no sistema também se refere à noção da emergência do novo. Antes de tratarmos deste conceito em si vale ressaltar o que se compreende por ‘novo’. Não se trata de algo único, que jamais ocorreu, mas sim aquilo que seja inovador diante da história daquele processo (van Geert, 2003). Para clarear esta idéia podemos imaginar uma díade mãe-bebê e as trocas em que a mãe oferece o objeto ao bebê. Ao longo da construção da história desta díade, a mãe oferece o objeto ao bebê sempre balançando-o com uma mão. Num momento posterior, a díade pode inovar e a mãe oferece o objeto ao bebê, balançando-o agora com as duas mãos. Tal ação é considerada nova nesta díade, pois não havia sido ainda explorada por ela.

Segundo Fogel e cols (2006), “a perspectiva dos Sistemas Dinâmicos reconhece a emergência do novo como uma característica de sistemas organizados.” (p.32). Disto decorre que o novo resulta do mecanismo de auto-organização inerente ao próprio sistema. Explicando melhor esta idéia, temos que aquilo que pode ser considerado novidade para o sistema emerge como produto das trocas entre os elementos que o compõem. Assim, são as próprias trocas entre os elementos do sistema que fazem emergir formas de organização que não existiam anteriormente (Lewis, 2000; Lyra, 2007a). Além disto, cabe ressaltar que quando o novo emerge, ele vem como resultado de um ajuste entre o que é determinado pela história de construção do sistema, e o que não é passível de determinação dado o aspecto criativo do próprio processo (Lyra e Winegar, 1997).

Esta indeterminação se reflete numa variabilidade em relação a cada sistema. Isto é, ao longo do processo de desenvolvimento, cada sistema traça trajetórias únicas que, a despeito de um funcionamento geral similar, exhibe características particulares. Esta variabilidade,

conforme Lyra (2000) coloca, não é considerada como erro, mas sim como constituindo o próprio dado, “uma vez que informa sobre a estabilidade e instabilidade relativas das variáveis coletivas do sistema em estudo” (p. 261).

A partir do que foi apresentado acima, e nos embasando nas colocações de Lewis (2000) podemos dizer que sistemas auto-organizados apresentam: (i) a possibilidade da emergência do novo, no sentido que, ao longo do tempo, novas formas ou padrões emergem espontaneamente no sistema; (ii) aumento na complexidade devido à mútua influência entre os elementos do sistema; (iii) reorganização interna nos momentos de instabilidade trazendo novas configurações ao sistema; (iv) sensibilidade a aspectos de seu ambiente e tendência à estabilidade.

Em termos das pesquisas sob esta perspectiva, temos que elas buscam o processo de transformação que guia o desenvolvimento através dos padrões de organização que resultam da ação conjunta dos elementos que compõem o sistema. Thelen e Corbetta (2002) colocam que há pouco mais de uma década esta abordagem sobre a noção de desenvolvimento ganhou força, mudando o foco de alguns estudos. Perguntas sobre quando o desenvolvimento ocorre são substituídas por outras sobre como ele ocorre. Sendo assim, a compreensão do desenrolar das mudanças neste desenvolvimento coloca-se como tema central quando se trabalha sobre processos de desenvolvimento humano (Fogel, 1993; Lee & Karmiloff-Smith, 2002). Neste sentido, a questão do tempo se coloca como aspecto de grande relevância para a compreensão do processo, pois ele integra o fenômeno do desenvolvimento (Fogel, 1993). Trata-se de uma noção de tempo irreversível (Valsiner, 2002), onde cada elemento está sujeito a transformações durante o transcorrer deste processo (Lyra, 2007a). Este tempo é então considerado como um tempo histórico que carrega limites e possibilidades relativos ao processo de desenvolvimento (Lyra & Winegar, 1997).

Temos ainda que esta teoria nos oferece respaldo metodológico para mapear o desenrolar da mudança de um determinado fenômeno, através da combinação de dois tipos de análise, uma que pode ser metaforizada como uma análise microscópica e outra como macroscópica. Estes dois tipos de análise se referem a diferentes abordagens do mesmo fenômeno. Granott e Parziale (2002) esclarecem que os termos utilizados para se referir à primeira abordagem podem ser microdesenvolvimento ou microgênese, que apesar de intuitivamente sugerirem compreensões diferentes, indicam um mesmo estilo de análise do desenvolvimento, que se caracteriza por densas observações do fenômeno ao longo de um determinado período, utilizando para isto uma micro-escala de tempo.

É interessante notar que, segundo Lewis (2002), estes dois tipos de análise, e, por conseguinte micro- e macro-desenvolvimento, podem ser inseridos num mesmo contexto de desenvolvimento, pois mudanças numa escala microgenética influenciam os processos na escala macrogenética. Podemos dizer, então, que, apesar de diferenças fundamentais, estas duas abordagens se complementam. E nesta complementaridade os fenômenos podem ser estudados em função daquilo que é chamado de “tempo real” e “tempo de desenvolvimento”. Por “tempo real” compreende-se o acompanhamento contínuo, ou quase-contínuo do fenômeno a ser estudado (Granott & Parziale, 2002). Uma análise em “tempo real” pode ser conduzida segundo-a-segundo, ou minuto-a-minuto, ou dia-a-dia, etc., dependendo da possibilidade de se identificar as transformações nas relações que permitam reconhecer diferentes padrões de organização. Esta análise microscópica é o que chamamos de análise microgenética. Em seguida, com base nos dados obtidos através da análise microgenética, identifica-se os agrupamentos possíveis que exibem padrões segundo os quais aquele fenômeno se organiza ao longo de um período do desenvolvimento. Isto é o que chamamos de “tempo de desenvolvimento”. Estes períodos podem ser também chamados de estágios ou etapas do desenvolvimento do fenômeno em questão. A análise desses estágios, ou seja, a

análise das características desses períodos é o que chamamos de análise macrogenética (Lyra, 2006b).

Mas, um questionamento pode surgir: por que utilizar este tipo de análise microscópica, que necessariamente exige um investimento prolongado de tempo do pesquisador? Responder a esta questão implica observar o foco do estudo em questão. Em casos onde se pretende investigar como a mudança ocorre ao longo dos processos de desenvolvimento, faz-se necessário utilizar ferramentas analíticas que permitam mapear esse processo de mudança. A utilização da análise microgenética permite a observação exaustiva do fenômeno investigado, o que possibilita evidenciar minúcias da trajetória dos sistemas investigados (Fogel e cols, 2006).

Lee e Karmiloff-Smith (2002) apontam que os padrões de desenvolvimento resultam de interações entre o indivíduo, sua história e o ambiente à sua volta e o que nos permite evidenciá-los é a análise microgenética. Esta análise visa, portanto, capturar a dinâmica do desenvolvimento (Thelen & Corbetta, 2002; Lee & Karmiloff-Smith, 2002). Podemos dizer, então, que ela nos oferece uma visão ponto-a-ponto do desenvolvimento, enquanto a análise macrogenética nos oferece uma visão mais distanciada do fenômeno que nos permite evidenciar suas transformações ao longo do tempo.

Neste estudo, mãe e bebê são vistos como compondo um sistema. As trocas realizadas por estes parceiros no início da vida podem ser encaradas segundo esta perspectiva de dinamismo. Elas se apresentam como sistemas em desenvolvimento, de caráter interativo, que se conservam abertos e sempre em transformação, admitindo novas formas ou padrões anteriormente não existentes. Vale ainda ressaltar que devido a seu caráter social, tais sistemas são responsáveis por inserirem os bebês no meio sócio-cultural do qual estes fazem parte. Neste caso particular, temos a relação histórica entre os parceiros como objeto de

estudo, e é a natureza desta relação, ou as características da mesma que definem o sistema e seu desenvolvimento.

As elaborações de Lyra acerca do Modelo EEA (Lyra, 2000; 2006a; 2007a; 2007b; Lyra & Winegar, 1997; Lyra & Bertau, 2008, entre outros) nos servem de referência para compreender o desenvolvimento do sistema que buscamos investigar.

2.1.1. Modelo EEA

O modelo EEA desenvolvido por Lyra é aplicado ao estudo do desenvolvimento do processo de comunicação mãe-bebê e integra uma sequência de três padrões de organização, denominados estabelecimento, extensão e abreviação.

Considerando aspectos da perspectiva dos Sistemas Dinâmicos e do Dialogismo, sobretudo filiado a Bakhtin, Lyra (2006a) esclarece

“os fundamentos – ontológicos e epistemológicos -- sobre os quais está baseado o modelo EEA. Filiamo-nos a uma “posição sobre o mundo” que destaca o caráter histórico, relacional, dinâmico e criativo do processo de desenvolvimento humano. Mais ainda, é este processo que vai fazer emergir um sujeito psicológico único, diferenciado mas também relacional, capaz de assumir seu papel como autor da sua identidade.” (p.7)

Assim, o Modelo EEA visa investigar o processo de comunicação mãe-bebê, buscando compreender como as mudanças ocorrem neste processo ao longo do tempo. A noção de tempo aqui incluída é aquela do tempo irreversível (Valsiner, 2002), que “deixa suas marcas” (para utilizar os mesmos termos da autora) ao longo deste processo, e, assim, cria a história deste desenvolvimento. É o que a autora chama de tempo histórico, que se baseia no passado, mas também traz em si embutida a dimensão do desconhecido futuro. (Lyra, 2006a)

O sistema sob investigação é considerado segundo o conceito de sistema de relações (Lyra, 2007a). Assim, ele é visto como construindo a própria relação e os indivíduos, ambos emergindo de um mesmo processo de desenvolvimento. Neste sentido, ao analisar o processo

de comunicação mãe-bebê, Lyra o faz à luz da relação entre os indivíduos, e considera as aquisições do desenvolvimento como pertencentes à relação e não apenas ao indivíduo (Lyra, op. cit.). A autora propõe que este sistema de comunicação no início da vida é responsável pela construção de uma organização que faz emergir o sujeito psicológico ou *self*.

Baseando-se na teoria dos Sistemas Dinâmicos, a conceituação do modelo EEA toma o fenômeno investigado, a comunicação no início da vida, como um processo em constante transformação que admite tanto períodos de quase-estabilidade como de mudança. Trata-se de um processo que ocorre num sistema de relações que são construídas historicamente. Além disto, é de extrema relevância a concepção deste sistema como auto-organizado, que por assim ser, possibilita a emergência de novas formas de organização que exibem graus de crescente complexidade (Lewis, 2000).

Já com relação à perspectiva dialógica¹, este modelo sobre desenvolvimento humano requer uma noção de sujeito psicológico ou *self*. A noção é de que, ao longo deste processo comunicativo, os *selves* são construídos, de modo que os sujeitos em interação se diferenciam e começam, cada um, a ocupar seus lugares no diálogo.

Segundo o conceito de “dinâmica dialógica de recorte” (Lyra, 1998), algumas ações, ou conjunto de ações, são “escolhidos” ou “recortados” pela díade para efetuar as trocas entre os parceiros. A idéia de *figura-fundo*, originária dos estudos de percepção, é aqui utilizada como metáfora para auxiliar na compreensão deste fenômeno: tendo todas as ações que compõem aquele cenário como *fundo*, a díade “escolhe” uma destas ações (ou conjunto de ações) para que se torne *figura*. Vale ressaltar que os padrões de organização historicamente construídos – estabelecimento, extensão e abreviação – baseiam-se nas características construtivas das sucessivas atividades de recorte efetuadas pela díade.

Os momentos de quase-estabilidade podem ser definidos da seguinte maneira:

¹ Um detalhamento deste perspectiva será apresentado no tópico a seguir.

Estabelecimento – É o período que marca o início das trocas. Sua característica principal é a tentativa por parte dos parceiros de estabelecer, através de ações contínuas ou concomitantes dos mesmos, pelo menos um elemento das trocas como partilhado pela díade. Exemplo: nas trocas mãe-objeto-bebê, o olhar dos parceiros dirigido ao objeto.

Extensão – O elemento previamente estabelecido torna-se *fundo* sobre o qual a díade pode negociar e elaborar, de modo mais extenso, outros elementos como *figura*. Pode-se dizer que este é o período no qual a comunicação passa a ser elaborada, onde os elementos anteriormente estabelecidos serão trabalhados, sendo, portanto, as trocas neste período mais demoradas do que nos outros dois. Exemplo: com o olhar direcionado para o objeto (fundo), os movimentos dos braços, pernas, mãos do bebê para o objeto podem ser negociados durante trocas extensas que focalizam este movimento.

Abreviação – Período em que trocas de curta duração são executadas pela díade. Os elementos anteriormente trabalhados de forma mais extensa aparecem de modo abreviado ou condensado. Exemplo: tanto a mãe como o bebê, de forma rápida, suave e ajustada dirigem o olhar para um objeto, que é oferecido pela mãe e imediatamente segurado pelo bebê.

Os três períodos mencionados apresentam características diferentes no que se refere à imediatricidade com que as trocas são estabelecidas; à suavidade com que os parceiros se ajustam mutuamente; e ao número de turnos que compõem as trocas diádicas.

Imediatricidade se refere ao tempo entre a tentativa de um dos parceiros de iniciar uma troca e a duração da mesma uma vez que ela é iniciada. Chaves (2004) esclarece que esta dimensão é classificada quanto a duas marcações de tempo: uma que se refere à determinação do tempo gasto até que a iniciativa principiada tenha sucesso, e outra que registra o tempo de duração da troca em si. Nas trocas MOB podemos ter, por exemplo, o início e o fim da tentativa em estabelecer uma troca caracterizados, respectivamente, pelas ações da mãe de chamar a atenção do bebê para um determinado objeto, e pelo início do olhar do bebê para o

objeto. Neste sentido, esta variável alterna três diferentes momentos: momento não-imediato – a duração da tentativa é maior do que a duração das trocas subsequentes –; momento quase-imediato – a duração da tentativa é igual à duração das trocas subsequentes² – ; momento imediato – a duração da tentativa é menor que a duração das trocas subsequentes (Lyra, 2003).

A suavidade em relação às trocas é caracterizada pela relação entre o objetivo de cada troca e o ajuste entre os parceiros para alcançar este objetivo. Segundo Chaves (2004), definir o objetivo de cada troca é uma atividade que requer uma compreensão da construção histórica de cada troca, no sentido que cada objetivo consolidado serve de suporte para o estabelecimento de um novo objetivo. Conforme Lyra (2003) coloca, a partir deste conceito, as trocas variam em termos de não-suave, quase-suave e suave.

Um turno diz respeito à ação, ou conjunto de ações definidas a partir da resposta do parceiro a esta ação ou conjunto de ações. Para que se possa discernir o que é ação e o que é resposta a esta ação é necessário que se conheça a história de construção das trocas da díade. Um exemplo de turno da mãe pode ser o conjunto de ações que ela desempenha para chamar a atenção do bebê ao destacar o som de um objeto. A resposta do bebê, isto é, seu turno, pode ser uma modificação postural, de modo que ele dirija o olhar para o objeto (Chaves, 2004). Lyra (2003) coloca que é este o critério utilizado para que seja realizada a contagem de turnos. O número de turnos é dividido em três níveis: poucos, médios e muitos.

O comportamento destas três variáveis é bastante diverso nos três períodos de quase-estabilidade do sistema. Com relação ao estabelecimento, o aspecto mais irregular deste período inicial se apresenta na qualidade das trocas, sendo estas não imediatamente estabelecidas, nem suavemente ajustadas, com um pequeno número de turnos entre os parceiros. O período intermediário, a extensão, se caracteriza por trocas imediatamente

² Aqui há uma margem de dois segundos, para mais ou para menos, para se considerar os dois intervalos iguais.

estabelecidas, com o ajuste mútuo entre os parceiros se tornando mais suave ao longo do período, e que apresentam um grande número de turnos. Neste período, como colocado acima, as trocas são mais demoradas do que nos outros dois períodos. O aspecto condensado da abreviação traz, assim como no estabelecimento, um número reduzido de turnos. Porém, a qualidade das trocas agora é bastante diferente e estas ocorrem através de ajustamento mútuo, imediato e suave.

A noção de abreviação elaborada por Vygotsky (1986) em seu exemplo de diálogo entre Kitty e Levin, personagens do romance *Anna Karenina* de Tolstoy, é o ponto de partida para Lyra (2007b) trabalhar a idéia de que o último período do modelo EEA, a abreviação, sugere que o conhecimento mútuo entre os parceiros, traz sinais do processo de diferenciação dos parceiros dialógicos mãe e bebê. Neste romance os personagens, ligados afetivamente, desenvolvem um tipo de diálogo em que apenas algumas palavras (ou apenas as iniciais das palavras) são necessárias para que um possa compreender o outro. Lyra coloca que o que permite aos parceiros abreviarem seu diálogo se respalda na história da relação entre eles, de modo que, sob determinadas circunstâncias este fenômeno pode ocorrer. O mútuo conhecimento construído anteriormente passa a constituir este processo comunicativo, e o fato de terem interiorizado a história e o conhecimento do parceiro faz com que não seja necessário externalizar todos os elementos da mensagem comunicativa.

Mas como este conceito se aplica ao objeto de estudo da referida autora, a comunicação entre mãe e bebê? Lyra (2007b) se respalda em diferentes aspectos desta comunicação e nas suas transformações ao longo do tempo. O número de turnos, a variabilidade e a abertura para o novo permitem evidenciar a construção histórica dos diálogos abreviados, e assim compreender a nova qualidade deste engajamento.

Especificamente com relação aos períodos da extensão e abreviação, Lyra (2007b) esclarece que ambos apresentam transformações ao longo do tempo. Na extensão as ações são

introduzidas ao diálogo lentamente, o que sugere que, neste período, ocorre um aprendizado da sequência de ações (é o que a autora se refere como aprendizado “ponto-a-ponto”), e isto requer um maior número de turnos. Mas as transformações neste período vão, aos poucos, tornando-o similar ao padrão das trocas do período subsequente. Por outro lado, as transformações relativas ao período da abreviação ocorrem quando o novo é integrado às trocas, de modo que estas podem requerer mais tempo e maior número de turnos. Mas coerente com este novo padrão organizacional, esta ampliação no tempo e na quantidade de turnos ainda é menor do que no período anterior. Assim, uma troca prototípica na extensão pode levar 37 segundos e contar com cinco turnos, enquanto na abreviação uma troca prototípica pode levar quatro segundos e contar com apenas dois turnos.

A variabilidade é um aspecto inerente a qualquer sistema vivo (Thelen & Smith, 1994; van Geert, 2003). No sistema estudado por Lyra esta variabilidade é detectada através do conceito de “dinâmica dialógica de recorte” (Lyra, 1998) exposto anteriormente, segundo o qual, identifica-se as ações, ou conjuntos de ações, “escolhidos” pela díade para efetuar as trocas. Este recorte é utilizado como critério para identificar as subcategorias que compõem cada conjunto de ações nos diferentes períodos. Por exemplo, a mãe pode sorrir enquanto oferece um objeto ao bebê, e o bebê pode pegar o objeto da mão da mãe enquanto olha para ela.

Após a identificação das subcategorias, pode-se encontrar a frequência de cada uma delas nos registros das trocas mãe-bebê. Esta análise permite constatar a variabilidade de cada período em termos do número de subcategorias. Lyra (2007a) destaca que uma variação no número de subcategorias, tanto nos diferentes períodos quanto num mesmo período de quase-estabilidade, traz informações a respeito da flexibilidade do sistema para inovar. Ou seja, um aumento no número de subcategorias indica maior flexibilidade para tal, enquanto que o oposto pode ser observado em sistemas em que este número diminui. Souza e Lyra (2001;

Lyra & Souza, 2003) encontraram que o número de subcategorias aumenta significativamente na abreviação em comparação aos outros dois períodos. Por exemplo, numa determinada díade o estabelecimento, a extensão e a abreviação apresentaram, respectivamente, 1, 6 e 22 subcategorias. Este fenômeno, que as autoras chamaram de “explosão para o novo”, indica, portanto, uma disposição e flexibilidade do sistema mãe-bebê para inovar.

Mas há ainda outra análise possível de ser realizada em relação às subcategorias que compõem as ações dos parceiros, que se refere à natureza dos componentes das trocas em relação à história da díade. Segundo Lyra (2007a), esta análise permite inferir sobre o tipo de variabilidade que ocorre em cada período de quase-estabilidade. Assim, a qualidade destas trocas é observada tanto a partir da repetição, ou uso dos elementos previamente construídos como partilhados pela díade, quanto a partir de inclusões de novas ações, ou a elaboração de ações usadas anteriormente. Para isto é necessário ter um panorama da história da díade em questão, pois o novo só pode ser constatado em face do que foi construído anteriormente. No período da abreviação, podemos dizer que há uma síntese de tudo que foi construído, e neste momento um parceiro pode esperar do outro uma resposta, sendo que esta não precisa ser sempre a mesma. Mais do que isto, quando novos elementos são inseridos às trocas, elas não perdem seu formato abreviado. Referindo-nos novamente ao exemplo das trocas MOB, a mãe pode oferecer o objeto ao bebê de uma maneira totalmente nova, ele o pega abreviadamente. O que Lyra e Bertau (2008) propõem é que o bebê “entende” que deve pegar o objeto, mesmo que a oferta tenha sido feita de uma maneira que ele ainda não conhecia.

A construção histórica dos diálogos abreviados permite compreender a diferente (e mais complexa) organização neste período. Assim como no início de qualquer diálogo (Rommetveit, 1990), as trocas se iniciam com pelo menos um elemento partilhado pelos parceiros, que se refere ao período do estabelecimento. Na extensão os diálogos se ampliam e passam a ser elaborados, de modo que as ações são introduzidas lentamente, uma a uma. Já na

abreviação, as trocas não mais se baseiam no aprendizado ponto-a-ponto como ocorria no período precedente, mas sim no conhecimento mútuo entre os parceiros que agora está bem estabelecido. Assim, o novo é facilmente integrado às trocas, porque o formato abreviado mantém aquilo que foi anteriormente construído pelos parceiros. Explicando melhor esta idéia, temos que o bebê exibe a capacidade para um tipo de processo de aprendizado que resulta numa totalidade que condensa a história compartilhada da díade (Lyra 2007b; Lyra & Bertau, 2008).

Trata-se de uma totalidade que permite aos parceiros deixarem de funcionar no espaço imediato e contingente das ações. Esta “liberdade” fornece, então, a generalização de uma forma abreviada de comunicação. Assim, o formato das trocas é previsível, mas as ações específicas que irão compor cada uma delas, não. Ao longo de todo este processo comunicativo temos, então, o jogo entre a determinação – que a história de construção do sistema fornece – e a indeterminação – que é intrínseca ao próprio processo criativo (Lyra & Winegar, 1997).

Mas de que maneira estas elaborações sobre o modelo EEA se referem à diferenciação dos sujeitos? De acordo com autores clássicos como Trevarthen (1979, 1998) e Tomasello (1999), indícios de um estado de diferenciação do sujeito podem ser observados quando o bebê começa a exibir em seu comportamento que é capaz de compreender a intenção comunicativa do parceiro. Assim, quando ele demonstra que é capaz de discernir a intenção do parceiro em se comunicar das ações utilizadas para tal, coloca-se que ele o faz porque reconhece o papel do parceiro como separado do seu no diálogo. Isto é o que Tomasello (1999) chama de “revolução dos nove meses”, pois é o período em que este fenômeno ocorre. Segundo Trevarthen (1979; Trevarthen & Hubley, 1978) neste período emerge a intersubjetividade secundária, que é quando os objetos começam a ser compartilhados com pessoas.

O que Lyra (2007b) propõe é que traçar o desenvolvimento histórico dos diálogos abreviados no início da vida pode esclarecer as origens dessa mudança que ocorre por volta dos nove meses de idade do bebê. Assim, esse funcionamento diferenciado no período da abreviação (livre do espaço imediato e contingente das ações) exhibe a semente para uma capacidade simbólica e semiótica. Neste sentido, Lyra e colaboradores (Lyra, op. cit.; Lyra & Bertau, 2008) propõem que a abreviação exhibe os primeiros vestígios da diferenciação dos parceiros, mãe e bebê, em relação ao diálogo um com o outro.

Os aspectos centrais em relação aos conceitos de estabelecimento, extensão e abreviação descrevem as mudanças nos processos de comunicação através do tempo, enfatizando, assim, a natureza histórica do desenvolvimento (Lyra & Winegar, 1997). Como estes autores apontam, “as características mais distintas do desenvolvimento são sua criatividade e irreversibilidade” (p.96). E é através do tempo que uma nova compreensão e mudança dialógica dos parceiros ocorre, partindo da dinâmica mútua e interdependente que caracteriza o diálogo. Ou seja, estes dois aspectos – irreversibilidade do tempo e interdependência entre os parceiros (que se refere também à questão do processo, da dinâmica e da transformação) – relacionam-se à perspectiva dos sistemas dinâmicos e àquela dialógica. O dialogismo tem como axioma a necessidade da existência de sujeitos (*selves*) que dialogam. A teoria dialógica, sobretudo filiada a Bakhtin, postula este fato. Desta forma, o dialogismo parece nos fornecer um instrumental valioso que se acopla às colocações acerca dos sistemas dinâmicos quando se trata de investigar a emergência do sujeito.

2.2. PERSPECTIVA DIALÓGICA

O termo ‘diálogo’ é bastante usado coloquialmente e, em geral, sugere a idéia de dinamismo e de ação conjunta, pois se refere a uma relação na qual dois ou mais parceiros estão envolvidos e em interação. Vygotsky (1994) e outros semiotistas colocam que todas as

ações de um sujeito, incluídos aqui seus diálogos, são fenômenos sociais e históricos. Autores que lidam com a idéia de interacionismo, aquela que prevê uma interdependência entre o agente e seu ambiente sócio-histórico, colocam que a mente humana se desenvolve através da comunicação social e é através desta que as pessoas definem, constroem, moldam e agem sobre suas realidades (Marková, 1990a). Neste sentido, podemos dizer que a base para que a interação aconteça é o fenômeno que coloca os indivíduos em condição de trocas dialógicas.

Cabe ressaltar, no entanto, que a perspectiva dialógica utiliza-se de diversos termos para se referir e abranger este mesmo fenômeno. Diálogo, dialogismo e dialogicidade indicam diferentes aspectos desta atividade humana, e uma definição de cada um destes termos pode nos propiciar uma melhor compreensão do conjunto de idéias que embasa esta perspectiva.

O termo diálogo, em geral, se refere a um sentido mais específico do fenômeno em questão e indica comunicação simbólica oral, gestual e face-a-face³, que resulta de uma interação que envolve a imediaticidade no tempo e no espaço, onde os parceiros estão, intencionalmente conscientes e se orientam, um em direção ao outro, num ato comunicativo. Quando um parceiro responde ao outro, sua resposta vai além da mera imediaticidade das vocalizações e gestos do outro, sendo que estes gestos e vocalizações representam experiências do passado e conhecimento cultural, que podem ou não ser compartilhados (Marková, 1990a).

Em um primeiro momento, a idéia que se faz de diálogo pode ser traduzida pela imagem de duas ou mais pessoas colocando palavras encadeadas em suas frases para estabelecer uma conversa. Entretanto, Marková (1990b) expande e aprofunda esta idéia e coloca que um diálogo é um processo composto por três passos: 1) a comunicação inicial de

³ O termo “face-a-face” é aqui utilizado com um significado mais amplo do que a proposta por nós assumida, na qual um parceiro deve estar posicionado de frente para o outro. Nesta situação, “face-a-face” se refere a quaisquer relações estabelecidas onde o diálogo possa ser mantido.

um dos parceiros, 2) a resposta do outro, 3) a resposta do primeiro à resposta do segundo. O diálogo, assim concebido, tem como unidade mínima estes três turnos, que necessariamente colocam os parceiros em condição de interdependência, no sentido que cada um tem direta participação no turno do outro. Além disto, o resultado deste processo é um produto único, que não pode ser definido previamente. Assim sendo, este conceito confere ao diálogo o caráter aberto, criativo e transformador que lhe é peculiar (Lyra, 2006a).

A qualidade do diálogo mantido vai dizer da extensão do conhecimento entre os parceiros, de modo que quanto mais o conhecimento mútuo está internalizado e quanto maior a capacidade de assumir a perspectiva do outro, mais eles são capazes de abreviar seu diálogo. Um excelente exemplo disto é o diálogo mantido entre o casal Kitty e Levin do romance *Anna Karenina* de Tolstoy, mencionado anteriormente. Há situações em que apenas uma palavra (ou até mesmo apenas a inicial das palavras) é necessária para que todo o sentido da frase seja mutuamente compreendido devido ao conhecimento existente entre ambos (Vygotsky, 1986). Marková (1990a) aponta, então, a crucial importância dos diálogos para que se possa compreender mudanças na linguagem.

Ainda conceituando diálogo, temos que o monólogo é uma contraparte deste processo interativo. Claramente distinto do monologismo, que é uma epistemologia do individualismo, o monólogo é de natureza dialógica. Exemplos de monólogo são as descrições dos próprios sentimentos, experiências e pontos de vista, isto é, eventos nos quais a atenção ao interlocutor é mínima ou nula (Marková, 1990a). Mas Marková esclarece que a distinção entre monólogo e diálogo é difícil de ser feita, pois se tratam de formas transitórias de discurso. Assim, mesmo que um indivíduo esteja em situação de imediatez temporal e espacial com outro indivíduo, ele pode se isolar completamente em seu próprio ponto de vista durante as trocas com o outro.

A noção de dialogicidade, conforme Bertau e Gonçalves (2007) apresentam, indica uma propriedade essencial a todos os processos humanos de produção de sentido, e assim, embasa e determina todas as estruturas e processos psicológicos e comunicativos. Pressupor a dialogicidade significa conceber qualquer expressão humana sempre em relação a outras expressões. Deste modo, enunciados falados, textos escritos, pensamentos e ações sempre representam uma resposta a enunciados, textos, idéias e ações previamente colocadas. Os autores ainda esclarecem que a dialogicidade é alicerçada sobre um certo *ethos*, uma totalidade de atitudes, padrões de ações e julgamentos que pertencem a uma forma de vida historicamente concreta, e esse *ethos* é abarcado por aquilo que é chamado dialogismo.

Diferentemente do monologismo, que como epistemologia ignora as relações dialógicas entre o indivíduo e a sociedade, e toma a linguagem como um sistema de signos prontos, normativos e estáticos, o dialogismo é uma abordagem epistemológica do estudo da mente e da linguagem como fenômeno cultural e histórico, que se refere a uma perspectiva relacional quanto aos indivíduos (Marková, 1990a; Bertau & Gonçalves, 2007). Marková esclarece que o monologismo, objeto de estudo dos filologistas e dos linguistas, parte de um princípio estático, de que a linguagem é pronta, normativa e um sistema estático de signos, podendo ser estudada nas suas menores partes. Esta disciplina toma cada vocalização como um ‘monumento isolado’, e ainda que as relacione entre si, não as relaciona no fluxo da comunicação humana real. Vista desta forma, a linguagem parece morta e não faz sentido numa perspectiva onde cada enunciado é considerado uma resposta ativa do falante a algo que o precedeu. Por outro lado, a referida autora coloca que o significado de palavras e vocalizações é sempre co-determinado, por quem fala e por quem ouve, trazendo assim, novamente a idéia de que todos os parceiros participam ativamente do processo comunicativo e de que a linguagem é um fenômeno vivo. Assim, segundo Marková, as contribuições dos

estudos sob a perspectiva monológica têm sua importância resguardada, desde que sejam postas sob uma perspectiva de caráter mais dinâmico e relacional.

De acordo com o dialogismo, a linguagem e o discurso se originam e se desenvolvem *através* da interação social e da comunicação, o que faz destes dois últimos aspectos absolutamente essenciais à existência da linguagem e do discurso enquanto fenômenos vivos. Marková (1990a) coloca que a origem desta abordagem vem do expressionismo alemão dos séculos dezoito e dezenove, e muitas das colocações de Bakhtin e seu círculo se valem das colocações destes autores. Na perspectiva bakhtiniana, o diálogo pode ser compreendido num sentido mais amplo do que aquela idéia relativa à comunicação face-a-face, incluindo aqui comunicações de qualquer natureza. Seguindo nesta direção, um livro, como Rommetveit (1991) afirma, pode ser um exemplo de comunicação, e sua compreensão uma aventura dialógica, onde o autor tenta tocar seus possíveis leitores imaginando como eles podem responder a seu trabalho, e os leitores, por sua vez, tentam encontrar as intenções do autor.

Colocando os três conceitos aqui apresentados juntamente, temos que, enquanto o dialogismo é uma abordagem epistemológica, o diálogo e padrões dialógicos são mais obviamente ontológicos, e a dialogicidade é um constructo assumido como real que tem *status* ontológico. Para o dialogismo, a dialogicidade é inescapável, e em sendo assim, mesmo que as expressões humanas se apresentem em formas de monólogos, elas são interpretadas como determinadas pela dialogicidade, sendo, portanto dialógicas. Deste modo, os diálogos são as formas de expressões simbólicas dos indivíduos, e o lugar onde se produz sentido (Bertau & Gonçalves, 2007).

Considerando uma perspectiva desenvolvimentista, Bertau e Gonçalves (2007) colocam a dialogicidade como existindo desde o início da vida (e até mesmo antes disto), e se desenvolvendo *através* do outro social. Trata-se de uma potencialidade que evidencia um processo com duas facetas: ela significa que o indivíduo espera o endereçamento do outro

para si, e também implica em uma orientação do indivíduo para o outro e para ele mesmo (mesmo que seu *self* ainda não esteja constituído). Esta potencialidade é realizada através do diálogo que o recém-nascido estabelece com seus parceiros. Neste sentido, a dialogicidade tem um caráter ao mesmo tempo inato e adquirido, e reside tanto no indivíduo como nas relações entre eles.

Todavia, conforme Lyra e Bertau (2008) esclarecem, o *status* do diálogo no início da vida é um questionamento aberto, dado que parece não haver consenso sobre quanto a performance dos bebês e dos seus parceiros pode ser compreendida como diálogos. Assim, ainda que o diálogo, o dialogismo e a dialogicidade sejam principalmente relacionados ao uso da linguagem (Bertau & Gonçalves, 2007), a noção que assumimos é similar àquela proposta por autores como Lyra (2006a; 2007a; 2007b), Lyra e Bertau (op. cit.), Garvey e Fogel (2007), Fogel e cols (2006), onde as trocas pré-verbais são consideradas diálogo. E, neste sentido, adotamos a perspectiva dialógica para compreendermos o papel da fala da mãe no processo de diferenciação dos sujeitos.

2.2.1. Dialogismo de Bakhtin

Quando investigamos o desenvolvimento humano tratamos de um processo que necessariamente envolve a noção de sujeito psicológico, ou self (Lyra, 2006a). As contribuições de Bakhtin (1992; 1997; 2003; 2007) são norteadoras neste trabalho, pois nelas encontramos conceitos e reflexões que nos permitem compreender o fenômeno segundo o qual os sujeitos começam a se diferenciar, nosso foco de interesse. Especificamente nos referimos aos conceitos de self, único lugar, responsividade (*answerability*), autoria, polifonia e enunciado.

Somados a estes trabalharemos outros pontos colocados pelo autor que nos servirão de base para uma melhor compreensão tanto dos conceitos acima, como do nosso objeto de pesquisa. Mas antes de adentrarmos as explanações acerca dos mesmos consideramos

necessárias algumas ressalvas com o intuito de contextualizar as colocações e o pensamento de Bakhtin.

Cabe observar inicialmente que apesar de a Psicologia ter sido um dos focos de interesse de Bakhtin – o que fica explícito em diversas colocações ao longo de suas várias obras, como, por exemplo, *O Freudismo* (2001) – suas áreas de maior atenção foram a linguística e a filosofia. Assim, a utilização de suas proposições para a compreensão de fenômenos relativos ao psiquismo, em muitos momentos, requer uma adaptação, uma espécie de filtragem, ou tradução, para o nosso universo. Alguns de seus temas são mais referidos ao universo do sujeito psicológico, como por exemplo, a noção de *self*, de responsividade, de único lugar, mas conceitos como polifonia e autoria são claramente formulados com base em reflexões acerca de obras literárias, e que aqui nos servem para compreender o processo de diferenciação dos sujeitos e o papel da fala da mãe neste processo. Esta “importação” de conceitos bakhtinianos para o ramo da Psicologia não é um projeto inovador deste trabalho. Outros autores como Souza (1999), Ribeiro (2003), Amorim, (2004), Leitão (2007), Garvey e Fogel (2007) para citar alguns, também fazem uso deste recurso para compreender diferentes questões acerca do psiquismo.

Outra consideração importante se refere à natureza do pensamento de Bakhtin. Sua linha de raciocínio propõe uma nova ordem ao nosso pensamento.

“O difícil em Bakhtin é a exigência que seu modo de pensar faz ao nosso, a exigência de mudar as categorias básicas que a maioria de nós utiliza para organizar o próprio pensamento. A fim de conhecer Bakhtin, temos de modificar as habilidades que desenvolvemos para chegar a conhecer qualquer coisa anterior ao nosso encontro com ele.” (Clark & Holquist, 2004, p. 33).

Em Bakhtin os opostos são passíveis de integração, e sua convivência lado a lado tem força criadora. Interior *versus* exterior; individualidade *versus* coletividade; a ocupação de um único lugar *versus* a necessidade de ser penetrado e penetrar o outro são algumas das tensões

que Bakhtin coloca como co-existindo no mesmo território e possibilitando o evento da existência. Num primeiro momento, trata-se de uma linha de raciocínio de difícil compreensão, mas a coerência (e por que não dizer a beleza?) existente nas proposições do autor suplantam tal dificuldade.

Como consequência do que foi exposto acima, temos que os conceitos bakhtinianos, além de complexos, não parecem permitir uma ordenação característica do pensamento linear próprio das ciências. Não há como mencionar um conceito sem sermos remetidos à necessidade de compreensão de outro conceito adjacente, que, por sua vez, remete a outro, e assim sucessivamente. Ou mais especificamente, como explicar a noção de único lugar sem mencionar que deste lugar somos compelidos a responder ao mundo? Como tratar a idéia de responsividade sem mencionar a noção de autoria e, portanto, de autobiografia? Como falar em autobiografia sem mencionar que esta é escrita do único lugar ocupado por um indivíduo? É possível falar em autoria sem uma referência à noção de co-autoria, e, portanto, de que em nossa voz várias outras vozes se fazem presentes? É possível tratar de conceitos como polifonia, autoria, responsividade, único lugar sem uma alusão à noção de *self*? Como pensar a emergência do *self* sem ligá-la ao diálogo? Mas a idéia de diálogo pressupõe indivíduos que, mesmo sendo únicos, se deixam penetrar e penetram no outro; que inevitavelmente respondem a seus parceiros, mesmo que nada façam; que necessitam da visão do outro para visualizar sua própria imagem.

Assim sendo, as proposições de Bakhtin formam um todo tão entretecedamente arquitetado que suas colocações nos remetem à imagem de um círculo, ou de uma mandala, onde não é possível visualizar um ponto inicial, de modo que cada elemento está em interação com todos os outros. Mas para cumprirmos nossa tarefa de expor conceitos que nos são relevantes propomos uma organização que pretende ser funcional e que possibilite a definição

destes. Uma vez que a diferenciação dos sujeitos, tal como a compreendemos neste trabalho, se respalda no conceito de self exposto por Bakhtin, é por este que iniciaremos.

Uma das primeiras colocações que se pode fazer a respeito deste conceito é que, como Holquist (1990) aponta, para Bakhtin, o *self* é relacional. Isto implica dizer que ele só existe como interdependente do outro social. Para explicar melhor esta concepção recorreremos à proposição do autor a respeito da complementaridade de visões que caracteriza as relações entre pessoas, a noção de excedente de visão (*surplus of seeing*). Diz Bakhtin:

“sempre verei e saberei algo que ele [o outro], de sua posição fora e diante de mim, não pode ver: as partes de seu corpo inacessíveis ao seu próprio olhar – a cabeça, o rosto, e sua expressão –, o mundo atrás dele, toda uma série de objetos e relações que, em função dessa ou daquela relação de reciprocidade entre nós, são acessíveis a mim e inacessíveis a ele” (2003, p.21)

Segundo esta colocação, eu vejo aquilo que o outro não vê e, do mesmo modo, o outro vê aquilo que eu não posso ver. Dentre aquilo que não posso ver está minha própria imagem, meu *self*. Assim, é apenas através da apropriação da visão dos outros que posso ver meu *self*.

Disto decorre que o *self*, tal como exposto por Bakhtin, não é sozinho, nunca é completo, pois só existe na relação com o mundo e com outros *selves* (Clark & Holquist, 2004). A criação de um *self* está sujeita à percepção da própria imagem externa, pois um indivíduo vê a si mesmo como concebe que os outros o vêem. Se, para que o indivíduo possa perceber sua própria imagem, ele precisa se apropriar de sua imagem externa, poderíamos pensar que tal visualização seria possível àquele que se coloca diante do espelho, o que lhe livraria da necessidade inescapável do outro. Entretanto, ao contemplar-se no espelho este indivíduo permanece dentro de si, e vê apenas seu reflexo, i.e., ele vê o reflexo de sua imagem externa, mas não vê a si mesmo em sua imagem externa, pois este não o envolve ao todo (Faraco, 2008). Isto apenas reforça o papel do outro e o coloca como fundante, pois é somente através dele que um indivíduo pode construir seu *self*.

Como o próprio Bakhtin adverte, a percepção da própria imagem é um processo difícil. Ela é de tal modo complexa e intrincada que o autor a coloca como produto de uma fraude óptica, uma vez que “contemplo minha imagem externa (...) pelo prisma da alma avaliadora do outro possível” (Bakhtin, 2003, p.29). Trata-se de uma alma desprovida de autonomia, que se refere a um outro fictício, aos olhos do qual não vejo minha verdadeira imagem, meu verdadeiro eu, mas minha persona⁴, aquilo que em essência não traduz completamente quem sou, mas que naquela situação é tomada como sendo eu mesmo. Faz-se necessário, então, um retorno a si mesmo, de modo que, para que um indivíduo possa criar seu *self*, ele precisa estabelecer um processo de transitar dentro e fora de si mesmo (Holquist, 1990), pois sua imagem externa é vivenciada por dentro e vai se definindo ao lado da pessoa que ele é (Bakhtin, op. cit.).

Notemos, portanto, que a emergência do *self* não acontece baseada apenas naquilo que o indivíduo encontra externo a si. Podemos dizer que é na busca de se apropriar da visão dos outros que esse trânsito entre interior e exterior se estabelece. Dito de outro modo, na busca de criar a si mesmo o indivíduo sai ao encontro do outro, e assim pode voltar com o seu *self* (Clark & Holquist, 2004). Bakhtin destitui, deste modo, a soberania do território interior do homem. “Olhando para dentro de si ele olha o *outro nos olhos* ou *com os olhos do outro*” (Bakhtin, 2003, p.341). O que vai determinar a construção do *self* é aquilo que acontece no limiar entre indivíduos, retirando assim o foco daquilo que acontece apenas internamente, pois o interior não se basta a si mesmo. Deste modo, cada vivência interior reside na fronteira

⁴ Termo junguiano utilizado por Bakhtin, que se refere às várias máscaras utilizadas por um indivíduo no curso de sua vida social. Nos diferentes ambientes por onde circula, diferentes personas são utilizadas: a persona do pai, do filho, do marido, do profissional, etc. A noção de persona revela a tensão indivíduo *versus* coletividade, pois como Jung esclarece, ela é uma máscara da psique coletiva, uma espécie de artefato psíquico que busca “convencer aos outros e a si mesma que é individual, quando na realidade não passa de um papel ou desempenho através do qual fala a psique coletiva” (Jung, 1981, p.272)

entre consciências, no encontro entre elas. Nas palavras de Bakhtin: “Ser significa conviver.” “Ser significa ser para o outro e, através dele, para si.” (Ibid).

A constituição do *self* na perspectiva bakhtiniana se refere ainda à tomada de consciência (Bakhtin, 1992). Em outras palavras, os sujeitos podem se diferenciar quando a consciência desperta. Mas esta só pode despertar envolvida pela consciência do outro, na relação com o outro. Poderíamos pensar este processo como um segundo nascimento, aquele que insere o indivíduo na história e na sociedade, e o torna um indivíduo com subjetividades (Freitas, 2007). As reflexões acerca da consciência nos revelam novamente a importância do caráter social na teoria de Bakhtin. Questões que poderiam ser tomadas apenas como individuais são reveladas em relação ao social, à interação entre pessoas. Mesmo sendo a consciência individual, esta só pode ser explicada enquanto um fenômeno sócio-ideológico. Mais que isto, esta noção, a partir deste aspecto social, nos remete novamente ao papel fundante do outro na constituição do *self*.

Segundo esta perspectiva, viver significa experimentar a dialogicidade, tal como apresentamos anteriormente (Bertau & Gonçalves, 2007). É na relação com o outro que o indivíduo consegue ver a si mesmo. Ele só toma consciência de si mesmo e se torna si mesmo ao se revelar para o outro, i.e., através do outro. Assim, a autoconsciência é determinada por sua relação com outras consciências. É interessante observar que nesta perspectiva o ensimesmamento, a separação e o desligamento dos outros são vistos como a causa central da perda de si mesmo (Bakhtin, 2003).

Temos, então, que a existência é sustentada pelo princípio da alteridade (*otherness*), princípio que propõe que o outro é necessário para que eu possa me constituir, o que nos permite compreender que na relação mãe-bebê um parceiro é necessário para que o outro possa construir seu *self*. Além disto, temos que, para Bakhtin, a existência é estética, onde o homem é visto em sua integridade. E esta integridade não é fundamentada de dentro, “a partir

de uma eventual autoconsciência” (Bakhtin, 2003, p.83), mas a partir do todo que o envolve. Lightfoot (2005) adverte que o que este autor propõe com o termo “estético” não se refere ao objeto relativo à beleza nascido da aquiescência não interrogada, não refletida, mas sim ao propósito, à força, e à compreensão nascidos da inspiração.

Para Bakhtin, a existência implica na necessidade inescapável de responder ao mundo, é o que o autor chama de responsividade (*answerability*) (Bakhtin, 1999). “Não temos alibi possível” para a existência, pois estar vivo é ser capaz de responder ao mundo. Diante disto, temos que o mundo se endereça ao indivíduo, e este, por não ter alternativa, responde ao mundo. Enfatizamos que, de acordo com Bakhtin, responder ao mundo não é uma questão de escolha, mas sim condição para a existência. Assim sendo, nesta perspectiva mesmo uma não-resposta é considerada uma resposta. Disto deriva a noção de que um indivíduo tem participação em tudo que cruza seu caminho. Mesmo que nada faça, ele oferece uma resposta ao seu parceiro. Estas respostas são geradas do único lugar ocupado por ele ao longo de sua existência (Ibid). Trata-se de um lugar espacial e temporal que é ocupado somente por aquela pessoa ao longo de sua vida. É desse lugar único, particular, individual que as coisas são percebidas, de modo que mesmo que duas pessoas estejam simultaneamente num mesmo evento, a percepção de cada uma delas a respeito dos acontecimentos será diferente e complementar.

Um exemplo trazido por Holquist (1990) parece clarear o que Bakhtin propõe com este conceito: se eu corto meu dedo com uma faca, uma outra pessoa pode estar atenta ao fato de eu sentir dor, e pode até empatizar-se com a minha dor, mas esta quem sente sou eu, ela é endereçada apenas a mim. Esta outra pessoa pode empatizar com a minha dor, mas não pode senti-la. Ela vivencia minha dor como sendo minha. Sua reação não é a de um grito de dor, mas pode ser de uma palavra de consolo ou um ato de ajuda.

Vale apontar a diferença quanto à noção de empatia e a possibilidade de fusão entre indivíduos. Diante das colocações acima, a fusão completa nunca seria possível, mas ainda que fosse, ela impossibilitaria a diferença indispensável ao diálogo. Se eu me fundisse ao outro, estaria preso às limitações que sua visão me impeliria. A empatia, por outro lado, representa um enriquecimento dos vivenciamentos.

“A eficácia do acontecimento não está na fusão de todos em um todo, mas na tensão da minha distância e da minha imiscibilidade, no uso do privilégio do meu lugar único fora dos outros indivíduos.” (Bakhtin, 2003, p.80).

Em outras palavras, Bakhtin não só rejeita a possibilidade de fusão entre pessoas, como também enaltece a separação entre elas. É esta condição que permite ao indivíduo ver o outro e não ser o outro (Clark & Holquist, 2004). E é esta a noção que assumimos em relação à comunicação mãe-bebê. A nosso ver, tratam-se de parceiros que se encontram em condição de simultaneidade das diferenças (Bakhtin, 2007). Isto é, uma condição na qual eles estão em simultaneidade, já que são interdependentes no diálogo, mas que cada um o faz do seu próprio lugar. Retomamos ainda a noção de excedente de visão, e colocamos que é por ocuparem lugares distintos que cada indivíduo vê coisas que seu parceiro não pode ver. Estas visões únicas que se complementam fazem da existência, nas bases aqui propostas, um evento ao mesmo tempo único e compartilhado.

Neste sentido, em nosso entender, mãe e bebê, de seus únicos lugares, respondem um ao outro e complementam suas existências. Ainda temos que destes únicos lugares que ocupam, eles exercem a atividade de autoria, i.e., tornam-se autores de si mesmos e escrevem suas autobiografias (Bakhtin, 2003). Esta atividade é de natureza dialógica, pois o indivíduo se coloca “em relação à consciência viva e isônoma do outro” (p.339). Ele interroga, concorda, discorda, provoca, não abafa a voz do outro, não a torna inanimada, nem conclui. Faraco (2008) coloca que ser autor de si mesmo significa funcionar como um autor-criador, não exercendo um discurso direto sobre si mesmo, mas distanciando-se, tornando-se um outro

em relação a si mesmo. Em outras palavras, significa exercer sobre si próprio a atividade dialógica, ou praticar o que pode ser chamado de um auto-excedente de visão. Trata-se de um processo fundamentado no princípio da alteridade, que promove uma autocontemplanção. Segundo Lyra (2006a, 2007a), diante destas condições, a autoria possibilita a troca criativa que caracteriza o diálogo, de modo que este fenômeno, tal como proposto aqui, é constitutivo da pessoa humana.

O caráter essencial do outro na constituição do indivíduo, e mais especificamente no processo de autoria, se refere à necessidade de penetrá-lo mencionada anteriormente. O outro é necessário para que eu possa escrever minha autobiografia, de modo que a autoria de minha vida é com ele compartilhada. É como se ela acontecesse na intersecção entre mim e o outro. Todo processo de autoria, é, portanto, num sentido mais amplo, um processo de co-autoria. Tal proposição nos revela o caráter polifônico da constituição humana.

As noções de autoria e de polifonia são dois exemplos daquelas colocadas pelo por Bakhtin em relação às suas reflexões sobre obras literárias e que nós fazemos o exercício de trazê-las para o nosso universo de interesse. Neste caso, estes conceitos nos possibilitam refletir acerca da autoria (co-autoria) da fala da mãe durante o processo de comunicação com o bebê. São vários os autores analisados por Bakhtin (2007), mas é a obra de Dostoiévski que tem maior peso sobre suas colocações. É no trabalho literário deste escritor que ele encontra este estilo de romance, chamado de romance polifônico. No diálogo criado por Dostoiévski todas as personagens centrais participam, escutando tudo o que as outras dizem a seu respeito, e respondendo a estas. As personagens vão então participar da história, estando em interação com o autor. Este, por sua vez, não as controla. Ao contrário, ele as deixa interagirem e participarem do diálogo.

O que vai caracterizar a polifonia no romance é justamente a atitude do autor em relação a seus personagens. Não importa a Dostoiévski um “conjunto de idéias em si como

algo neutro e idêntico em si mesmo” (Bakhtin, 2003, p.199), mas a disposição das vozes e a interação entre elas, a realização de um determinado tema sob a multiplicidade essencial inerente à diversidade de vozes. Cada personagem é um sujeito com sua individualidade preservada, marcada pelo papel que desempenha. Segundo Bakhtin, este escritor utiliza o excedente de visão de maneira aberta e honesta, que se revela dialogicamente ao outro. É neste sentido que a polifonia presente em seus romances ilustra o conceito de autoria (que, sendo assim, sempre se refere à co-autoria) de Bakhtin.

O autor, que revela sua atividade participando do diálogo com suas personagens, faz soar sua voz ao lado das vozes destas personagens interrogando, provocando, respondendo, concordando, discordando delas (Bezerra, 2008). Podemos pensar, então, que neste processo de escrever sua autobiografia o indivíduo funciona como um autor de romance. Bakhtin (2007) designa vários tipos de romance⁵, entre eles destacamos o romance de formação de homem, no qual a imagem da personagem é vista como uma unidade dinâmica, de modo que o herói não permanece o mesmo ao longo do romance. Isto faz com que todo o enredo seja reconstruído. No romance de formação de homem realista, o subtipo dos romances de formação que Bakhtin considera mais importante, a formação do homem está em indissolúvel relação com a formação histórica. Isto quer dizer que em romances desta natureza o mundo não se apresenta pronto e estável. A formação do homem não é assunto particular, referindo-se apenas àquele homem, mas coincide com a formação do mundo. Podemos dizer que, assim como o autor do romance polifônico, o indivíduo é o organizador do diálogo que lhe acontece internamente. Encaramo-lo em constante relação dialógica com outros indivíduos, e com o mundo, e assim, concebemos que ao longo de sua existência, é este tipo de homem que está em formação.

⁵ Para uma descrição completa dos tipos de romance, ver Bakhtin (1979/2003)

Assim, no que se refere à noção de sujeito psicológico, a polifonia se coloca como um fenômeno onde se enxerga o papel dos outros para aquele que enuncia, de modo que a voz do outro é integrada à voz do falante. Como Freitas aponta,

“A polifonia enfatiza a coexistência de uma pluralidade de vozes que não se fundem em uma única consciência, mas existem em registros diferentes, num dinamismo dialógico” (2007, p.147/8)

Pressupor a polifonia significa, portanto, colocar o indivíduo em relação dialógica com aqueles que cruzam seu caminho e se fazem significativos a ponto de, mesmo sem estarem presentes fisicamente, continuarem se fazendo ouvir, e darem o tom de seus suas vozes. Fosse de outro modo, a relação do indivíduo com seus parceiros seria inerte, concluída, surda à resposta do outro (Bezerra, 2008). Clark e Holquist propõem que “o que Bakhtin chama de “polifonia” é simplesmente aquele fenômeno cujo outro nome vem a ser dialogismo” (2004, p. 261), e assim se liga à noção de discurso internamente persuasivo (Bakhtin, 1992). Este discurso, que é conceituado em oposição ao discurso impositivo (Ibid), pressupõe uma criação do falante sobre aquilo que ele enuncia. Ele pode ser exemplificado com alguém recontando uma história com suas próprias palavras, enquanto o discurso impositivo seria como recitar um texto decorado.

Lightfoot (2004), (também Cunha, 2005; Goulart, 2005; Holquist, 1990) indica que o discurso impositivo não abre espaço para uma discussão ou para a fusão de crenças, valores ou conhecimentos daquele que o pronuncia. Ele é inerte, prefigurado e calcificado. Já o discurso internamente persuasivo é dinâmico, criativo e aberto para o novo. Ele é “metade nosso e metade do outro”, e desta forma se configura como sendo co-autoral ou dialógico. A este respeito, Goulart esclarece que o discurso impositivo vem carregado de autoridade e carece de persuasão, enquanto o discurso internamente persuasivo tem a capacidade criativa de organizar as várias vozes que habitam o interior do sujeito.

No que se refere à relação mãe-bebê, compreendemos que a voz da mãe é construída conjuntamente com diversos parceiros, dentre eles o bebê. Trazemos, então, este conceito para o nosso campo de trabalho, pois entendemos que as posições pelas quais a mãe se desloca durante a comunicação com o bebê revelam uma co-autoria com este parceiro. Além disto, podemos pressupor que, ao assumir a posição do bebê, a mãe busca conhecer, internalizar este parceiro. A polifonia, neste sentido, se coloca como uma característica da fala da mãe, e também como uma ferramenta para que o conhecimento do parceiro se estabeleça.

Somado a este aspecto temos que a dinâmica da polifonia se revela mais claramente nos enunciados de um indivíduo, pois ao enunciar ele dialoga com as vozes que existem no interior do seu discurso. Interessa-nos compreender a visão de Bakhtin sobre este tema, mas esclarecemos que não adentraremos a discussão a respeito da distinção entre os termos “enunciado”, “enunciado concreto” e “enunciação” e suas variadas definições⁶. Enunciados são aqui compreendidos como unidades de fala, que abrem a possibilidade para uma resposta. Eles são produto da interação entre indivíduos organizados socialmente, mas podem ocorrer sem que haja um interlocutor real (Bakhtin, 2003). Neste caso o enunciador não se dirige a um interlocutor abstrato, entidade que, para Bakhtin, não existe. Na verdade, o que ocorre é a substituição do interlocutor real por um interlocutor médio do grupo social ao qual pertence o enunciador. Podemos pensar que numa situação como esta é como se o autor do enunciado se referisse a todos os seus possíveis interlocutores.

Podemos dizer, portanto, que os enunciados sempre são dirigidos a alguém e sempre abrem possibilidades para uma resposta. Neste sentido, segundo Bakhtin (2003), eles variam conforme o *status* social do interlocutor, de modo que, a maneira como o falante percebe seu interlocutor pode determinar o estilo de seus enunciados. A criação de um enunciado continua, portanto, na sua compreensão. Ela é ativa e criadora, pois completa o enunciado, e

⁶ Para um aprofundamento desta discussão, ver Brait & Melo (2008)

assim, o sujeito da compreensão é um co-criador deste mesmo enunciado. “No ato da compreensão desenvolve-se uma luta cujo resultado é a mudança mútua e o enriquecimento” (Bakhtin, op. cit., p.378)

Além disto, de acordo com Bakhtin (2003), para que possa ser compreendido e respondido, um enunciado deve exibir alguma conclusibilidade. Ele pode ser considerado acabado quando contempla três elementos: (i) a exauribilidade do objeto e do sentido – que é quando se confere relativo arremate ao tema do enunciado dentro das condições definidas pelo autor para aquela situação; (ii) formas típicas composicionais e de gênero do acabamento – isto se refere ao fato do autor escolher um determinado gênero de discurso (ex. a maneira que ele opta para se comunicar com um garçom será diferente daquela utilizada com um chefe); (iii) o projeto de discurso, ou vontade de discurso do falante – o autor tem uma intenção ao enunciar tal discurso e dependendo de qual seja esta intenção é que ele vai finalizar seu enunciado. É a partir desta idéia verbalizada que o ouvinte mede a conclusibilidade do enunciado de seu parceiro e pode imaginar o que ele pretende dizer, de modo que

“os participantes imediatos da comunicação que se orientam na situação e nos enunciados antecedentes, abrangem fácil e rapidamente a intenção discursiva, a vontade discursiva do falante, e desde o início do discurso percebem o todo do enunciado em desdobramento.” (Bakhtin, 2003, p.282).

Estes elementos conferem um relativo fechamento aos enunciados (dado que a conclusibilidade total nunca é possível), e os limites destes são determinados pela alternância entre os parceiros. Cada enunciado se mostra um elo na cadeia da comunicação discursiva e da relação com os outros enunciados a ele vinculados. Em outras palavras, um enunciado faz a ponte entre ele próprio e os outros enunciados ao seu redor, e também àqueles que se fazem significativos quanto à situação a que se refere. Mas os ecos da alternância dos sujeitos do discurso e suas mútuas relações dialógicas se fazem ouvir mais nitidamente nos enunciados

que se apropriam da fala do outro, aqueles em que o indivíduo parece “abrir aspas” para se expressar. Esta qualidade deflagra novamente a complexidade do pensamento de Bakhtin, pois cada enunciado tem precisos limites que são evidenciados pela alternância dos sujeitos falantes, mas dentro desses mesmos limites os enunciados revelam enunciados de outrem, e assim, refletem sua inserção na cadeia de comunicação. E, este aspecto nos possibilita refletir acerca da participação do bebê nas falas da mãe, especialmente quando ela assume sua posição, como apresentaremos quando discutirmos mais detidamente sobre as posições que a mãe assume ao longo da comunicação com o bebê⁷.

Cabe ressaltar que, em termos teóricos, a polifonia pressupõe uma co-autoria com diversos parceiros. Todavia, neste trabalho, circunscrevemos este conceito à co-autoria dividida com o bebê, dado que é esta que nossas análises nos permitem evidenciar e também é esta que nos parece mais relevante diante do nosso foco de interesse, a diferenciação dos sujeitos envolvidos na comunicação. Quanto a isto, temos ainda que Bakhtin compreende a situação do indivíduo no início da vida como vivenciando o “caos confuso da auto-sensação interior” (2003, p.46). E ele enfatiza a importância do papel da mãe neste processo, pois se é na relação com o outro que o indivíduo consegue ver a si mesmo, é na relação com a mãe que isto se manifesta inicialmente. Diz ele: “A criança começa a ver-se pela primeira vez como que pelos olhos da mãe” (Ibid). São as palavras amorosas (para usar os mesmos termos do autor) e preocupações reais da mãe que vão colocando o bebê em contato com o mundo exterior. É como se estes elementos dessem forma ao

“caos infinito e agitado de necessidades e insatisfações, no qual todo o exterior ainda está diluído para a criança e está também diluída e submergida a futura díade de sua personalidade e do mundo exterior que a ele se opõe (Bakhtin, 2003, p. 46).

⁷ Tópicos 4.5.1. **Análise das Posições Assumidas pela Mãe durante o Processo de Comunicação com o Bebê**, onde apresentamos como analisamos estas falas em termos das posições que a mãe assume e 5.4.1. **Posições Assumidas pela Mãe durante o Processo de Comunicação com o Bebê**, onde apresentamos e discutimos os resultados relativos a esta análise.

O que vai contribuir para essa tensão (personalidade *versus* mundo exterior) são os atos e as palavras amorosas da mãe, segundo os quais a personalidade da criança é construída.

“Tudo o que me diz respeito, a começar pelo meu nome, chega do mundo exterior à minha consciência pela boca dos outros (da minha mãe, etc.), com a sua entonação, em sua totalidade valorativo-emocional. A princípio eu tomo consciência de mim através dos outros: deles eu recebo as palavras, as formas e a tonalidade para a formação da primeira noção de mim mesmo. Os elementos do infantilismo da autoconsciência (...) às vezes permanecem até o fim da vida (a concepção e a noção de mim mesmo, do meu corpo, do meu rosto e do passado em tons carinhosos). Como o corpo se forma inicialmente no seio (corpo) materno, assim a consciência do homem desperta envolvida pela consciência do outro. Mais tarde começa a adequar a si mesmo as palavras e categorias neutras, isto é, a definir a si mesmo como homem independentemente do eu e do outro” (2003, p.373/4).

É interessante observar como o autor metaforiza o despertar da consciência, o nascimento do sujeito psicológico, com a geração desse mesmo ser, conferindo, assim, um peso ao papel da mãe e da relação com ela estabelecida para a ocorrência deste fenômeno. Assim, o *self* que emerge no início da vida, a partir do reflexo do olhar e dos tons afetivos da mãe, vai deixar marcas que podem acompanhar o indivíduo ao longo de toda sua existência, pois é o que o indivíduo estabelece na troca com a mãe⁸, desde a infância, que vai formar o homem de fora, e que vai dar consistência ao seu corpo interior.

Conforme colocamos anteriormente, o questionamento em relação ao diálogo no início da vida se mantém em aberto, de modo que não há uma consonância quanto ao caráter das práticas dialógicas estabelecidas pelo bebê com seus parceiros. Seriam estes “diálogos reais”, “pseudo-diálogos”, ou “protodiálogos”⁹? Todavia, a partir dos princípios aqui apresentados, podemos reiterar nossa posição em considerar as trocas estabelecidas entre mãe e bebê como

⁸ As trocas com outras pessoas também se fazem significativas, mas é o papel da mãe, neste início de processo, que é tomado como mais relevante.

⁹ Para uma discussão detalhada sobre este tema, ver Lyra & Bertau, 2008.

diálogos, já que, além de trocarem turnos, na própria relação eles são transformados ao longo do tempo (Lyra & Bertau, 2008).

2.2.2. Diferenciação dos Sujeitos

As colocações de Bakhtin acerca da emergência do *self* nos remetem ao processo segundo o qual os sujeitos diferenciam sua posição no diálogo da posição de seus parceiros. Esta diferenciação do sujeito é tema de grande interesse quando se estuda o desenvolvimento da comunicação no início da vida. Neste tópico visamos a explicitar como concebemos a diferenciação do sujeito e o que fornece condições para que este fenômeno se desenvolva.

Em nossa concepção, em relação ao processo de comunicação mãe-bebê, o *self* emerge ao longo deste processo comunicativo, de modo que os parceiros vão gradualmente assumindo suas próprias posições no diálogo. Compreendemos com Bakhtin que desde o nascimento o bebê se encontra inserido numa dinâmica relacional, na qual os outros e o mundo se endereçam a ele, e diante de sua condição de responsividade e de não ter alibis para a existência, mesmo que nada faça, ele também responde a esses outros e ao mundo (Bakhtin, 1999), mas é ao longo do tempo que ele se constitui um parceiro ativo no diálogo.

Mas se falamos de um processo de desenvolvimento que tem seu ponto final no estado em que os sujeitos começam a apresentar em seus comportamentos que diferenciam suas posições no diálogo, isto implicaria supor que o ponto inicial deste processo implica que os parceiros se encontrem num estado de indiferenciação, ou até mesmo de *fusão*? Naturalmente, tomando a colocação de Bakhtin exposta anteriormente sobre o único lugar ocupado por um indivíduo ao longo de toda sua existência, a resposta a esta questão deve ser negativa, pois isto iria contra os pressupostos nos quais nós alegamos nos basearmos. Não podemos deixar de notar, entretanto, o uso deste exato termo pelo próprio autor quando ele coloca: “A penetração no outro (*fusão* com ele) e a manutenção da distância (do meu lugar), manutenção que assegura o excedente de conhecimento.” (Bakhtin, 2003, p.394/5, grifo meu).

O formato de rascunho e breves anotações do texto¹⁰ em que a colocação citada acima se insere não contextualiza claramente, nem conclui pensamentos, de modo que cabe ao leitor dialogar mais livremente com o mesmo e criar sobre ele um possível fechamento às idéias ali propostas. É este caráter incompleto e inacabado do diálogo que estabelecemos com tais colocações que nos permite criar algumas assunções sobre aquilo que o autor parece indicar, e nos permite funcionar como seus co-autores. Assim, propomos algumas conclusões a respeito da aparente incongruência que esta citação traz em relação a colocações prévias do autor, pois consideramos que a compreensão desta dissonância nos permite captar com mais clareza a complexidade de seu pensamento. Como poderia Bakhtin propor que cada indivíduo ocupa um único lugar na existência e em seguida sugerir a possibilidade de fusão entre indivíduos?

Segundo o princípio da alteridade, o indivíduo necessita do outro para se constituir. Aprofundando nesta concepção temos que, na visão de Bakhtin, a comunhão com o outro é necessária, comunhão esta que só se torna possível através do que ele chama de penetração no outro. Entendemos, portanto, que ao utilizar o termo *fusão*, Bakhtin se refere a um tipo de proximidade entre indivíduos que permite que haja algo desfrutado, compartilhado pelos parceiros em interação. Supomos que se trata de uma noção em que os parceiros possam penetrar no outro, mas sem perder a própria individualidade, isto é, estabelecer “a penetração mútua com manutenção da distância” (Bakhtin, 2003, p.396).

Holquist (1990) esclarece que, para Bakhtin, o outro está no campo da completude. Isto significa que quando eu vejo o outro, ele ocupa um lugar definido na configuração do todo à minha volta, e uma determinada posição em relação às outras pessoas e aos objetos. Mas para que eu possa ver o outro como tendo uma individualidade definida, preciso ter percebido minha posição como diferenciada de sua posição. O peso que Bakhtin confere ao papel da mãe nos momentos iniciais do processo de emergência do *self*, conforme

¹⁰ Metodologia das Ciências Humanas, in Estética da Criação Verbal (Bakhtin, 1979/2003)

apresentamos acima, nos permite admitir que o processo de diferenciação do sujeito acontece primordialmente baseado na relação mãe-bebê. E esta percepção de que o parceiro é um outro definido vai acontecendo ao longo do tempo.

Rochat (2004) propõe que desde momentos iniciais da vida os bebês apresentam capacidade de percepção e ação que lhes permite desenvolver um senso de seus corpos como entidades organizadas diferenciadas dos objetos e do ambiente. Esta noção de self ecológico implica também numa capacidade de integrar informações sensoriais com sensações do seu corpo, onde, por exemplo, ao olhar suas mãos se moverem, o bebê também as sente se movendo. Esta sobreposição de sentidos é crucial para um desenvolvimento inicial de um senso de *self* situado nas experiências corpóreas do bebê, pois contribuem para as primeiras experiências de se sentir numa posição única em relação aos outros (Garvey & Fogel, 2007).

Podemos dizer, portanto, que a noção de *self* ecológico respalda nossa colocação de que o estado inicial em que os parceiros se encontram no início da vida não é de indiferenciação (ainda que o dinamismo proposto nesta idéia seja diferente daquele que assumimos neste trabalho). Assim, sugerimos que inicialmente mãe e bebê não vêem o outro como ocupando um lugar específico, tampouco como completo, mas que também não se encontram fundidos. Ainda que os *selves* estejam pouco delimitados no início deste processo isto não implica que cada parceiro esteja submerso no espaço que pertence ao outro, perdendo assim sua própria individualidade. De outro modo, entendemos que no início deste processo, o que encontramos são selves a serem construídos.

Conforme apresentamos anteriormente, para alguns autores, o bebê começa a apresentar sinais de que se diferencia enquanto sujeito quando ele demonstra em seu comportamento que é capaz de separar a ação da intenção do parceiro (Tomasello, 1999; Trevarthen 1979, 1998). Coloca-se que ele o faz porque percebe sua posição como diferenciada da posição do seu parceiro. Disto decorre que um senso do próprio *self* depende

de uma percepção que o indivíduo tem de si mesmo. Gratier e Trevarthen (2007) colocam que esta auto-percepção começa a ser demonstrada pelos bebês por volta dos seis meses de vida, quando eles, por exemplo, se utilizam de ações que sabem ser graciosas, para assim, confirmarem uma relação carinhosa.

Notemos, entretanto, que a idéia relativa à diferenciação do sujeito parece se referir primordialmente ao sujeito do bebê. Todavia, a visão de que o processo de emergência do *self* é relacional, e assim, é condicionado à troca com o outro, e de que o processo de comunicação mãe-bebê é co-regulado, onde ambos os parceiros passam por mudanças de mesmo grau (Fogel, 1992), nos permite propor um novo olhar para este fenômeno. Sugerimos que acontece na verdade um duplo processo de emergência do sujeito: aquele que se refere ao bebê, e outro, ou o reverso deste mesmo, que se refere à mãe. Deste modo, nos referimos à constituição do *self* de maneira relacional, quanto a dois aspectos: um que se refere à noção de que o sujeito do bebê só pode emergir a partir da relação com os outros (neste caso, tomamos especificamente a mãe), e outro que amplia este olhar relacional, ao sugerirmos que quando esta díade é composta, estabelece-se também um processo de emergência de *self* para cada um dos parceiros, que pode estar sendo experimentado pela primeira vez (no caso do bebê), ou não (no caso da mãe). Consideramos, assim, a noção de que a condição para a mãe se constituir como tal reside na relação com o bebê. E é ao longo das trocas estabelecidas com ele que seu *self*/mãe pode emergir.

Lembremos que Bakhtin (2003) propõe que a condição para que um indivíduo possa ver seu *self* ele precisa se apropriar da visão dos outros, pois ele vê a si mesmo como concebe que os outros o vêem. Colocamos anteriormente que é por se ver refletido no olhar da mãe que o bebê estabelece o processo de construção de seu *self*. Assim, propomos que neste sistema, do qual fazem parte a mãe e o bebê, este outro que oferece uma visão à mãe é o bebê.

Do mesmo modo que ocorre com o bebê, então, é por se ver refletida no olhar deste parceiro que o processo de construção do *self* da mãe se estabelece.

Apontamos ainda que a diferenciação dos sujeitos se trata de um processo histórico. Isto quer dizer que é ao longo do tempo que as mudanças que caracterizam o desenvolvimento e a emergência desta característica podem ser visualizadas, e estas mudanças se respaldam na história da relação entre mãe e bebê. Assim sendo, propomos que no início deste processo a mãe se vê refletida naquele que ela julga ser o olhar do bebê e, só posteriormente, quando este começa a ocupar sua posição, e, portanto, possui uma visão a ser ofertada, é que ela se vê, de fato, no seu olhar.

Mas se para o bebê a diferenciação é vista nos termos expostos acima, como poderíamos visualizar este processo de diferenciação do sujeito/mãe? Entendemos que a mãe se diferencia quando é capaz de enxergar seu parceiro como ativo neste diálogo, dando-lhe lugar para ser um outro e permitindo-lhe ocupar uma posição, que é separada da sua, no diálogo. Propomos, assim, que ao mesmo tempo em que o bebê começa a reconhecer o seu papel como separado da mãe no diálogo, ela também o reconhece como tal.

Diante disto, esclarecemos que ao nos referirmos a este processo sempre o faremos a partir das concepções expostas acima, que fazem sentido diante da perspectiva relacional por nós adotada. Neste sentido, o termo aqui utilizado para nos referirmos a este fenômeno será “diferenciação dos sujeitos”.

Neste trabalho, é a partir da fala da mãe que buscamos compreender o desenrolar deste processo em que ambos os parceiros se diferenciam.

2.2.3. Diferentes Posições

A noção de Self Dialógico proposta primeiramente por Hermans e cols (1996; Hermans & Kempen, 1993) tem sua origem nas colocações de Bakhtin acerca do romance polifônico (2007), segundo o qual, diversas vozes compõem a voz do autor. Nesta concepção

o *self* é visto como multifacetado, mas mais que isto, ele é considerado multivocal e dialógico (Bertau & Gonçalves, 2007).

A dialogicidade do *self* se refere ao diálogo que o indivíduo pode estabelecer externa ou internamente, no qual o *Eu* pode assumir uma multiplicidade de posições¹¹. Isto implica que o *Eu* tem a capacidade de transitar por diferentes posições, algumas até opostas, e doar voz a cada uma delas de modo que as relações dialógicas sejam estabelecidas (Hermans, 1996). A partir destas diferentes posições, diferentes tipos de relações se estabelecem: relações de tensão, de acordo, de desacordo, de conflito, etc, todas elas ocorrendo tanto nos níveis inter- como intra-pessoais (Bertau & Gonçalves, 2007).

Apesar de sua multiplicidade, a noção de sujeito carrega consigo a idéia de unidade, de algo composto por diferentes partes que não podem ser vistas isoladamente. Bertau e Gonçalves (2007) esclarecem que a noção de *Self* Dialógico traz as relações entre os parceiros para o núcleo do *self*. Neste sentido, *self* e outro representam dois lados de uma mesma moeda. Esta idéia indica uma complementaridade e interdependência entre estas duas entidades (*self* e outro), que se liga à idéia proposta anteriormente de que o *self* é relacional e só existe na relação com o outro (Bakhtin, 2003; Holquist, 1990).

Assim, colocamos esta condição também às relações estabelecidas entre mãe e bebê ao longo de seu processo comunicativo. Tomamos, para isto, a idéia desenvolvida anteriormente a partir das colocações de Marková (1990b) e Fogel (1992) sobre o diálogo como um processo constituído por, pelo menos, três passos, e o caráter co-regulado das trocas, respectivamente. Nesta proposta os componentes desta díade não podem ser encarados separadamente, mas sim em condição de interdependência e sob influência mútua. Se um dos parceiros é afetado por uma mudança, o outro também o será e passará por conseqüente mudança. Assim, o processo histórico do desenvolvimento da comunicação constrói sujeitos

¹¹ *I-positions*

psicológicos únicos. Sujeitos estes que emergem e se transformam a partir das relações estabelecidas entre os parceiros.

Contudo, ainda que se tenha a idéia de unidade para o olhar em direção às díades, faz-se necessário levar em consideração a assimetria desta relação (Rommetveit, 1991). Colocar os parceiros em condição de interdependência e propor que eles são transformados mutuamente ao longo do processo comunicativo não significa colocá-los em condição de igualdade. Esta noção de assimetria, portanto, não se opõe às nossas colocações anteriores, mas apresenta um detalhamento dos papéis assumidos por cada um dos parceiros, e reforça a idéia de que entre eles ocorre um ajuste ao longo do processo comunicativo. Neste sentido, as peculiaridades e especificidades da mãe e do bebê são preservadas neste processo.

Esclarecemos que neste estudo a multiplicidade de posições é tomada em relação à mãe e o bebê, com atenção às posições pelas quais a mãe transita para assumir o papel do bebê. Obviamente, a natureza dinâmica do *self* é considerada, mas considermos esta abordagem mais adequada, pois as posições mencionadas parecem exercer papel constitutivo deste sujeito que emerge.

3. A FALA DA MÃE: REVISÃO DA LITERATURA

Diversos estudos têm se dedicado a investigar a fala da mãe durante a interação com o bebê. Todavia, cabe observar que a maioria destes estudos parece ora colocá-la como mais um dentre os aspectos abordados na análise das interações mãe-bebê, ora tratar especificamente das características típicas dessa fala, enquanto desempenhando um aspecto facilitador e construtivo das ligações afetivas e/ou cognitivas do bebê.

Por outro lado, o estudo aqui conduzido representa o esforço de investigar esta fala sob um enfoque sistêmico e dinâmico, onde a comunicação é vista como um processo relacional, histórico, interdependente e criativo, conforme explicitamos anteriormente. Neste sentido, analisamos as transformações ocorridas nas relações entre os parceiros, e concebemos cada troca comunicativa como pertencente a ambos. Assim, buscamos investigar como a dinâmica destas trocas constrói novos padrões de organização da comunicação, e como estes novos padrões exercem influência sobre cada um dos parceiros.

Conforme elaboramos em um outro trabalho (Scorsi & Lyra, submetido), a seguir apresentaremos uma revisão da literatura sobre esta fala com o intuito de destacar a importância de estudá-la como uma co-construção que ocorre inserida no sistema comunicativo. Assim, identificamos as características que permitem supor que a fala materna integra o desenvolvimento da comunicação adulto-bebê compreendido como um sistema em desenvolvimento.

3.1. ESTUDOS SOBRE A FALA DA MÃE

Há autores que colocam as ações da mãe (aqui incluídas as suas falas) como formas de interpretar as ações do bebê. Assim, quando o bebê chora e a mãe trata este choro como protesto, ela o faz porque o interpreta desta maneira. De acordo Lock (1980), a mãe trata o

bebê segundo três pontos de vista: (i) aquilo que ela sabe sobre bebês em geral – bebês sentem fome, sede, arrotam, etc, e a partir deste conhecimento ela busca decifrar seus atos; (ii) aquilo que ela sabe sobre aquele bebê específico – a mãe consegue compreender e antecipar ações do bebê devido à história com ele construída; (iii) aquilo que ela compreende do bebê em termos do contexto cultural do qual faz parte – a mãe interpreta os atos do bebê em função do que é coerente com aspectos culturais. Lock traz um exemplo em que ela interpreta que o bebê lhe oferece um objeto, antes mesmo que ele tenha a intenção de fazê-lo, quando ele deixar cair um objeto em sua direção. Assim, este autor coloca que a fala da mãe dá significado às ações do bebê, e favorecem a percepção que ele vai tendo de si mesmo.

Dentre os estudos que enfocam especificamente na fala da mãe, a maioria deles a investiga segundo suas características diferenciadas em relação à fala dirigida aos adultos (Ferguson, 1964, Snow, 1977, Stern, 1977, Schieffelin, 1979, Stern, Spieker & MacKain, 1982). O termo mais comumente utilizado para se referir a esta fala é o “manhês” (*motherese*, *baby-talk*, *child-directed speech*, *infant-directed speech*). Ele indica uma fala com características prosódicas exageradas, estrutura e conteúdo diferenciados, aspectos estes específicos a quando um adulto se dirige a um bebê.

3.1.1. Características Prosódicas e Conteúdo

O termo “prosódia” se refere à pronúncia das palavras, entonação e ênfase nas sílabas tônicas. Em relação à fala dirigida a adultos, a entonação é exagerada e o som é mais alto¹² (Stern, 1977; Cooper, Abraham, Berman & Staska, 1997). Trata-se de uma fala mais cadenciada e que, portanto, exibe um ritmo diferenciado. Observa-se também que as pausas entre os enunciados são mais longas (Stern, 1977; Snow, 1977).

¹² Tradução de *higher pitch*

As mudanças na agudeza do som e no volume são mais lentas, conferindo-lhe um tom mais dramático do que a fala dirigida a adultos (Stern, 1977). Este exagero prosódico traz uma qualidade de cantiga à fala da mãe, assemelhando-a a uma melodia (Trainor e cols, 2000) e resultando numa extensão do som mais larga. Mães norte-americanas, russas, suecas, chinesas e norueguesas, por exemplo, apresentam vogais mais extremas, com o espaço entre elas acusticamente esticado e o triângulo das vogais /i/, /a/ e /u/ é maior do que na fala dirigida a adultos (Kuhl e cols, 1997; Liu, Kuhl & Tsao, 2003; Englund & Behne, 2005).

Com relação a aspectos estruturais e ao conteúdo desta fala, seus enunciados apresentam frases sintática e semanticamente mais simples do que a fala dirigida a adultos (Snow, 1977; Cooper e cols, 1997; Stern, 1977, Messer, 1994; Cavalcante, 2005). As sentenças são mais curtas e centradas na experiência do bebê, onde há um grande número de perguntas e imperativos e nos primeiros meses há poucas frases diretivas, de controle ou correções (Snow, 1977). Os enunciados apresentam principalmente frases no presente – sobre o “aqui e agora” – com mais substantivos concretos do que abstratos, poucos modificadores (e.g., advérbios), pequenas variações de vocabulário, uma tendência para mais nomes próprios do que pronomes (Messer, 1994), além de itens lexicais infantilizados – palavras modificadas ou no diminutivo (Ferguson, 1964; Cavalcante, 2005). Pode haver também uma predominância do uso de palavras mais curtas, i.e. mais palavras monossilábicas do que polissilábicas (Redford, Davis & Miikkulainen, 2004).

Em suma, as principais características diferenciadas da fala da mãe são: exagero, diminuição na velocidade, no ritmo e na melodia (Fogel, 1997) e por conta destas variações o que sobressai quando se vê uma mãe conversando com seu bebê recém-nascido é *como* ela fala com ele, mais do que *o que* ela fala (Stern, 1977). E diante da grande incidência desta fala em diversos contextos sócio-culturais, fica o questionamento: seriam estas modificações na fala da mãe universais?

3.2. UNIVERSALIDADE

Entender esta fala como universal significa pressupor que adultos pertencentes a qualquer grupo social utilizam-se dela quando interagem com bebês, e que seus enunciados apresentam as mesmas características. Ferguson (1964) se refere especificamente ao *manhês* e seu estudo parece sustentar esta afirmação, pois o autor encontrou similaridade entre o uso desta fala diferenciada em seis diferentes línguas de culturas bastante diversas. Dentre as características por ele listadas estão: o uso de mais substantivos do que pronomes; muitas das frases construídas na terceira pessoa do singular, ao invés da primeira ou segunda pessoa (e.g. “*A mamãe vai pegar o nenê*”); nomes no diminutivo; apelidos; enunciados sobre partes e funções do corpo, animais e jogos.

Estudos sob a perspectiva da seleção natural também parecem indicar esta mesma direção ao sugerir que as vocalizações diferenciadas das mães são resultado de um processo evolutivo. Segundo Sheridan (2005), o fato dos seres humanos terem se tornado bípedes selecionou indivíduos com pelve menores, que selecionou recém-nascidos imaturos que, por sua vez, pressionou as vocalizações das mães para sons tranquilizadores, tal como ocorrem no *manhês*. Assim, com a evolução dos hominídeos, a comunicação entre mãe e bebê passou a ser distal e a fala da mãe serve de substituta ao contato físico e os sons de conforto e de leve repreensão emitidos pela mãe servem ao propósito de fortalecer a relação com o bebê (Falk, 2004).

Portanto, pode-se argumentar que o uso desta fala diferenciada se torna uma característica comum a toda a espécie humana. Por exemplo, segundo Matychuck (2005), esta fala estaria presente mesmo em culturas nas quais seus componentes não acreditam utilizar-se da mesma, sendo empregada de maneiras diversas, incluindo outras pessoas que não sejam pais do bebê. Entretanto, o estudo realizado por Schieffelin (1979) parece se contrapor à universalidade destes aspectos diferenciados na fala da mãe. Segundo a autora, os integrantes

de um grupo de Kalulis na Papua-Nova Guiné não fazem uso do léxico característico ao manhês com crianças e também não acham boa tática utilizar formas infantilizadas para ensinar as crianças a falar por tratar-se de uma maneira mais difícil de linguagem. Ela aponta que quando as mães Kaluli estão interagindo com seus bebês há um modo específico de interação, mas esta interação não inclui o uso do manhês.

Observamos então que, embora Fogel seja um dos mais ferrenhos proponentes da idéia de co-construção da relação entre a mãe e o bebê (Fogel, 1992; 1993; Fogel & Thelen, 1987), ele também coloca argumentos que favorecem a noção de que esta fala se constitui em um fenômeno universal. Todavia, segundo o autor (Fogel, 1997), este fato se deve à semelhança do sistema mãe-bebê. Isto é, uma vez que bebês são similares em todo o mundo, eles devem evocar comportamentos análogos nos adultos à sua volta. A universalidade assim concebida é sistêmica e comporta a variabilidade. Ele aponta ainda que todas as mães diferenciam sua fala quando se comunicam com seus bebês, mas mães ocidentais depositam maior crédito no discurso, sendo esta a modalidade principal de estimulação de bebês recém-nascidos. Mães de outras culturas, por sua vez, fazem uso de outras formas não-vocais de estímulo. Ao afirmar que qualidades relativas ao manhês aparecem inclusive em mães que utilizam a língua de sinais para se comunicarem com seus filhos (ritmo mais lento, repetições, e movimentos exagerados relacionados a cada sinal), Fogel (1997) sugere a similitude do sistema mãe-bebê mesmo em condições de déficit sensorial do bebê.

O fato de existirem contradições sobre a universalidade destas alterações na fala da mãe reforça a nossa proposta acerca da necessidade de estudar esta fala de forma longitudinal investigando como ela é co-construída no sistema de comunicação ao longo do tempo (Scorsi & Lyra, submetido). Deste sistema participam a mãe, com suas concepções e valores, e o bebê com seus limites e possibilidades, sejam eles considerados normais ou portadores de distúrbios e/ou patologias. Padrões de organização da relação mãe-bebê que se sucedem no

tempo e que resultam do ajuste mútuo entre parceiros específicos podem integrar tanto o que existe de generalizável como a variabilidade que decorre da diversidade de situações e de características culturais e individuais. Desta forma, os processos de construção e os sucessivos padrões de organização que descrevem o desenvolvimento da comunicação no início da vida pós-natal vão integrar a fala da mãe e seu papel construtivo nesta comunicação.

3.3. VARIABILIDADE

Neste sentido, temos que diversas especificidades propiciam uma variabilidade no uso desta fala. Por exemplo, mães japonesas em comparação a mães norte-americanas usam mais vocalizações negativas, como proibições e expressões de sentimentos negativos, e quando estão engajadas numa interação divertida com os bebês elas usam mais sons sem sentido e mais manhês (Fogel, 1997). Das mães observadas por Henning e cols (2005), aquelas com níveis educacionais mais altos apresentaram vocabulários mais ricos, enunciados mais longos e poucos enunciados contendo apenas uma palavra.

Além disto, pais usam o manhês de forma diversa das mães, fornecendo ao bebê enunciados mais detalhados, nomeando objetos e também pequenos detalhes dos mesmos (e.g. cor, textura, familiaridade do bebê com o objeto, etc.). Eles parecem transformar o objeto em algo mais real ao fazer, por exemplo, uma vaca de brinquedo mugir (Fogel, 1997). Os pais também se configuram parceiros mais desafiadores para as crianças, pois produzem mais questões abertas (e.g., “*Por que...?*”, “*Quando...?*”, etc) e requerem mais esclarecimentos do que as mães (Rowe, Coker & Pan, 2004). Temos ainda que as mães de meninos observadas por Braz e Salomão (2002), emitiram-lhe mais diretivos (frases de comando usadas para dirigir o comportamento ou as verbalizações de outrem), enquanto que mães de meninas emitiram-lhe mais solicitações. Especificamente com relação aos diretivos, as mães de

meninos fizeram mais uso de “diretivos de atenção”, enquanto que os “diretivos de instrução” foram mais utilizados pelas mães de meninas.

Há variações também nas falas de mães com quadro de depressão em comparação às mães sem depressão. Aquelas são menos sensíveis a seus filhos, expressam menos afirmações e mais negações, fazem comentários mais críticos e mais hostis. Em seu discurso há menos características afetivas e informativas, mas ao longo do tempo, sua fala apresenta uma estabilidade. Isto é, mesmo que em toda sua extensão sua fala seja menos emocional, seu discurso mantém este caráter mais emotivo (Herrera, Reissland & Shepherd, 2004).

A variabilidade na fala materna sugere que ela resulta de um processo em que os parceiros estão em relação de interdependência. Todavia, a maioria dos estudos salienta, sobretudo, os comportamentos do adulto diante do bebê, e não a relação entre ambos. Mas nossa visão a respeito das trocas adulto-bebê é de que estas são co-reguladas, e assim acontecem numa dinâmica de co-construção. Isto significa compreender que as contribuições de ambos não podem ser analisadas separadamente devido à influência mútua entre eles (Fogel, 1992; 1993; Fogel & Thelen, 1987, Lyra, 1988; Scorsi & Lyra, submetido).

3.4. CO-CONSTRUÇÃO E TRANSFORMAÇÕES AO LONGO DO TEMPO

A literatura sobre a fala da mãe traz em sua grande maioria referências ao seu papel na aquisição de linguagem (por exemplo, ver Ferguson, 1964; Stern, 1977; Kuhl e cols, 1997; Cooper e cols, 1997; Cavalcante, 2005). É interessante observar que, para Tamis-LeMonda, Bornstein e Baumwell (2001), as conquistas quanto à linguagem não se devem apenas à criança ou à mãe, pois tanto a responsividade materna quanto o comportamento das crianças são responsáveis por tais aquisições. Para outros autores, entretanto, o foco principal desta fala não é auxiliar na aquisição de linguagem, mas sim o afeto (Matychuck, 2005). Segundo Nakata e Trehub (2004), os bebês se mantêm mais atentos a estímulos auditivos mais

emotivos, estereotipados, que se conservam estáveis ao longo das repetições. Logo, sua semelhança a uma melodia (Trainor e cols, 2000) e seu tom mais dramático em função de agudeza e volume diferenciados (Stern, 1977) parecem enfatizar que a expressão emocional característica do manhês se torna primeiramente responsável por ajudar a criar e manter uma ligação entre cuidador e bebê (Trainor e cols, op.cit.). É possível que este elo emocional entre adulto e bebê facilite e/ou propicie a dinâmica de co-construção aqui proposta.

Assim, cabe observar que, seja com a função de auxiliar a aquisição de linguagem do bebê, ou de criar esta ligação afetiva com ele, algumas características da fala materna evidenciam este caráter co-construído. Neste sentido, o grande número de perguntas e imperativos e pausas mais longas entre os enunciados, que parecem servir para passar o turno ao bebê, trazem a impressão de que há um diálogo acontecendo, pois mesmo que o bebê não vocalize, a mãe age como se ele o fizesse (Snow, 1977; Stern, 1977; Cameron-Faulkner, Lieven & Tomasello, 2003). Podemos dizer ainda que, segundo as descobertas de Snow, as mães incluem o bebê como parceiro com o qual elas dividem a autoria de seus enunciados, no sentido em quase não fazem uso de monólogos, e mesmo rimas, ou músicas são recitadas como se fossem partes de uma peça na qual o bebê também tem um papel.

Além disto, temos que a alta frequência de repetições ou reduplicações – mínimas variações em uma mesma palavra ou frase (Ferguson, 1964; Cooper e cols, 1997; Fogel, 1997; Cavalcante, 2005) – pode evidenciar o propósito do adulto de dar ao bebê uma “segunda chance” para processar o que está sendo dito (Snow, 1977). O exagero prosódico e a simplicidade desta fala também podem indicar uma tentativa do adulto de habilitar o bebê a participar do processo de comunicação (Henning, Striano & Lieven, 2005).

Assim, a extensão mais larga do som no manhês confere uma maior clareza à fala da mãe e auxilia os bebês a descobrirem as dicas acústicas apropriadas e a desenvolver redes neurais que codificam esta informação (Liu, Kuhl & Tsao, 2003). Todavia este espaçamento

maior pode ser mais encontrado em palavras novas para o bebê, enquanto que aquelas que lhe são familiares e passíveis de serem deduzidas podem vir a ser subarticuladas (Kirchhoff e Schimmel, 2005). Portanto, o exagero presente no manhês parece enfatizar aspectos significativos da fala, fazendo com que seja mais fácil reconhecer seu significado (Fogel, 1997). Apontamos em um outro trabalho (Scorsi & Lyra, submetido) que esta questão salienta também o cunho histórico das trocas entre adulto e bebê, pois é possível que, em função da história que constroem com o bebê, as palavras destacadas numa frase sejam as mais significativas ou aquelas que eles sabem ser novas para o bebê.

Além deste aspecto co-construído das falas da mãe, temos ainda que, ao longo do tempo, são evidenciadas mudanças nas mesmas, que parecem refletir transformações nas relações entre adulto e bebê. Estas transformações denotam um reconhecimento por parte do adulto de um interlocutor mais ou menos participativo (Henning e cols, 2005). Este aspecto reforça nossas colocações de que as trocas entre adultos e bebês são co-reguladas, onde os atos do adulto e do bebê são construídos como parte de um processo de interação dinâmica, e o comportamento de um parceiro é continuamente ajustado em relação às respostas do outro (Fogel, 1992).

Temos por exemplo que, segundo Henning e cols (2005), no primeiro mês a fala da mãe reflete sua preocupação em estabelecer contato com o bebê. No terceiro mês, quando o comportamento dos bebês é mais comunicativo e as mães os reconhecem como parceiros mais ativos e mais comunicativos, elas podem elaborar sobre este contato, apresentando enunciados que crescem em quantidade, complexidade e diversidade. Snow (1977) observa que entre os três e dezoito meses, há um declínio nas referências à criança e um aumento nos enunciados que fazem alusão ao mundo. No início do primeiro ano de vida do bebê as mães falam sobre estados internos, sentimentos e experiências do bebê (e.g., se estavam cansados, com fome, etc.) e mais tarde falam sobre atividades, objetos e eventos no ambiente imediato.

Segundo Henning e cols (2005), esta evolução no manhês também denota a tentativa de engajar os bebês no diálogo. Snow (1977) esclarece que as trocas mãe-bebê seguem um modelo conversacional, que se pauta pela reciprocidade na interação, i.e., a troca de informação entre parceiros acontece nas duas direções. Há, então, um ajuste ao interesse das crianças por diferentes objetos e atividades, à sua crescente necessidade de informações, à sua progressiva e diferente habilidade em participar e corresponder à interação e trocar turnos na conversa (Snow, 1977; Hening e cols, 2005). Este fenômeno que descreve a adaptação de um parceiro ao outro e que os coloca em condição de sintonia, Snow chama de orquestração.

É interessante observar então que, dependendo da responsividade do bebê ao adulto (i.e., do quanto o bebê parece estar engajado na troca) e do propósito do comportamento (e.g. se a mãe deseja chamar a atenção do bebê, confortá-lo, etc.), são usados ritmos (Brazelton e cols, 1974, Stern e cols, 1982), contornos de entonação (ascendente, decrescente, côncavo, sino e sino à direita) (Stern e cols, op. cit.) e tipos de frases (solicitações ou diretivos) (Braz & Salomão, 2002) diferenciadas. A repetitividade pode também ser utilizada para conseguir a atenção dos bebês e enfatizar a mensagem que se quer passar ao bebê (Stern, 1977; Snow, 1977; Stern e cols, op. cit.).

Neste sentido, Rowe, Coker e Pan (2004) observaram que, em resposta ao comportamento paterno mais desafiador, as crianças falaram mais, usaram vocabulário mais diverso e produziram frases mais longas. Segundo Herrera, Reissland e Shepherd (2004), o fato da fala de mães com depressão se manter mais emocional ao longo do desenvolvimento do bebê pode demonstrar que estas estão menos dispostas a se ajustar às diferentes necessidades do bebê, pois parecem ignorar seu crescimento e sua necessidade de um discurso que ressalte informações. Porém, Murray (1998) enfoca também no papel do bebê e coloca que entre estas díades é como se a interação ficasse fechada num ciclo de negatividade

mutuamente responsiva (onde ambos os parceiros se fecham para o contato com o outro), o que pode culminar com o bebê se retirando antes de novas tentativas de um contato normal.

Este aspecto mútuo das trocas também foi verificado por Hsu & Fogel (2003). Em seu estudo as vocalizações sem choro dos bebês eliciaram verbalizações maternas, nas quais as mães freqüentemente mudaram a forma de falar com o bebê, passando do manhês para imitação dos sons que o bebê produz. Os autores observaram então uma sincronização das respostas verbais e não-verbais da mãe às vocalizações das crianças, onde o simples fato de ocorrer uma vocalização sem choro induziu a sincronização de respostas da mãe durante a interação face-a-face com o bebê.

Kajikawa e cols (2004) nos fornecem um exemplo que evidencia este crescente e mútuo ajuste entre os parceiros durante o processo de comunicação. Segundo os autores, diálogos na língua japonesa incluem com freqüência sobreposições¹³ de um parceiro sobre o outro, e a partícula *ne* é usada pelo falante para expressar empatia ou um pedido de aprovação. Nas díades estudadas por eles as mães começaram a usar mais sobreposições quando seus bebês começaram a produzir enunciados com duas palavras, e enunciados mais longos da criança tenderam a ser freqüentemente sobrepostos. Mas independentemente da duração, enunciados que continham *ne* foram mais sobrepostos pelas mães do que aqueles sem *ne*. É como se a criança, ao usar esta partícula, convidasse a mãe a sobrepor seu enunciado.

O exemplo acima também indica que as variações na fala da mãe se referem à inserção (e conseqüente aprendizado) do bebê nas dinâmicas peculiares às trocas comunicativas que acontecem em seu grupo social. Como Gratier e Trevarthen (2007) colocam, a voz da mãe é a voz do seu contexto sócio-cultural, ela carrega a história de suas afiliações, de modo que, ao interagir com sua mãe (e também com outros parceiros), o bebê começa a se inserir na cultura

¹³ Tradução de *overlaps*

Ainda sobre este aspecto, segundo Kuhl (1998), a experiência lingüística resulta num tipo de aprendizado, e os sistemas subjacentes à fala apresentam uma auto-organização acompanhada por uma perda de flexibilidade que varia conforme o *input* recebido. Mas, se por um lado há perda de flexibilidade em função da adequação a padrões sócio-culturais, por outro pode-se evidenciar um aumento na flexibilidade quando se enfoca o desenvolvimento particular da comunicação de diferentes díades. Assim, a orquestração entre os parceiros propicia um afinamento entre eles, que lhes permite inovar nas trocas, construindo o novo. Apontamos em um outro trabalho que se trata do caráter criativo próprio do processo de comunicação em que as próprias trocas comunicativas fazem emergir novos padrões de troca (Scorsi & Lyra, submetido). Lyra e cols (1995) afirmam que mãe e bebê constroem a partilha através de uma forma dialógica específica, mas uma vez que esta partilha se estabelece, a díade pode ganhar em flexibilidade inovando quanto à forma através da qual o elemento previamente estabelecido será negociado. Além disto, segundo estas autoras, são as atividades partilhadas que constroem o novo e que fazem emergir significados para ambos os parceiros, e é através dessa construção partilhada de significados que os sujeitos dialógicos se constituem.

3.5. DIÁLOGO COM OUTROS AUTORES

Muitos dos estudos apresentados acima partem de referenciais teóricos e objetivos diversos dos nossos, onde a fala da mãe é analisada de modo distinto daquele que fazemos aqui. Apontamos acima como algumas das informações a respeito da fala da mãe encontradas na literatura podem ser encaradas segundo o enfoque que optamos por utilizar neste trabalho, e neste sentido indicamos as aproximações entre este estudo e aquilo que vem sendo estudado tradicionalmente em termos da fala da mãe. Todavia, encontramos na literatura outros estudos que parecem apresentar uma aproximação mais evidente com o foco do estudo aqui

conduzido, seja esta aproximação em termos dos objetivos dos estudos, seja em termos de referenciais teóricos similares.

Cavalcante (1999) investigou o papel das trocas entre mãe e bebê no processo de subjetivação da criança na língua. A análise por ela realizada incluiu identificar transformações na fala da mãe que indiquem a constituição da criança como sujeito. O referencial teórico adotado por esta autora segue a proposta de Lemos (1995) de que o sujeito de constitui na e pela linguagem. Assim, é a linguagem que determina a relação da criança com o mundo, e é a atividade interpretativa do interlocutor que insere o bebê em seu discurso, o que dá sentido à indeterminação na qual ele se insere. Sob este ponto de vista, é justamente por estar inserido na fala do outro que o bebê caminha para a subjetivação, de modo que é pela fala do outro que ele é significado, espelhado, ganhando estatuto de sujeito. Cavalcante coloca que o que determina o lugar do bebê no discurso materno é o falsetto, e o desaparecimento desta qualidade indica o surgimento do bebê enquanto sujeito falante.

Naturalmente, há diferenças importantes em relação ao estudo aqui conduzido e aquele conduzido por Cavalcante (1999), que se referem principalmente aos referenciais teóricos em que se baseiam e também à maneira de analisar a fala da mãe. Enquanto a referida autora se baseia nas colocações apresentadas acima, nosso estudo é conduzido segundo uma perspectiva sistêmica e dinâmica e também dialógica, especialmente referida a Bakhtin. Deste modo, concebemos a fala da mãe como integrando o sistema de comunicação mãe-bebê e fazendo emergir um sujeito psicológico. Em nosso entender este sujeito se constitui através da relação dialógica que estabelece com o outro, sendo que este diálogo acontece no nível das ações dos parceiros. As alterações prosódicas na fala materna constituem parte importante da análise realizada por Cavalcante. Nós, por outro lado, buscamos investigar a fala da mãe em termos das posições por ela assumidas ao longo do processo de comunicação e em termos

daquilo que ela verbaliza e que nos parece obrigatório nesse processo de diferenciação dos sujeitos¹⁴.

Todavia, entendemos que as diferenças em relação aos dois estudos indique mais uma complementaridade do que uma contraposição entre os mesmos, no sentido de apresentar facetas diferenciadas de um mesmo fenômeno. Em termos bastante gerais, podemos afirmar que ambos os estudos buscam investigar o processo de emergência do sujeito, sendo o bebê considerado como interlocutor pela mãe desde o nascimento. Além disto, em ambos os estudos as alterações na fala materna indicam o reconhecimento de um sujeito mais ou menos ativo que assume seu próprio lugar no diálogo (também Scorsi & Lyra, submetido).

De outro modo, as colocações de Gratier e Trevarthen (2007) também apresentam aproximações com o estudo aqui conduzido. A proposta de análise da fala da mãe realizada por estes autores ressalta o papel da mesma no senso de *self* do bebê. Eles colocam que o bebê reconhece a voz da mãe desde o nascimento, aquela que ele ouvia quando ainda dentro do útero. Entretanto, ao nascer, a voz que ele ouve é diferente daquela com que estava acostumado. É, na verdade, uma voz da mãe com caráter duplo: a voz de sua nova identidade materna, e também a voz que responde ao bebê (Papousek & Papousek, 1987 in Gratier & Trevarthen, 2007). Os autores ressaltam que as mães falam em muitas vozes, e cada uma delas carrega histórias que repercutem o significado social, cultural e histórico. A crescente percepção dessa fala especialmente dirigida a ele lhe confirma um sentimento de unicidade em relação a si mesmo. Deste modo, as alterações na fala materna podem ser vistas além de um comportamento meramente evolucionário que auxilia o desenvolvimento de uma mente ainda a se desenvolver numa consciência, linguagem e racionalidade. O aspecto crucial desta fala é que o bebê, através dela, passa a experimentar essa unidade diante da multiplicidade existente nas várias vozes da mãe.

¹⁴ Os aspectos relativos à análise da fala da mãe serão colocados no capítulo seguinte, quando apresentarmos nosso plano metodológico.

O estudo realizado por Griz, Josephs e Lyra (2003) é sobre uma díade composta por uma mãe sem déficits sensoriais e um bebê surdo. As autoras analisaram a fala da mãe durante o processo de comunicação com o bebê e verificaram que esta fala se divide em duas posições: uma em que a mãe verbaliza sua própria voz e fala de seus próprios sentimentos, necessidades e opiniões, e outra em que a mãe verbaliza aquela que seria a voz do bebê, assumindo sua posição e verbalizando, como se fosse ele, sentimentos, necessidades e opiniões do bebê. Na posição do bebê, a fala da mãe apresentou primordialmente aspectos negativos sobre ela, de modo que era como se o bebê a criticasse. Todo o processo investigativo do referido estudo apresenta grandes aproximações com aquele aqui conduzido. As autoras analisaram o processo de comunicação mãe-bebê segundo a perspectiva dos Sistemas Dinâmicos, e investigaram as trocas FF e MOB em relação ao Modelo EEA. Mas além desta similaridade quanto ao referencial no qual se embasa, como veremos adiante, este trabalho também nos serviu de ponto de partida sobre a reflexão acerca do papel da fala da mãe por sugerir que ela se desloca em diferentes posições ao longo da comunicação com o bebê.

É interessante observar que há também um paralelismo entre nossa concepção a respeito da construção da comunicação adulto-bebê e o fenômeno da orquestração apresentado acima proposto por Snow (1977). Porém, este fenômeno, por si só, não explica como se desenrola o desenvolvimento desta comunicação. Para que tal tarefa seja alcançada propomos que a fala da mãe seja investigada a partir de seu processo de mudança numa abordagem microgenética.

4. PLANO METODOLÓGICO

Neste capítulo apresentaremos aquilo que chamamos de plano metodológico deste trabalho, isto é, como buscamos integrar os objetivos e o método utilizado para nossas análises, à luz de nossos referenciais teóricos (Branco & Valsiner, 1997; Lyra, 2006). Desta forma, começamos por relatar a história desta pesquisa, no sentido de apresentar um primeiro momento para exhibir esta conexão.

4.1. SÍNTESE DO CAMINHO PERCORRIDO NESTE TRABALHO

Desde o início deste trabalho nosso objetivo foi compreender que papel a fala da mãe desempenharia no sistema de comunicação mãe-bebê. Nossa idéia era investigar o processo de comunicação mãe-bebê de uma maneira que conectasse o mundo das ações com o mundo do significado inerente a esta fala, e compreender como aquele diálogo que acontece no nível das ações se liga à voz da mãe.

No trabalho desenvolvido por Griz, Josephs e Lyra (2003), mencionado anteriormente, as autoras observaram que, durante o processo de comunicação entre uma mãe sem déficit sensorial e um bebê surdo, ora esta assumia sua própria posição, ora assumia a posição do bebê, e na posição do bebê sua fala era predominantemente composta por críticas a si mesma. Esta peculiaridade incitou nossa curiosidade quanto a este mesmo fato se repetir em díades compostas por mães e bebês, ambos sem déficits sensoriais. Mais que isto, ao assumir a posição do bebê a mãe parecia expressar que o via como um parceiro que requer uma tradução e que precisa que lhe deem voz. Assim, o uso desta posição parecia evidenciar uma possível condição de identificação com ele, própria de um estado de *selves* a serem construídos. Foi a partir disto que a questão central deste trabalho se colocou: investigar qual o papel da fala da mãe no processo de diferenciação dos sujeitos. Todavia, ao longo da

execução deste estudo diversas questões foram surgindo, impondo-nos novas necessidades, e, portanto, diferentes e crescentes desafios.

Como participantes deste estudo, temos duas díades mãe-bebê, das quais dispomos de registros em vídeo das suas trocas no banco de dados do Laboratório de Comunicação e Linguagem na Primeira Infância (LabCom) – UFPE. A partir da questão que nos propomos investigar, qual o papel da fala da mãe no processo de diferenciação dos sujeitos, iniciamos as transcrições dos vídeos de uma das díades. Durante a análise das falas da mãe algo se revelou diferente. Além das posições por si e pelo bebê encontramos um terceiro tipo de fala, um tipo de fala que se mostrava ao mesmo tempo diferente e familiar. Era diferente porque não se encaixava perfeitamente em nenhuma das duas posições pré-definidas, e era também familiar porque verbalizava elementos presentes em ambas; nesta a mãe expressa o que seriam desejos, pensamentos, necessidades do bebê, mas o faz de sua própria posição. Ela parece ser uma combinação das duas outras posições, e por isto optamos nomeá-la fala combinada.

Dentre as características desta fala destacamos o fato de ela parecer um tipo mais elaborado de expressão em comparação à fala pelo bebê, pois parece supor uma maior distinção entre os parceiros. Tal concepção se baseia no fato desta fala ser encontrada nas relações estabelecidas entre adultos em oposição à fala pelo bebê, muito raramente encontrada nestes diálogos. A compreensão desta como uma terceira posição assumida pela mãe foi discutida com Josephs (comunicação pessoal, 2004) e está embasada nas colocações de Bakhtin (1992) sobre o discurso internamente persuasivo, aquele no qual a autoria de um enunciado é dividida entre o sujeito que fala e seu interlocutor, pois ele é “metade nosso, metade do outro”.

Partimos, então, para as transcrições e subsequente análise da fala da mãe na segunda díade, e verificamos o uso desta terceira posição também por esta mãe. Em ambas as díades as três posições apareciam ao longo de todo o período estudado. Ainda que o sistema mãe-bebê

apresentasse um padrão de organização que indicava que cada parceiro começara a assumir seu próprio lugar no diálogo – expresso no alcance do predomínio da abreviação segundo Lyra e cols (Lyra, 2007; Lyra & Bertau, 2008) –, estas duas mães continuavam, por exemplo, assumindo a posição do bebê. Assim, se colocou a necessidade de circunscrevermos cada uma das posições e apontarmos seu papel no processo de diferenciação dos sujeitos.

A definição das posições que a mãe assume durante o processo de comunicação com o bebê¹⁵ necessitou de respaldo teórico, no sentido de dar estrutura àquilo que os dados nos apresentavam. Para isto, nos embasamos nas colocações de Bakhtin (2003; 2007) acerca de como o falante adapta seus enunciados de acordo com seu interlocutor, e de como a voz daquele enuncia é constituída por outras vozes (noção de polifonia). A seguir buscamos identificar as transformações em cada uma destas posições ao longo do tempo. Identificamos mudanças nos propósitos com os quais a mãe utilizava cada posição, isto é, aquilo que a mãe buscava comunicar em cada posição sofria alterações com o passar das semanas. Estas informações se mostraram de grande relevância quanto ao *status* do fenômeno da diferenciação dos sujeitos em diferentes momentos deste processo. Contudo, novos desafios se apresentaram para este trabalho, pois estes dados não nos permitiam captar o desenrolar do processo de mudança, isto é, a trajetória de desenvolvimento do fenômeno aqui investigado (a diferenciação dos sujeitos) expresso nas falas da mãe e constituído por elas.

Novas escolhas metodológicas se fizeram, então, necessárias. Para traçarmos a trajetória de desenvolvimento do fenômeno mencionado acima nos casos aqui estudados nos valem da ferramenta metodológica que concebe as amostragens como historicamente estruturadas (*Historically Structured Sampling* – HSS) (Valsiner & Sato, 2006). A utilização de HSS implica na identificação de dois aspectos do desenvolvimento: o Ponto de Equifinalidade (*Equifinality Point* – EFP), e os Pontos de Passagem Obrigatórios (*Obligatory*

¹⁵ As posições assumidas pela mãe serão abordadas mais detalhadamente no tópico **4.5.1. Análise das Posições Assumidas pela Mãe durante o Processo de Comunicação com o Bebê.**

Passage Points – OPP) nessa trajetória. De acordo com os autores, a localização do EFP e dos OPPs¹⁶ é uma atividade baseada na teoria, e neste trabalho foi fruto de novas reflexões acerca daquilo que os dados nos apresentavam em relação às proposições teóricas. Mais uma vez recorremos a Bakhtin (2003). As colocações do autor acerca das condições segundo as quais o *self* pode emergir nos permitiram identificar os pontos sem os quais esta trajetória fica impossibilitada de alcançar uma região no desenvolvimento em que podemos pressupor o início da diferenciação dos sujeitos.

Diante dos resultados encontrados em cada díade buscamos, então, identificar o que há de comum nas duas, e esboçar um início de generalização a respeito do fenômeno estudado. E foi a partir disto que pudemos também delinear uma descrição do processo de diferenciação dos sujeitos.

O perfil metodológico de todo o percurso deste trabalho se caracterizou pela constante interpenetração entre teoria e método. Podemos dizer que o processo da pesquisa aqui desenvolvida ilustra o ciclo metodológico que Branco e Valsiner (1997) descrevem. Os autores defendem que os aspectos relativos ao fenômeno, às assunções do pesquisador sobre o mundo, à teoria e à experiência intuitiva devem definir a construção método-dados, que por sua vez, pode (deve) permitir um reelaboração destas partes estruturas. Mais que isto, eles propõem que deve haver um fluxo entre estes aspectos, isto é, um trânsito entre eles, de modo que cada um seja passível de ser reformulado em função de todos os outros. No caso deste estudo temos a combinação destes aspectos no sentido que as categorias para classificação das falas nos dois momentos de nossa pesquisa foram definidas e reelaboradas a partir do que a teoria e os dados nos apresentavam em função dos objetivos a que nos propusemos. A história

¹⁶ No tópico 4.3.1. **Amostragem Historicamente Estruturada (*Historically Structured Sampling* – HSS)** explanaremos mais detalhadamente sobre estes dois pontos, e no tópico 4.5.2. **Trajetória de Desenvolvimento: Ponto de Equifinalidade (*Equifinality Point* – EFP) e Pontos de Passagem Obrigatórios (*Obligatory Passage Points* – OPPs)** apresentaremos a definição destes pontos neste trabalho.

deste trabalho conta, de certa forma, como a metodologia pode (e deve) ser uma construção teórico-metodológica.

4.2. OBJETIVOS

O objetivo deste trabalho é investigar qual o papel da fala da mãe no processo de diferenciação dos sujeitos envolvidos na comunicação mãe-bebê. Com relação a este aspecto, nossa proposta é verificar como cada parceiro começa a assumir o seu próprio lugar no diálogo, e assim, podemos pressupor um início de diferenciação dos sujeitos. Podemos dizer que no início da interação encontramos *selves* a serem construídos, e que ao longo do tempo, e a partir do processo comunicativo, estes *selves* vão sendo criados e podem emergir.

Cabe ressaltar que, ao trabalharmos sobre este processo de diferenciação, naturalmente o enfoque recai primordialmente sobre o bebê, pois, para ele, esta se constitui sua primeira experiência neste aspecto. Entretanto, conforme apontamos anteriormente, neste estudo compreendemos a diferenciação dos sujeitos como um processo duplo, que se refere tanto à emergência do *self* do bebê, quanto do *self* da mãe. Esta colocação se respalda no fato de que o *self* é relacional (Bakhtin, 2003), e que durante o processo de comunicação mãe-bebê, os parceiros são mutuamente afetados devido a seu aspecto interdependente e co-regulado (Fogel, 1992; Marková, 1990b). Além disto, cada parceiro passa a desempenhar seu papel diante, e na relação com o outro. Temos assim, que o que, ou quem constitui a mãe como tal é o bebê, e a relação com ele estabelecida.

No que se refere ao bebê, o processo de diferenciação começa a se evidenciar quando ele começa a assumir seu próprio lugar no diálogo. Apresentamos anteriormente que indícios do início desta diferenciação podem ser percebidos quando o bebê apresenta em seu comportamento a compreensão da intenção comunicativa do parceiro, isto é, quando ele consegue separar a intenção do parceiro em se comunicar com ele da ação de que este

parceiro se utiliza para tal (Trevvarthen, 1979, 1998; Tomasello, 1999). Este seria o primeiro vestígio desse fenômeno em termos de comportamento demonstrável. Quanto à mãe, sugerimos que ela exibe o início desta diferenciação quando demonstra ser capaz de enxergar seu parceiro como ativo, permitindo-lhe ocupar um lugar, que é separado do seu, no diálogo.

Uma vez que nosso propósito é investigar o papel da fala da mãe nesse processo, e partindo do caminho percorrido neste trabalho, especificamente nossos objetivos são:

- (i) Investigar as transformações nas posições por ela assumidas durante o processo de comunicação com o bebê ao longo do período aqui investigado.
- (ii) Traçar a trajetória desta fala ao longo deste processo.

4.2.1. Participantes

Como participantes deste estudo temos duas díades mãe-bebê. Os dados relativos a cada díade constam do banco de dados do Laboratório de Comunicação e Linguagem na Primeira Infância (LabCom) – UFPE. Dentro deste banco de dados as díades são nomeadas “díade I” e “díade J”, nomenclatura que optamos por manter. O bebê da díade I é do sexo masculino, e da díade J é do sexo feminino, ambos são considerados normais a partir de exame pediátrico e não possuem déficit auditivo ou visual.

Foram registradas semanalmente em vídeo as trocas entre mãe e bebê. Cada registro conta com aproximadamente 20 minutos de duração, sendo todos eles em situação de laboratório, isto é, numa sala, nas dependências do LabCom, onde há uma poltrona e diversos brinquedos. Ambas as díades começaram a ser filmadas na 6ª semana de vida do bebê. Na díade I estas se estendem até a 32ª semana, e na díade J até a 28ª semana. Na ocasião das filmagens as mães foram comunicadas de que se tratava de um estudo sobre o desenvolvimento do bebê, e foram orientadas a agir normalmente com eles, tal como fazem em suas casas. Consta também do banco de dados do LabCom a análise das trocas FF e MOB

e classificação das mesmas quanto ao modelo EEA. Os dados relativos às trocas MOB foram utilizados neste estudo para estabelecermos o paralelismo com a fala da mãe.

Cada díade é analisada separadamente e segue o método de estudo de casos, cujas características serão abordadas a seguir.

4.3. ESTUDO DE CASO

O método de estudo de caso vem sendo aplicado em diversas áreas de conhecimento, tais como sociologia, antropologia, ciência política, trabalho social, administração, economia, e também a psicologia, conforme apontam Yin, (2005), Fogel e cols. (2006). Em todas estas áreas, este tipo de estudo é aplicado com o objetivo de investigar o fenômeno situado no ambiente no qual se insere. Yin coloca que este aspecto, que preserva características significativas e contextuais de cada caso, serve a propósitos onde o pesquisador não busca separar o fenômeno do seu contexto, controlando os acontecimentos, e dedicando-se apenas a algumas variáveis. Ao contrário, este método serve de instrumento para compreender o próprio desenrolar do fenômeno.

Neste método investigativo o enfoque recai sobre diferentes aspectos, ou nuances complementares de um mesmo fenômeno no sentido de permitirem a compreensão do desenvolvimento deste. Fogel e cols. (2006) colocam que o foco sobre o processo, isto é, sobre como a mudança ocorre, vem da possibilidade de se realizar múltiplas e intensivas observações. Uma vez que se pode isolar curtos episódios ou segmentos da vida de um indivíduo, enfoca-se também as transições do desenvolvimento, pois pode-se compreender como os indivíduos circulam por entre elas. Uma vez que as particularidades de cada caso são preservadas, ao serem colocadas como um dos aspectos investigados, elas permitem um enfoque nas trajetórias de desenvolvimento individuais. O fenômeno investigado segundo este método é sempre visto em relação ao contexto que o circunda, isto implica conduzir o estudo

sobre um determinado fenômeno e considerar os aspectos que formam seu contexto relacional. Este mesmo ponto permite também enfocar a coerência do desenvolvimento, isto é, o fato dos padrões e processos identificados no estudo fazerem sentido diante da complexidade que o sistema apresenta.

Fogel e cols (2006) argumentam que cada um dos aspectos acima listados representa vantagens de se trabalhar com este método, pois a proximidade com minúcias de um número restrito de casos permite mapear o processo de desenvolvimento com mais eficiência. Assim, casos estudados individualmente permitem um tipo de análise que acompanha continuamente (ou quase-continuamente) o fenômeno estudado (Granott & Parziale, 2002) e permitem investigar como o desenvolvimento se desenrola ao longo do tempo.

Yin (2005) aponta que o estudo de caso pode ser conduzido com o simples objetivo de apresentar e descrever casos individuais, mas também pode ser utilizado para buscar generalizações amplas que se baseiam nas evidências dos casos estudados. Deste modo, as particularidades relativas a cada caso servem de base para que se possa compreender o funcionamento geral do fenômeno investigado. Isto é, a despeito de características únicas, funcionamentos similares podem ser identificados em termos do processo e da equifinalidade de cada caso (Valsiner, 1997). Esta atividade, necessariamente respaldada pela teoria, pressupõe, *a priori*, que existem diferentes caminhos para atingir um mesmo ponto final nos sistemas igualmente funcionais de um tipo genérico e, assim, permite esboçar possibilidades de generalização.

Valsiner (1997) coloca que as generalizações advindas de estudo de caso divergem da idéia de transferir descobertas a respeito de uma amostra limitada para toda uma população. Segundo o autor, a própria noção de população envolve um conceito abstrato de estabilidade ilusória, que lhe confere uma natureza indeterminada. Não se pode pressupor uma estabilidade para populações, pois a realidade na qual estas se inserem se mantém em

constante fluxo. Populações se referem a todos e a nenhum sujeito ao mesmo tempo, sendo assim, as generalizações a partir de estudos desta natureza conservam o mesmo nível de indeterminação (ainda que sobre aspectos diversos) a que estão sujeitos os estudos de caso.

Diante disto, o que poderia, em princípio, parecer um obstáculo na condução de estudo de caso, acaba se mostrando como mais uma valerosa vantagem deste método de estudo. É possível generalizar a partir de estudo de caso, e, segundo Valsiner (1997), trata-se de uma generalização livre de qualquer referência a populações, já que se refere a sujeitos concretos. Esta generalização acarreta em abstrair de sistemas únicos para os sistemas num sentido genérico, é o que Yin (2005) chama de “generalização analítica”. Nesta perspectiva cada novo caso é tratado como um estudo empírico em si e serve de teste para aquilo que foi proposto como geral.

É importante, então, conceber os casos estudados como sistemas abertos que estão ligados e se desenvolvem em relação ao ambiente. Estes sistemas devem ser vistos como interdependentes de seus nichos ecológicos, que, sendo assim, recebem informação e interagem dinamicamente com os ambientes nos quais se inserem. Há ainda que se considerar um aspecto crucial a respeito destes sistemas, que se refere ao fato de que, no processo de desenvolvimento, eles criam trajetórias de vida (Valsiner & Sato, 2006). Conforme Lyra (2000), Valsiner e Sato destacam, o desenvolvimento destes sistemas ocorre através de mecanismos de auto-organização das relações que estão implicadas nos mesmos. Assim, eles apresentam um caráter interativo e se conservam sempre em transformação, admitindo novas formas ou padrões anteriormente não existentes.

Neste trabalho concebemos os casos estudados como sistemas em desenvolvimento, que apresentam a capacidade de integrar momentos de quase-estabilidade e de mudança em um mesmo paradigma. A relação histórica entre os parceiros é o nosso objeto de estudo, e a natureza desta relação, i.e., as características da mesma são tomadas como definindo o sistema

e seu desenvolvimento (Lyra, 2000). Esta proposição se liga à unidade de análise neste estudo.

Conforme Lyra (2007a) explicita, a idéia a respeito de unidade de análise, em geral, se refere à comparação entre pontos mais ou menos estáticos para que se possa identificar alguma transformação, ou mudança. Entretanto, num formato de investigação histórico-comparativa, a unidade de análise se refere a algo mais dinâmico, que pode ser tomado como o caso (Fogel e cols, 2006), os padrões relacionais repetidamente observados num período de mudança (Lavelli et cols, no prelo), ou a relação entre os parceiros ao longo do tempo (Lyra, 2000). O desenvolvimento não é concebido, portanto, como “dentro” do indivíduo, mas pertinente à relação entre parceiros que compõem o sistema. É esta concepção que adotamos neste estudo. Assim como Lyra (2007a) exemplifica que não investiga de forma simplificada “o contato de olhar entre os parceiros nas trocas FF”, mas sim o “contato de olhar entre os parceiros”, no momento 1 em comparação ao “contato de olhar entre os parceiros acompanhado de vocalizações, sorrisos, etc, por parte do bebê e/ou da mãe”, no momento 2, em nosso caso, por exemplo, comparamos “a verbalização das tentativas de conhecer o bebê” no momento 1 com “a verbalização de que já há um conhecimento deste parceiro” no momento 2.

Diante disto, uma ferramenta metodológica que abarque as condições acima expostas deve ser utilizada para que possamos atingir os objetivos deste trabalho.

4.3.1. Amostragem Historicamente Estruturada (*Historically Structured Sampling* – HSS)

Segundo Valsiner e Sato (2006), quando o foco é investigar processos de desenvolvimento humano, amostragens adequadas do fenômeno estudado se referem àquelas em que se pode traçar as trajetórias dos sistemas em estudo no tempo irreversível. Estas trajetórias incluem, então, o passado (numa base retrospectiva), o presente, e também uma

análise de construção de trajetórias futuras. Os autores conceberam esta ferramenta metodológica voltada para o estudo de sistemas culturais, e advertem que estes sistemas, só podem ser compreendidos através de sua história

A amostragem historicamente estruturada (*Historically Structured Sampling* – HSS) é uma ferramenta metodológica que permite traçar as trajetórias de desenvolvimento dos sistemas estudados, preservando suas peculiaridades e interdependência com o ambiente. Estes sistemas podem alcançar um mesmo estado final a partir de condições iniciais diferentes e de maneiras diferentes. Este mesmo ponto final, chamado de Ponto de Equifinalidade (*Equifinality Point* – EFP), não pressupõe igualdade quanto aos sistemas históricos, mas uma região de similaridade no desenvolvimento das diferentes trajetórias. Ou seja, o EFP é um ponto a ser alcançado pelos sistemas em desenvolvimento. Tomemos como exemplo o ponto no desenvolvimento de uma criança relativo a quando ela começa a andar. Todas as crianças com desenvolvimento considerado normal atingem esta habilidade, mas cada uma o faz de diferentes maneiras e em “tempos” diferentes. Mais especificamente, enquanto uma criança passa pela fase de engatinhar antes de começar a andar, outra pode fazê-lo sem nunca ter engatinhado. Ou ainda, enquanto uma começa a andar aos nove meses de idade, outra pode começar aos quatorze meses.

Para traçar as trajetórias de desenvolvimento dos sistemas estudados em direção ao EFP, devem ser identificados os Pontos de Passagem Obrigatórios (*Obligatory Passage Points* – OPPs) neste percurso. Isto é, pontos sem os quais não é possível alcançar aquele estado final no desenvolvimento. Ex.: Para alguém que quer gestar filhos (sendo este considerado o EFP), a concepção do feto é um OPP.

Os autores advertem que a definição do que vêm a ser o EFP e os OPPs é uma parte do esquema conceitual no pensamento do pesquisador e, como tal, deve ser uma atividade baseada na teoria. Além disto, cada um destes pontos sempre representa pontos de bifurcação,

momentos nos quais o desenvolvimento pode se desenrolar num caminho A, ou B, ou C, etc. Tomando o mesmo exemplo sobre gestação de filhos, o OPP a respeito da concepção pode se bifurcar em duas possibilidades: ou ela ocorre por meios naturais, ou por técnica de reprodução assistida. Vale esclarecer, então, que o EFP não representa o fim do processo de desenvolvimento como um todo, mas o ponto final no processo de desenvolvimento daquele fenômeno específico.

Os axiomas nos quais HSS se baseia são: natureza sistêmica e auto-organizadora dos fenômenos culturais, construções únicas de experiências de vida no tempo irreversível, e relativa estrutura do panorama do curso da vida (através dos OPPs e EFP). Neste sentido, HSS se coloca como valorosa ferramenta metodológica para estudos como o proposto aqui, integrando justamente a idéia de processo e de trajetória que a diferenciação dos sujeitos inserida na comunicação vai assumir. E a análise conduzida nesta perspectiva deve buscar capturar as micro-variações deste processo.

4.3.2. Análise Microgenética

Lee e Karmiloff-Smith (2002) apontam que os padrões de desenvolvimento resultam de interações entre o indivíduo, sua história e o ambiente à sua volta e o que nos permite evidenciá-los é a análise microgenética. Esta análise visa capturar a dinâmica do desenvolvimento (Thelen & Corbetta, 2002; Lee & Karmiloff-Smith, 2002), e os fenômenos são estudados em função daquilo que é chamado de “tempo real”, ou seja, o acompanhamento contínuo, ou quase-contínuo dos mesmos (Granott & Parziale, 2002). Conforme já apresentamos, aquilo que é chamado de “tempo real” depende da possibilidade de se identificar as transformações nas relações que permitam reconhecer diferentes padrões de organização. Em seguida, com base nos dados obtidos através da análise microgenética, é realizada a análise daquilo que é chamado de “tempo de desenvolvimento”, onde se identifica

como aquele fenômeno se organiza ao longo de um período do desenvolvimento (análise macrogenética) (Lyra, 2006b).

Neste estudo, conforme colocamos anteriormente, a fala da mãe é analisada segundo dois aspectos: as posições que ela assume ao longo de todo o processo de comunicação com o bebê; e os OPPs expressos em sua fala neste processo de diferenciação dos sujeitos. Com relação a estes dois aspectos realizamos a análise micro- e a macrogenética. A análise microgenética acontece em dois momentos distintos. A partir das transcrições integrais da fala da mãe, classificamos cada fala quanto à posição assumida; em seguida, estas mesmas falas são reclassificadas quanto aos OPPs. Num momento posterior, de posse de todos estes dados, a análise macrogenética também é dividida em dois momentos diferentes: um no qual identificamos as transformações em cada uma das posições; e outro em que traçamos as trajetórias de cada díade em direção ao EFP.

4.4. PERÍODO INVESTIGADO

Diante do que foi colocado acima, temos que em cada díade mãe-bebê o processo de diferenciação dos sujeitos conserva similaridades, mas também preserva peculiaridades que lhe tornam único. Uma das características únicas deste processo se refere ao tempo que cada díade leva até atingir um estado em que cada parceiro começa a assumir seu próprio lugar no diálogo. A questão que se colocou para nós foi como poderíamos identificar que tal estado já havia sido alcançado em cada sistema mãe-bebê por nós analisado, e assim, poderíamos definir os períodos a serem investigados em cada uma delas.

Apresentamos anteriormente que, de acordo com Lyra (2007b), os parceiros podem abreviar seu diálogo sob determinadas circunstâncias, o que se respalda na história da relação entre eles. Retomaremos alguns aspectos dessas elaborações, pois elas nos permitiram reflexões acerca do período a ser investigado em cada díade.

4.4.1. A abreviação como parâmetro para indicar o início da diferenciação dos sujeitos

O processo de comunicação interpessoal é conquistado através do mútuo conhecimento entre os parceiros construído anteriormente. O fato de terem interiorizado a história e o conhecimento do parceiro faz com que não seja necessário externalizar todos os elementos da mensagem comunicativa.

No que se refere à interação mãe-bebê, o que permite afirmar que a comunicação está abreviada se respalda em diferentes aspectos desta, a saber: número de turnos, variabilidade e abertura para o novo (Lyra, 2007b). A construção histórica dos diálogos abreviados permite compreender o que abarca a nova qualidade deste engajamento. Nos períodos relativos ao estabelecimento e à extensão os parceiros estão engajados pela coordenação de suas ações mútuas, mas na abreviação um novo padrão de comunicação emerge, um padrão que distingue o formato das trocas das ações que as compõem (Lyra & Bertau, 2008).

Lyra (2007b) coloca que, em relação à extensão, a abreviação exhibe redução tanto no tempo, como no número de turnos. Por exemplo, enquanto uma troca prototípica na extensão dura 37 segundos e apresenta cinco turnos, uma troca prototípica na abreviação dura quatro segundos e apresenta dois turnos.

Na abreviação há um aumento na variabilidade das subcategorias relativas às ações ou conjunto de ações dos parceiros (identificadas a partir do conceito de “dinâmica dialógica de recorte”). Estudos prévios realizados por Souza e Lyra (2001) mostraram que o número de subcategorias aumenta expressivamente na abreviação em comparação aos outros dois períodos. Há casos em que se encontra apenas 1 subcategoria no estabelecimento, 6 na extensão, enquanto na abreviação este número sobe para 22. O que as referidas autoras chamaram de “explosão para o novo” exhibe uma flexibilidade para inovar, onde novas ações são integradas às trocas sem que estas percam seu caráter imediato, suave e ajustado.

Estes aspectos indicam que na abreviação o conhecimento mútuo entre os parceiros está bem estabelecido. Mais ainda, indicam que o bebê exibe a capacidade para um tipo de processo de aprendizado que resulta numa totalidade que condensa a história compartilhada da díade. Lyra e Bertau (2008) apontam que se trata de uma totalidade que abstrai do espaço imediato e contingente das ações, o que, então, permite a generalização de uma forma abreviada de comunicação. Assim, o novo é facilmente integrado às trocas, porque o formato abreviado mantém aquilo que foi anteriormente construído pelos parceiros.

Nestas condições, o formato é previsível, mas a escolha dos parceiros sobre quais ações específicas irão abranger cada troca guarda uma indeterminação. Além disto, Lyra (2007b) demonstra que os diálogos abreviados exibem a semente para a atividade de troca de papéis, onde, por exemplo, o “dar-e-pegar”, que inicialmente ocorre com a mãe oferecendo o objeto e o bebê o pegando, começa a ser revertido (“dar-e-pegar-ao-avesso”). Deste modo, a análise sobre o tipo de aprendizado que ocorre na abreviação traz informações de que a qualidade desse processo é diferente daquele que ocorreu na extensão. Podemos dizer, então, que o bebê começa a distinguir a intenção do parceiro de comunicar daquilo que é usado para tal (suas ações). Assim, mesmo que a mãe lhe ofereça o objeto de uma maneira que nunca o fez, o bebê “entende” que deve pegá-lo, e o faz abreviadamente.

Neste sentido, as características relativas ao modelo EEA nos permitem pressupor que, ao atingir o predomínio da abreviação, a díade já se encontra num estado em que cada parceiro começa a ocupar seu lugar no diálogo, e podemos, portanto assumir vestígios da diferenciação dos sujeitos. Deste modo, o período a ser investigado em cada díade deve se estender até que o sistema atinja o predomínio da abreviação.

4.4.2. As trocas mãe-objeto-bebê (MOB) como referência para o paralelismo com a fala da mãe

Os momentos de quase-estabilidade do sistema são investigados a partir das trocas entre mãe e bebê. Estas trocas podem ser face-a-face (FF) ou mediadas pelo objeto, chamadas de trocas mãe-objeto-bebê (MOB).

As trocas face-a-face, como o nome já propõe, ocorrem quando um parceiro se encontra diante do outro. Estas trocas envolvem contato de olhar, sorrisos e vocalizações positivas (Fogel e cols, 2006). Autores como Trevarthen (1979) a conceituam como mais emocionais e a ligam à idéia de intersubjetividade primária, que é quando mãe e bebê criam diálogos coordenados, nos quais o que prevalece são as trocas em si, não o conteúdo da comunicação. Já as trocas mãe-objeto-bebê, ocorrem quando a relação é mediada por um terceiro elemento externo aos parceiros, geralmente um objeto. Fogel e cols apontam que estas trocas se estabelecem mesmo antes do bebê ser capaz de alcançar objetos por si próprio, pois estes são levados a ele por seus pais e/ou outros adultos. Um ganho substancial ocorre neste tipo de troca entre os três e seis meses de vida do bebê, que é quando o bebê começa a demonstrar habilidades para alcançar, pegar e manipular objetos com as mãos e com a boca. Neste ponto estas trocas podem suplantam as trocas face-a-face (mas não as eliminam) (também Cohn & Tronick, 1987; Lyra & Rossetti-Ferreira, 1995).

Podemos dizer que esta divisão em dois tipos de troca, se trata de uma maneira analítica de observá-las. O que queremos apontar é que elas não acontecem separadamente, pois em diversos momentos há uma coincidência entre as mesmas. Porém, o que se percebe é que quando começam a acontecer trocas mediadas pelo objeto, aquelas face-a-face já apresentam um desenvolvimento mais adiantado, onde, por exemplo, uma semana em que há o predomínio do estabelecimento no MOB, as trocas FF se encontram no período da extensão. Conforme Lyra e Rossetti-Ferreira (1995) apontam, os objetos são introduzidos às trocas mãe-

bebê quando estas já se encontram estabelecidas no face-a-face. Assim, os objetos são primeiramente inseridos como “figura” diante do “fundo” fornecido pelas trocas anteriores. A mudança relativa ao tipo de troca (se FF ou MOB) se refere à passagem de uma forma diádica para uma forma triádica de comunicação. Podemos dizer, então, que há uma transição entre estes dois tipos de troca, e que, de certa forma, as trocas mediadas pelo objeto se respaldam naquelas face-a-face.

Diante disto, apontamos que, em nossas análises optamos por estabelecer o paralelismo entre o modelo EEA e a fala da mãe em relação às trocas mediadas pelo objeto. Consideramos o predomínio de cada um dos momentos de quase-estabilidade em relação às trocas MOB, e trabalhamos até a semana em que estas atingiram 100% de trocas abreviadas. As falas da mãe foram analisadas em termos dos dois aspectos já mencionados (posições assumidas durante o processo comunicativo e OPPs), e colocadas em face dos momentos de quase-estabilidade. Estes momentos nos serviram de parâmetro para compreender melhor o funcionamento destas falas ao longo do processo que nos propomos a investigar. Entretanto, há semanas em que não há trocas MOB, ou porque o bebê dormiu durante a filmagem, ou porque só ocorreram trocas FF, mas mesmo assim dispomos de falas da mãe. Estas falas foram incluídas em nossas análises para que possamos identificar mais acuradamente seus desdobramentos no tempo, mas foram suprimidas ao fazermos o paralelismo com o modelo EEA.

Como podemos verificar na figura 1, o período a ser investigado na díade I vai da 6ª à 32ª semana. O predomínio do estabelecimento é considerado da 6ª à 8ª semana e a extensão predomina da 11ª à 28ª semana, ficando a 30ª e 32ª semanas com o predomínio da abreviação.

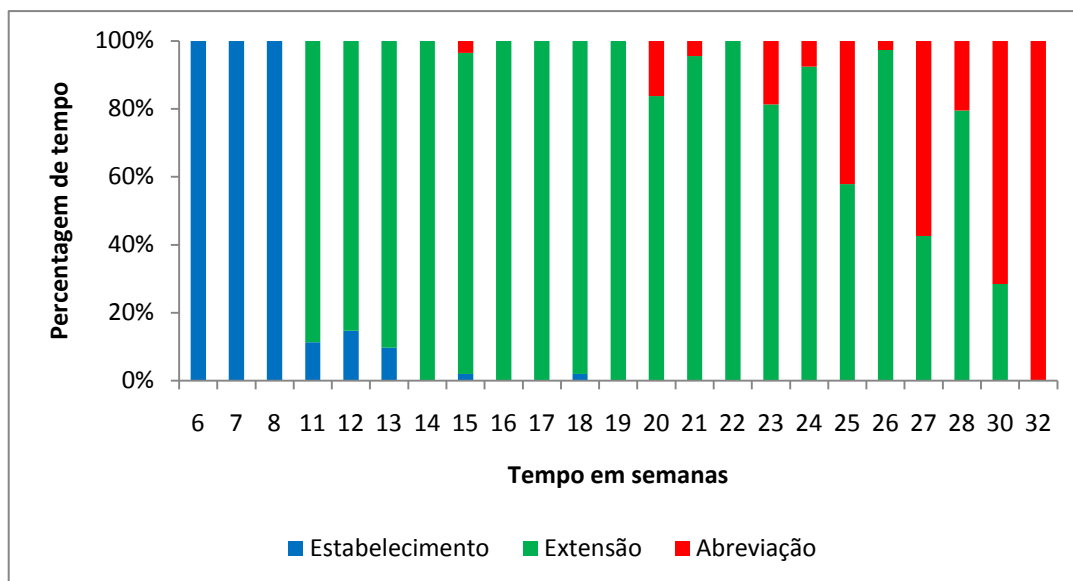


Figura 1 – Díade I – trocas "mãe-objeto-bebê"

Percentagens de tempo de ocorrência dos períodos de quase-estabilidade em função da idade do bebê (em semanas)

Na díade J o período a ser investigado vai até a 21ª semana, sendo o predomínio do estabelecimento apenas na 9ª semana, a extensão da 11ª à 17ª e a abreviação na 18ª e 21ª semanas (ver figura 2).

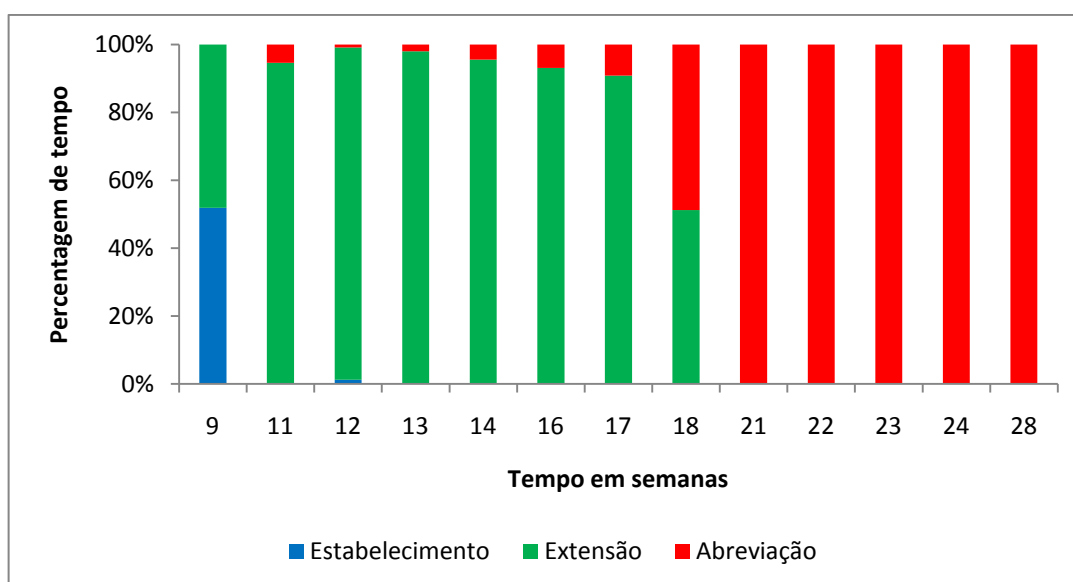


Figura 2 - Díade J – trocas "mãe-objeto-bebê"

Percentagens de tempo de ocorrência dos períodos de quase-estabilidade em função da idade do bebê (em semanas)

Vale ressaltar que diferentes maneiras podem ser utilizadas para se referir aos momentos de quase-estabilidade do sistema, dependendo da referência que se quer fazer aos mesmos. Por exemplo, podem ser utilizados os termos, “abreviação no MOB”, ou “predomínio da abreviação no MOB”. A última expressão indica que temos 50%, ou mais, do tempo de trocas abreviadas no MOB, enquanto na primeira expressão não há esta especificação. Neste estudo, ao traçarmos o paralelismo com estes momentos de quase-estabilidade, sempre o faremos em relação às semanas em que há o predomínio de um tipo de troca no MOB. Porém, a título de podermos diversificar o texto, utilizaremos tanto os termos “predomínio de *um determinado período*”, quanto apenas nos referiremos ao nome daquele período.

4.5. ANÁLISE DA FALA DA MÃE

Colocamos anteriormente que diversos autores se dedicaram a compreender o funcionamento desta fala e como ela influencia diferentes aspectos do desenvolvimento do bebê. Todavia, analisar esta fala nos termos propostos neste estudo, considerando-a sob um enfoque sistêmico e dinâmico, onde a comunicação entre os parceiros é vista como um processo relacional, histórico, interdependente e criativo, parece ser tarefa inovadora e de grande relevância para compreender o processo de desenvolvimento do sistema mãe-bebê. Deste modo, este estudo visa trazer contribuições sobre características da fala da mãe em face do desenvolvimento deste sistema, e também sobre seu papel no processo pelo qual os parceiros passam até atingirem um estado em que cada um começa a ocupar seu próprio lugar no diálogo.

4.5.1. Análise das Posições Assumidas pela Mãe Durante o Processo de Comunicação com o Bebê

Encontramos na literatura que, ao longo do processo de comunicação com o bebê, a mãe interpreta os atos deste parceiro e verbaliza tais interpretações (e.g., Lock, 1980). Durante este processo comunicativo, podemos dizer que ela assume diferentes posições de fala: uma aqui chamada de fala por si, onde a mãe expressa seus próprios pensamentos, necessidades, desejos, etc. e outra, aqui nomeada de fala pelo bebê, onde a mãe assume a voz do bebê e verbaliza aqueles que seriam pensamentos, necessidades, desejos dele (Griz, Josephs & Lyra, 2003). Esta última posição, onde a mãe fala “como se” fosse o bebê é chamada por Cavalcante (1999) de “fala atribuída”, e segundo a autora, se divide em dois tipos: “fala interpretativo-comportamental” e “fala passível de deriva”. O primeiro tipo de fala atribuída ocorre a partir de indícios oferecidos pelo bebê, enquanto o segundo se independe deste indícios e parece uma criação mais livre da mãe. Entretanto, nossas investigações indicam o uso de uma terceira posição pela mãe, a qual nomeamos de fala combinada (Scorsi & Lyra, 2004). Nesta posição a mãe utiliza-se suas próprias palavras para verbalizar o que o bebê estaria querendo, sentindo, precisando, etc.

Uma das contribuições deste estudo visa apontar o papel de cada uma das posições assumidas pela mãe durante a comunicação com o bebê no processo de diferenciação dos sujeitos, bem como oferecer uma explanação detalhada destas, no sentido de circunscrevê-las. Cada uma das posições pode ser definida da seguinte forma:

Fala por Si – A mãe expressa seus próprios desejos, necessidades e pensamentos. Utiliza-se, para isto, de uma forma própria de discurso, onde o pronome “eu” se refere à própria mãe e o pronome “você” se refere ao bebê. Ex.: “*Eu amo você, viu?*”, ou “*Eu vou trocar sua fralda.*”

Fala pelo Bebê – A mãe se apropria daquela que seria a fala do bebê e expressa desejos, necessidades e pensamentos atribuídos a ele. Utiliza-se, para isto, de uma forma de discurso que intenciona reproduzir fielmente o que o bebê estaria dizendo. É como se, num texto escrito, abrisse aspas. Neste caso, há um deslocamento dos pronomes, onde “eu” se refere ao bebê e “você” pode se referir à mãe. Ex.: “*Eu quero brincar com a minha mãe*”, ou “*Você fica me enrolando*”.

Fala Combinada – A mãe expressa desejos, necessidades e pensamentos atribuídos ao bebê, mas para isto utiliza suas próprias palavras. Utiliza-se de uma forma de discurso que reporta o que o bebê estaria querendo, sentindo e pensando. Parece ser uma combinação das falas por si e pelo bebê. Nesta posição não há deslocamento dos pronomes, mas é como se a mãe colocasse palavras na boca do bebê. Ex.: “*Você só quer ficar de pé*”, ou “*Tá coçando a gengivinha?*”

Cabe ressaltar que a classificação das falas da mãe como uma destas posições é realizada sempre em relação às ações dos parceiros. Assim, aquilo que o bebê faz (ou deixa de fazer) contextualiza as falas da mãe e nos serve de base para que possamos identificar se uma fala deve ser classificada como uma posição ou outra. Por exemplo, numa situação em que a mãe diz “*Eu tô com sono*”, para podermos identificar este enunciado como fala pelo bebê ou fala por si, precisamos recorrer ao contexto no qual a fala se insere. Na situação deste exemplo esta fala sucede o fato do bebê começar a piscar os olhos, indicando estar sonolento. A partir disto, podemos perceber que, neste caso, ela se deslocou de sua posição para a posição do bebê.

Estas posições constituem os enunciados da mãe durante o processo de comunicação com o bebê. Concebemos cada um destes enunciados como co-construído, isto é, sua autoria é dividida com outros parceiros. Diante da noção de polifonia (Bakhtin, 2003) exposta anteriormente, temos que são várias as vozes que compõem a voz daquele enuncia. Assim,

como ressaltamos anteriormente, teoricamente assumimos que estas falas são construídas em co-autoria com diversos parceiros, mas, analiticamente, é apenas em relação ao bebê que tomamos esta co-autoria.

Podemos dizer que a fala pelo bebê demonstra um mecanismo para penetrar em seu universo. É ao longo do tempo que ambos os parceiros vão se diferenciando, e que o bebê vai ocupando seu próprio lugar e se tornando cada vez mais ativo no diálogo. Assim, até que ele possa assumir sua própria posição no diálogo, e até que a mãe o perceba como tal, ela assume sua posição. Em nosso entender, esta posição tem o papel de apreender e aprender como é o outro. Tentando se apropriar do lugar do outro, ela busca conhecê-lo.

A fala combinada também representa uma tentativa de apreender o bebê, mas o reconhecendo como outro. Seu formato a assemelha ao discurso internamente persuasivo (Bakhtin, 1992), no qual a autoria é dividida entre o sujeito que fala e seu interlocutor. Por este motivo, esta posição é por nós compreendida como um tipo mais elaborado de expressão, pois ela parece supor uma maior distinção entre os parceiros.

Ao tratar da comunicação entre cuidadores e deficientes sem a habilidade da fala, Marková (2007) propõe que o cuidador assume diferentes posições: uma que dá voz ao turno do parceiro não-falante, outra que responde ao parceiro, e uma terceira em que ele externaliza o que se poderia dizer ser sua voz interna. Uma vez que se tratam de díades compostas por parceiros diferentes, não podemos transpor diretamente estas colocações de Marková para o universo da díade mãe-bebê, dado que bebês e deficientes, mães e cuidadores são parceiros com habilidades, qualidades e intenções bastante diversas. Mas estas colocações nos permitem refletir acerca da função de cada uma das posições utilizadas pela mãe. Sugerimos que a fala pelo bebê é aquela que dá voz ao turno deste parceiro na comunicação. Já a fala por si, tanto externaliza sua voz interna quanto responde ao parceiro. A fala combinada, por outro lado, parece se colocar com uma função que contempla aspectos das duas outras posições.

Nesta fala a mãe verbaliza a sua compreensão do que o bebê quer, precisa, sente, e também responde a ele.

Diante disto, entendemos que o uso das diferentes posições ao longo do processo de comunicação com o bebê, isto é, a maneira como a mãe se dirige ao bebê, pode nos informar sobre como ela o reconhece, se mais ou menos ativo, mais ou menos independente, etc. Todavia, para os objetivos deste trabalho, faz-se necessário buscar o desenrolar deste processo que nos propomos a estudar. Neste sentido, uma nova abordagem metodológica se faz necessária.

4.5.2. Trajetória de Desenvolvimento: Ponto de Equifinalidade (*Equifinality Point* – EFP) e Pontos de Passagem Obrigatórios (*Obligatory Passage Points* – OPPs)

Colocamos acima que a definição do que vem a ser o Ponto de Equifinalidade (*Equifinality Point* – EFP), bem como os Pontos de Passagem Obrigatórios (*Obligatory Passage Points* – OPPs) nas trajetórias de desenvolvimento dos sistemas observados deve ser realizada a partir da teoria utilizada como fundamento. Consideramos que o EFP neste estudo se refere ao início da diferenciação dos sujeitos, isto é, quando a mãe e o bebê demonstram em seus comportamentos sinais de que começam a assumir seus próprios lugares no diálogo. Esta assunção se liga diretamente às proposições de Bakhtin a respeito da emergência do *self*.

De acordo com o referido autor (Bakhtin, 2003), para que o *self* emerja, o indivíduo deve ser capaz de ver a si mesmo, mas para isto ele precisa do outro, isto é, precisa da visão do outro a seu respeito. A partir da noção de excedente de visão, Bakhtin (op. cit.) coloca que o outro vê coisas que eu não posso ver, dentre aquilo que não posso ver está minha própria imagem. Assim, o *self* só existe como interdependente do outro social, e o que o define é sua componente relacional. Neste sentido, é a complementaridade das existências que possibilita sua emergência.

Para ver a si mesmo, portanto, o indivíduo deve penetrar no universo alheio, deve conhecer seu parceiro. Todavia, se ele permanecer mergulhado neste universo que não é seu, há o risco de perder sua individualidade e se fundir a este outro. Assim, faz-se necessário um retorno a si mesmo, um distanciamento desse outro. A penetração no outro associada à manutenção da distância (Bakhtin, 2003) é o que permite que os indivíduos forjem seus *selves*. Em outras palavras, para que um indivíduo possa criar seu *self*, ele precisa estabelecer um processo de transitar dentro e fora de si mesmo (Holquist, 1990), pois sua imagem externa é vivenciada por dentro e vai se definindo ao lado da pessoa que ele é.

A partir disto, o que nos parece obrigatório no processo de construção do *self* é a tentativa de penetrar no universo do parceiro, isto é, a tentativa de conhecer-lhe naquilo que ele apresenta. Uma vez estabelecido este conhecimento, vem a necessidade de se distanciar deste parceiro. O indivíduo deve ser capaz de penetrar no universo alheio, mas diante da necessidade de manter-se ele mesmo, ele deve também exibir a habilidade de reconhecer e manter a distância entre ele e seu parceiro. E é neste processo de conhecer o outro que ele pode ver a si mesmo.

Diante disto, identificamos como OPPs neste processo de diferenciação dos sujeitos as falas da mãe que expressem: (i) a tentativa de penetrar no universo do bebê – aqui chamadas de falas P –; (ii) o reconhecimento da distância entre ela e o bebê – falas DS –; (iii) a tentativa de ver a si mesma – falas V.

A seguir detalharemos mais especificamente o que cada fala pode expressar:

Falas P – verbalizam a tentativa de penetrar no universo do parceiro, e esta busca por conhecê-lo acontece a partir daquilo que ele oferece. No caso do bebê, temos os indícios que ele oferece como informações para que a mãe possa conhecê-lo. Inicialmente o que serve à mãe de elemento para esta tarefa são seus choros, vocalizações, indícios de fome, sede, fezes, etc. Posteriormente, movimentos de pernas, o fato de levar objetos à boca, entre outras ações,

passam a servir de ferramenta para o conhecimento deste parceiro. Estas falas refletem o processo segundo o qual ela busca compreender o que significam os atos do bebê. Exemplo: Bebê chora. Mãe fala “*Que foi, meu lindinho, que foi? Tá com fominha, ou tá com sono?*”.

Falas DS – expressam o reconhecimento da distância entre os parceiros. Entendemos que a mãe verbaliza reconhecer a distância entre ela e o bebê quando, por exemplo, o repreende por algum ato, quando impõe limites a ele, ou quando identifica em seus atos uma iniciativa em fazer coisas independentemente dela. Estas falas sugerem que ela reconhece que o bebê faz coisas inesperadas, ou que ela julga erradas, e assim, indicam que ela lhe vê como alguém separado dela. Exemplo: Bebê se entretém brincando com objetos e não atende aos chamados da mãe. Mãe fala “*Ô, nenê, nem liga mais para a mamãe, né?*”

Falas V – expressam a busca por ver a si mesmo a partir da relação com o parceiro. No caso da relação mãe-bebê, indícios oferecidos pelo parceiro servem para que a mãe veja a si mesma sob aquela que pode ser a ótica dele. Um exemplo pode clarear o que estamos propondo. Se, por alguma razão, ela demora a dar leite ao bebê e ele chora insistentemente, ela pode identificar neste choro uma resposta à sua demora, entendê-lo como protesto, ou como reclamação. Em outras palavras, é como se ao chorar insistentemente o bebê “disse” à mãe de seu descontentamento. Assim, a partir desta informação ela pode ter uma imagem de si aos olhos deste parceiro, e pode, então, formular falas a este respeito, como por exemplo, “*Não me enrole, não com essa chupeta, que não vai matar minha fome, não.*”

Os dados empíricos nos indicaram que cada uma destas falas exhibe desdobramentos ao longo do processo. As falas P vão gradualmente dando lugar a outras que expressam que aquele conhecimento iniciado já está estabelecido, às quais chamamos de falas PC. As falas DS também apresentam desdobramentos, pois além de verbalizar a percepção da distância entre ela e o bebê, a mãe também começa a elaborar sobre esta distância, incluindo novos elementos a ela e/ou colocando-se numa condição de observadora daquilo que o bebê faz, são

o que chamamos de falas DS' e falas O, respectivamente. As falas V se transformam naquelas que chamamos de V', onde ao invés de buscar a visão do bebê sobre si, a mãe passa a oferecer a ele uma visão sobre que tipo de mãe ela é.

Assim como na análise a respeito das posições assumidas pela mãe, estas falas são analisadas em face das ações do bebê, de modo que estas ações servem de parâmetro para que possamos determinar a classificação das mesmas. Há falas da mãe que, independentes das ações do bebê, podem parecer confusas quanto àquilo que verbalizam. Se ela diz, por exemplo, “*Tudo seu é botar na boca*”, esta afirmação pode indicar tanto uma fala PC quanto DS. O que nos permite determinar se ela se refere a um tipo ou outro de fala é o contexto no qual ela se insere. No caso deste exemplo, o bebê havia, repetidamente, levado objetos à boca, apesar das repreensões da mãe. Assim, ainda que esta fala expresse que ela já sabe coisas sobre ele, o que é mais determinante é a distância nela verbalizada (DS).

4.6. MÉTODO PASSO-A-PASSO

Colocamos anteriormente que nossas etapas de análise ocorrem sob dois aspectos distintos da fala da mãe. Em um primeiro momento trabalhamos sobre as posições por ela assumidas ao longo do processo de comunicação com o bebê, e posteriormente analisamos estas falas segundo os OPPs nelas elas expressos. Para cada díade estudada os passos para a análise são organizados da seguinte maneira:

- (i) Observações dos registros, com o intuito de criar intimidade com os dados;
- (ii) Transcrição integral dos vídeos, em termos das falas da mãe e as ações de ambos os parceiros;
- (iii) Classificação das falas da mãe quanto às posições assumidas;
- (iv) Identificação das transformações em cada uma das posições ao longo do tempo;

- (v) Paralelismo entre as posições assumidas pela mãe e os momentos de quase-estabilidade do sistema (modelo EEA) em relação às trocas mediadas pelo objeto (os resultados relativos ao modelo EEA utilizados neste estudo estão disponíveis no banco de dados do LabCom);
- (vi) Classificação das falas da mãe em termos dos OPPs;
- (vii) Elaboração das trajetórias de desenvolvimento em direção ao EFP (início da diferenciação dos sujeitos, expresso no predomínio das trocas abreviadas);
- (viii) Paralelismo entre os OPPs e os momentos de quase-estabilidade do sistema (modelo EEA) em relação às trocas mediadas pelo objeto

Cabe ressaltar que a análise das duas díades aqui investigadas ocorreu concomitantemente, isto é, cada passo do nosso método foi realizado para cada uma das díades, para depois seguirmos para o próximo passo. Ainda que nosso propósito ao investigar duas díades não seja compará-las, a utilização de múltiplos casos traz importantes contribuições para a análise dos mesmos, pois pode fazer com que um sirva de parâmetro para o outro. Este trânsito permite que cada descoberta seja prontamente testada e/ou reformulada, em função do paralelismo entre os dois casos, e assim as proposições a respeito de conclusões e do que há de geral nos dois sistemas ganha força e clareza. Deste modo, ao mesmo tempo em que a investigação dos casos preserva particularidades e identifica aspectos comuns aos mesmos, pode-se também rapidamente identificar possíveis inconsistências naquilo que está sendo proposto. Em outras palavras, o fato de colocarmos em paralelo ambas as análises nos permite ter um conhecimento mais aprofundado do próprio fenômeno sob investigação.

Podemos dizer que, assim como teoria e método serviram de parâmetro um para o outro durante todo este processo metodológico, uma díade também serviu de referência para a outra.

5. RESULTADOS E DISCUSSÃO

Neste capítulo apresentaremos os resultados obtidos a partir das análises das duas díades investigadas. Estes resultados serão apresentados na ordem exposta abaixo:

1. Breve descrição da dinâmica da interação entre os parceiros: semelhanças e diferenças entre as díades;
2. Resultados relativos às posições assumidas pela mãe durante o processo de comunicação com o bebê;
3. Resultados relativos à trajetória de desenvolvimento do fenômeno da diferenciação dos sujeitos;
4. Aspectos comuns às díades estudadas;
 - 4.1. O que há de comum nas díades quanto às posições assumidas pela mãe durante o processo de comunicação com o bebê;
 - 4.2. O que há de comum nas díades quanto às trajetórias de desenvolvimento do fenômeno da diferenciação dos sujeitos;
5. Descrição do processo de diferenciação dos sujeitos.

Cabe observar que os tópicos de 1 a 3 apresentam dados relativos às díades independentemente e, assim, cada um deles é dividido em dois subtópicos, um relativo à díade I e outro à díade J.

5.1. BREVE DESCRIÇÃO DA DINÂMICA DA INTERAÇÃO ENTRE OS PARCEIROS: SEMELHANÇAS E DIFERENÇAS ENTRE AS DÍADES

A partir do que expusemos no tópico **4.3. Estudo de Caso**, temos que nossa intenção não é comparar os dois casos aqui estudados, mas sim compreender suas trajetórias

individuais em face do fenômeno que buscamos investigar. Entretanto, a utilização de múltiplos casos para serem estudados faz com que, naturalmente, um se torne parâmetro para o outro, de modo que similaridades e diferenças com relação a cada um servem de fonte para melhor compreensão dos mesmos. O ritmo das trocas, o tempo gasto até o alcance do predomínio da abreviação, e a própria dinâmica da interação entre os parceiros compõem o cenário no qual as falas da mãe se inserem. Neste sentido, visamos descrever a seguir brevemente a dinâmica da interação de cada díade analisada no sentido de contextualizá-las.

De modo geral, a interação entre mãe e bebê na díade I parece bastante prazerosa. Ela se caracteriza por constantes respostas de um parceiro ao outro, o que demonstra o engajamento de ambos nas trocas. A mãe desta díade se mostra constantemente interessada no bebê, sempre buscando atender às suas necessidades, ou compreender o que os indícios que ele lhe sinaliza significam. Suas falas parecem indicar, ao menos inicialmente, uma grande identificação com o parceiro. Isto pode ser percebido pelo fato de, nas primeiras semanas analisadas, ela assumir a voz do bebê com dois propósitos principais: ou para verbalizar o que possivelmente ele diria naquela situação, baseando-se em indícios do mesmo, ou para deliberadamente colocar palavras em sua boca (isto é, sem que haja indícios do bebê para tal).

É interessante observar que durante todo o tempo a co-regulação é mantida e também renegociada, como, por exemplo, quando o bebê está entretido com alguns objetos e não atende aos diversos chamados da mãe. Imitando choro, ela verbaliza “*Mateuzinho nem liga pra mamãe*”, mas em seguida se engaja na situação e passa também a brincar com aqueles objetos.

Na díade J, tal como na outra díade, o clima das interações é bastante prazeroso, a mãe se mostra bastante atenta ao bebê, as mútuas e constantes respostas de ambos os parceiros denotam o engajamento dos mesmos, e o acolhimento de novas ações dos parceiros indicam a manutenção do caráter co-regulado das trocas. Todavia, esta díade parece mais pronta para

permitir que cada parceiro assuma seu próprio lugar no diálogo. Um fato que pode ilustrar o que estamos querendo colocar se refere ao tempo gasto por esta díade para atingir o predomínio da abreviação, que é menor em onze semanas em relação à díade I. Além disto, esta mãe não parece se colocar tanto em condição de identificação com o bebê, o que pode ser verificado pelo fato dela assumir a posição do bebê primordialmente para expressar sua voz nas brincadeiras, ou ao imitar suas vocalizações, ao invés de buscar verbalizar o que, de fato, ele poderia dizer numa determinada situação.

5.2. RESULTADOS RELATIVOS ÀS POSIÇÕES ASSUMIDAS PELA MÃE DURANTE O PROCESSO DE COMUNICAÇÃO COM O BEBÊ

Nesta seção apresentaremos os resultados relativos às posições assumidas pelas duas mães das díades analisadas durante o processo de comunicação com o bebê. Ao longo de todo o texto apresentaremos trechos das transcrições que exemplifiquem estas falas. Estes exemplos são apresentados com uma coluna relativa às falas e ações da mãe e outra relativa às ações do bebê. As falas da mãe são realçadas em *itálico*, já as ações de ambos não têm destaque. Na grande maioria das vezes, o exemplo que queremos apresentar é ilustrado por todo o enunciado ali colocado, porém há outras falas que só fazem sentido se apresentadas conjuntamente com um todo do enunciado. Nestes casos aquilo que apresentamos como exemplo será sublinhado para ser destacado.

Cabe ressaltar que nesta seção nosso foco é descrever nossos dados para que, posteriormente, possamos colocá-los em face do fenômeno da diferenciação dos sujeitos.

5.2.1. Díade I

Encontramos as três posições de fala ao longo de todo o período estudado, com exceção de três semanas em que não há falas pelo bebê, como podemos ver na tabela 1.

Tabela 1 - Díade I - Posições assumidas pela mãe ao longo do tempo.

Semanas	Posições		
	Si	Bebê	Combinada
6ª semana			
7ª semana			
8ª semana			
9ª semana			
10ª semana			
11ª semana			
12ª semana			
13ª semana			
14ª semana			
15ª semana			
16ª semana			
17ª semana			
18ª semana			
19ª semana			
20ª semana			
21ª semana			
22ª semana			
23ª semana			
24ª semana			
25ª semana			
26ª semana			
27ª semana			
28ª semana			
29ª semana			
30ª semana			
32ª semana			

Esta aparente regularidade encobre desdobramentos que são revelados ao analisarmos as características de cada posição ao longo do tempo.

Fala por si

Durante todo o período investigado a fala por si é utilizada para responder aos atos ou vocalizações do bebê (EXEMPLO 1); informar-lhe sobre o que vai fazer (EXEMPLO 2); informar-lhe sobre o que acontece no ambiente (EXEMPLO 3); oferecer-lhe objetos

(EXEMPLO 4); atrair sua atenção (EXEMPLO 5); estimular-lhe e/ou ensinar-lhe a fazer algo (EXEMPLO 6).

EXEMPLO 1 - Díade I - Idade do bebê: 6 semanas (sexo masculino)

MÃE	BEBÊ
<i>Eta, nenê, que fome, hein?</i>	Enquanto mama produz alguns sons

EXEMPLO 2 – Díade I - Idade do bebê: 27 semanas (sexo masculino)

MÃE	BEBÊ
<i>Mateus</i>	Vocaliza animado
(Tenta prender a chupeta na sua camisa) <i>Mamãe vai prender aqui</i>	

EXEMPLO 3 – Díade I - Idade do bebê: 6 semanas (sexo masculino)

MÃE	BEBÊ
<i>Eita, ta cantando 'Parabéns' Ta cantando 'Parabéns', nenê</i> (referindo-se ao som que vem de fora da sala)	Mamando

EXEMPLO 4 – Díade I - Idade do bebê: 29 semanas (sexo masculino)

MÃE	BEBÊ
(Oferece um objeto para o bebê) <i>Tó</i>	Quase pega o objeto
(Oferece novamente o objeto a ele) <i>Toma, Mateus.</i>	

EXEMPLO 5 – Díade I - Idade do bebê: 14 semanas (sexo masculino)

MÃE	BEBÊ
<i>Tá olhando aonde, Mateus? Tá olhando pra onde, ahn? Psiu. Psiu.</i>	Olha para o lado

EXEMPLO 6 – Díade I - Idade do bebê: 30 semanas (sexo masculino)

MÃE

*Vai pegar. Vai, mamãe, pegar ela.**Eita, conseguiu, pega ela, Mateus.*

BEBÊ

Engatinha na direção do boneco inflável, mas se distrai com outro objeto

Volta a engatinhar para o boneco inflável

Esta fala apresenta mudanças ao longo do tempo que demonstram um paralelismo com o desenvolvimento do bebê. As respostas aos atos e vocalizações do bebê vão evoluindo com ele, de modo que, se inicialmente a mãe se restringe a comentar sobre aquilo que o bebê faz, posteriormente, no período relativo à extensão, ela começa também a repreendê-lo (EXEMPLO 7). Ainda neste mesmo período, os episódios de falas em que a mãe busca atrair a atenção do parceiro se intensificam (enquanto no estabelecimento havia uma média de 2,3 tentativas por semana, na extensão, temos uma média de 9,16 por semana), e ela diversifica o modo como o faz: chamando-lhe pelo nome, destacando o som de um objeto, tentando reverter papéis e pedindo-lhe que a ensine a fazer algo, entre outras. Quando a extensão se aproxima da abreviação, as falas com as quais a mãe verbaliza que tenta ensinar algo ao bebê se intensificam e se diversificam. Se até aqui ela vinha lhe ensinando coisas relacionadas à atividade na qual eles estavam envolvidos naquele momento (EXEMPLO 8), agora ela começa a ensinar-lhe coisas fora desta realidade mais imediata (EXEMPLO 9). E as tentativas de atrair a atenção do bebê se intensificam novamente (contando com uma média de 11,5 por semana).

EXEMPLO 7 - Díade I - Idade do bebê: 12 semanas (sexo masculino)

MÃE

Tira a mãozinha da boca,

BEBÊ

Coloca a mão na boca

Mateuzinho.

Coloca a mão na boca novamente

*Tira a mãozinha da boca,
Mateuzinho*

EXEMPLO 8 - Díade I - Idade do bebê: 13 semanas (sexo masculino)

MÃE

BEBÊ

(Coloca o objeto na mão do bebê)

Segura o objeto

*Pega, Mateuzinho. Pega, amor,
assim, assim, Mateuzinho. Eita.
Eita. Pegou.*

EXEMPLO 9 - Díade I - Idade do bebê: 32 semanas (sexo masculino)

MÃE

BEBÊ

Entretido com os objetos no chão

*Olha aqui, pisca o olho assim, ó.
Assim, ó, mamãe, assim, assim, ó
(Pisca os olhos enquanto fala).*

engatinha vocalizando som de
“rugido”

*Que isso, Mateus? Pisca o olho
assim, pisca o olho, Mateus,
Mateuzinho, assim, ó, mamãe
(continua piscando os olhos
repetidamente).*

Fala pelo bebê

Quanto à fala pelo bebê, no período do estabelecimento ela parece servir a dar voz a um parceiro que aceita e/ou precisa de uma “tradução”. Em muitas situações suas falas refletem o que, de fato, o bebê poderia dizer naquela situação específica (EXEMPLO 10), porém há outras situações em que as falas nesta posição parecem criações da mãe sem uma exata conexão com atos do bebê, pois não apresentam ligação direta com indícios oferecidos por ele. Estas falas podem servir ou para dar continuidade ao suposto diálogo verbal entre ela

e o bebê (EXEMPLO 11), ou para expressar algo que a mãe vai fazer, mas que o faz da posição do bebê (EXEMPLO 12).

EXEMPLO 10 - Díade I - Idade do bebê: 7 semanas (sexo masculino)

MÃE

Tá bom, eu já sei o que você quer. A senhora fica me enrolando (oferece o peito ao bebê)

BEBÊ

Chora

Pega o peito e se acalma

EXEMPLO 11 - Díade I - Idade do bebê: 7 semanas (sexo masculino)

MÃE

(coloca o bebê de frente para ela)
Vamos conversar, vamos? A gente tem que conversar. Desse jeito não dá, viu?

Também acho, né?

BEBÊ

Mexe os braços e deixa cair a chupeta

EXEMPLO 12 - Díade I - Idade do bebê: 6 semanas (sexo masculino)

MÃE

(Levanta com o bebê no colo e caminha pela sala) *Me leva pra passear, mãe, leva pra passear.*

BEBÊ

No colo da mãe, olha para ela.

No período relativo à extensão, a mãe continua a verbalizar aquilo que o bebê poderia dizer naquela situação, mas a partir da 12ª semana ela começa a usar esta posição também para expressar a voz do bebê nas brincadeiras (EXEMPLO 13), e da 25ª semana em diante, ela começa a imitar as vocalizações do bebê (EXEMPLO 14). Consideramos esta última também uma expressão da fala pelo bebê, pois a imitação é uma forma de discurso de visa a

reproduzir fielmente o que o outro verbalizou (Bakhtin, 1992), e nesse sentido, é uma forma de se colocar na posição dele.

EXEMPLO 13 – Díade I - Idade do bebê: 12 semanas (sexo masculino)

MÃE	BEBÊ
(coloca o bebê em seu colo de frente para o boneco inflável) <i>Pronto, pronto, pronto. Mamãe, Mateuzinho. Pode conversar, conversa.</i>	Olha para o boneco inflável
<u><i>Oi amiguinha, amiguinha. Psiu. Amiguinha. Psiu. Conversa com ela.</i></u>	

EXEMPLO 14 – Díade I - Idade do bebê: 32 semanas (sexo masculino)

MÃE	BEBÊ
(Imita o som do bebê) <u><i>'ah, ta ta ta'</i></u> , <i>mamãe.</i>	Fica em pé e grita 'ah, ta ta ta'
(Grita acompanhando os sons do bebê) <u><i>"Aaaaaah"</i></u>	"Ruge"
(Grita novamente acompanhando os sons do bebê) <u><i>"Aaaaaah"</i></u>	Olha para a mãe e "ruge".

No período da abreviação, ao assumir esta posição, a mãe se restringe a expressar a voz do bebê nas brincadeiras e a imitá-lo (EXEMPLOS 13 e 14).

Fala combinada

A percepção de indícios do bebê verbalizados de sua própria posição é expressada na fala combinada ao longo de todo o período investigado. Esta fala se apresenta primordialmente no formato de interrogativas no período relativo ao estabelecimento da comunicação. Isto parece sinalizar a necessidade da mãe de se certificar quanto aos indícios

que percebe do bebê. Assim, ora ela parece buscar descobrir o que os indícios oferecidos pelo bebê significam, ora visa confirmar se aquilo que ela interpretou desses indícios está correto (EXEMPLOS 15 e 16, respectivamente).

EXEMPLO 15 – Díade I - Idade do bebê: 6 semanas (sexo masculino)

MÃE

Que foi, meu amor, que foi? Que foi? Hum? Que foi? Que foi? Vai, Mateus, mama tudinho, vai.

Cabô, nenê? Cabô? Cabô? Cabô?

BEBÊ

Estava mamando e depois larga o peito.

Não volta a pegar o peito.

EXEMPLO 16 – Díade I - Idade do bebê: 8 semanas (sexo masculino)

MÃE

Que foi, hein? Quer mamar, é? Quer?

BEBÊ

Chora.

Quando predomina a extensão as falas nesta posição apresentam aspectos bastante diversificados. A partir da 12ª semana, além de verbalizar o que o bebê estaria querendo ou fazendo, a mãe também começa a interpretar o que percebe dele atribuindo significado aos seus atos. Ou seja, neste ponto ela não apenas relata de sua posição os indícios que percebe do bebê, mas adiciona mais elementos a estes relatos, verbalizando também que reconhece sutilezas de seu comportamento (EXEMPLO 17). Além disto, falas afirmativas e interrogativas acrescentadas ao fim de uma afirmação (como se pedisse a concordância do bebê) aparecem nesta posição na 14ª e 16ª semanas respectivamente. Se inicialmente ela interrogava quanto aos indícios por ele oferecidos, agora ela passa a afirmar sobre eles (EXEMPLO 18 e 19). Por fim, da 21ª semana em diante estas falas passam a verbalizar

repreensões, críticas, ou reclamações do bebê, sugerindo que a mãe se vê diante de novas ações deste parceiro (EXEMPLOS 20, 21 e 22, respectivamente).

EXEMPLO 17 – Díade I - Idade do bebê: 12 semanas (sexo masculino)

MÃE

(Coloca o objeto na mão do bebê)

Pega, Mateuzinho, seu amiguinho

Não quer saber nada dele não, é?

Ó, quer dessa daqui, é?(referindo-se ao boneco inflável)

BEBÊ

Segura o objeto, depois o solta

EXEMPLO 18 – Díade I - Idade do bebê: 19 semanas (sexo masculino)

MÃE

Ah! Você quer coçar só a gengivinha, você não quer beber água.

BEBÊ

Tenta pegar a mamadeira e coloca-a na boca, mas não toma a água. Fica "mordendo" o bico

EXEMPLO 19 – Díade I - Idade do bebê: 17 semanas (sexo masculino)

MÃE

(coloca o objeto para tocar música)

Ó, ó, olha que bonito. Que música linda, né, nenê? Que música bonita, né, meu filho? Que musiquinha linda. Você é o nenê de mamãe, é? E é o meu bebê? Olha, eita quer de novo, amor? Quer de novo, ó? Olha, olha, que lindinho.

Eta ficou quietinho, gostou do brinquedinho, não é mamãezinho?

BEBÊ

Fica quieto no colo da mãe. Alterna olhar para a mãe e para cima

EXEMPLO 20 - Díade I - Idade do bebê: 23 semanas (sexo masculino)

MÃE

BEBÊ

Bate em um objeto

(Em tom de reprovação) *Menino que agressividade, menino.*

EXEMPLO 21 – Díade I - Idade do bebê: 21 semanas (sexo masculino)

MÃE

(Brinca de “fazer o bebê voar”, segurando-o na horizontal) *Avião da valig estacionando. Uma barreira*

(Vira o bebê de frente para si e o coloca no ar) *Mateus, tu só sabe olhar pra baixo, Mateus.*

BEBÊ

Durante a brincadeira, vai olhando para baixo. Observando tudo.

EXEMPLO 22 – Díade I - Idade do bebê: 22 semanas (sexo masculino)

MÃE

(Está com uma máquina de fotografia de brinquedo na mão) *Tirar foto, ei, menininho, menininho.*

(Ainda com a máquina na mão) *Mateus*

(Pega o telefone de brinquedo) *Eu vou ligar pra painho e dizer q você não ta dando atenção a mainha, não. Só quer saber desses brinquedos.*

BEBÊ

Não olha para a mãe. Fica entretido com os brinquedos.

Continua entretido com os brinquedos, sem olhar para a mãe

Na abreviação as falas nesta posição apresentam-se no formato de afirmativas, ou interrogativas acrescentadas ao fim de uma afirmação e expressam principalmente reclamações do parceiro pelo fato de ele não dar atenção à mãe (EXEMPLOS 18, 19 e 22).

5.2.2. Díade J

As falas por si e combinada aparecem ao longo de todo o período investigado nesta díade, e, a não ser por duas semanas, o mesmo se repete com a fala pelo bebê, como podemos verificar na tabela 2.

Tabela 2 - Díade J - Posições assumidas pela mãe ao longo do tempo.

Semanas	Posições		
	Si	Bebê	Combinada
6ª semana			
7ª semana			
9ª semana			
10ª semana			
11ª semana			
12ª semana			
13ª semana			
14ª semana			
16ª semana			
17ª semana			
18ª semana			
21ª semana			

O fato das três posições se apresentarem quase ininterruptamente ao longo de todo o estudo poderia indicar uma regularidade quanto a estas falas, porém, internamente cada uma exibe mudanças com o passar das semanas.

Fala por si

A fala por si apresenta uma constância ao longo das semanas investigadas no que se refere ao propósito com o qual a mãe a utiliza. Ao longo de todo o tempo, ao assumir esta posição, ela responde aos atos e vocalizações do bebê (EXEMPLOS 23 e 24), informa a ele o que está fazendo (EXEMPLO 25), oferece-lhe objetos (EXEMPLO 26), estimula-lhe e/ou ensina-lhe a fazer algo (EXEMPLO 27)

EXEMPLO 23 – Díade J - Idade do bebê: 6 semanas (sexo feminino)

MÃE

É, é? (segura o bebê na vertical pelos braços) *Fala, com mainha, fala, fala. É, é? Fala. Ahn? Que foi? Que foi?*

Eita. Que foi, que foi? Mamãe, é? Hum? Que foi? Tá olhando o que? Hum? Hum?

BEBÊ

Vocaliza, produzindo diversos sons

Vocaliza

EXEMPLO 24 - Díade J - Idade do bebê: 16 semanas (sexo feminino)

MÃE

(Tira sua mão da boca do bebê)
Não, dou não.

BEBÊ

Tenta chupar a mão da mãe

EXEMPLO 25 – Díade J - Idade do bebê: 10 semanas (sexo feminino)

MÃE

(Coloca o bebê deitado no chão com a cabeça sobre uma almofada para trocar sua fralda)

Não. Mainha não vai limpar? Fica aqui. Pronto. Vou botar a fralda aqui na sua cabeça (troca a almofada por uma fraldinha de pano). Pronto

BEBÊ

Chora

EXEMPLO 26 – Díade J - Idade do bebê: 13 semanas (sexo feminino)

MÃE

Aquele aqui, tome. (coloca um objeto na mão do bebê)

Pegue ele aqui. Olha

BEBÊ

Olha o objeto em sua mão

EXEMPLO 27 – Díade J - Idade do bebê: 13 semanas (sexo feminino)

MÃE	BEBÊ
	Vocaliza
É. É. É. (aproxima o boneco inflável do bebê)	Vocaliza sorrindo
É, ta vendo, mainha?	Vocaliza e olha para a mãe
<u>É, fale com ele. Grite.</u> É. Tas vendo?	

Na 9ª semana, momento em que o estabelecimento predomina, a mãe verbaliza suas tentativas de atrair a atenção do bebê (EXEMPLO 28). Em seguida, estas falas começam a se intensificar e se diversificar, e isto coincide com o predomínio da extensão (2 tentativas na 9ª semana *versus* 11,16 nas semanas relativas a este período). Além de chamar o bebê pelo nome, ela passa a destacar sons de objetos, fazer sons com a boca, mexer no rosto do bebê enquanto chama seu nome, repetir a mesma frase diversas vezes, ou relembrar brincadeiras em que o bebê se divertiu anteriormente. No período em que predomina a abreviação não há um aumento nas tentativas em atrair a atenção do bebê (22 tentativas nas duas semanas correspondentes a este período), mas há uma maior diversificação na maneira que a mãe o faz.

Outra mudança nesta fala se refere às respostas aos atos do bebê passarem a incluir repreensões a ele (EXEMPLO 29), e os estímulos para que o bebê faça algo passam a se referir aos atos com os quais o bebê opera sobre o ambiente (EXEMPLO 30). Isto acontece pela primeira vez na 10ª semana, mas se mantém ao longo de todo o predomínio da extensão e abreviação.

EXEMPLO 28 – Díade J - Idade do bebê: 9 semanas (sexo feminino)

MÃE	BEBÊ
	Fica com o olhar direcionado para o lado
Ta olhando pra onde, hein? Hum?	Continua olhando para o lado

Tu tas olhando pra onde, hein? (vira o corpa do bebê para si) Psiu. Tu tas olhando pra onde, hum? Oi.

EXEMPLO 29 – Díade J - Idade do bebê: 13 semanas (sexo feminino)

MÃE

Fala com ele, vai? Mamãe, fala com ele

Não, com a boca, não. Pode não, né?

BEBÊ

Olha o boneco inflável

Coloca a boca no boneco inflável

EXEMPLO 30 – Díade J - Idade do bebê: 21 semanas (sexo feminino)

MÃE

Ta vendo o que aí atrás?

É. Pega. Pega ele.

BEBÊ

Olha para o boneco inflável que está atrás da mãe.

Vocaliza

Puxa o boneco inflável

Fala pelo bebê

Há apenas uma semana em que a fala da mãe nesta posição verbaliza aquela que poderia ser a fala do bebê naquela situação, e isto coincide com a semana em que há o predomínio do estabelecimento (EXEMPLO 31). A partir da 10ª semana a mãe a utiliza esta posição somente com dois propósitos: expressar uma possível voz deste nas brincadeiras, ou imitar suas vocalizações (EXEMPLOS 32 e 33). Esta característica se mantém ao longo de toda a extensão e abreviação.

É interessante observar que nesta díade não encontramos falas pelo bebê que indiquem criações da mãe sem uma exata conexão com atos do bebê a não ser em situações que podemos chamar de mais fantasiosas, como são as brincadeiras. Assim, a fala pelo bebê é

utilizada por esta mãe para se colocar no lugar dele, mas em contextos bastante restritos, de modo que ela parece não se colocar em condição de grande identificação com ele.

EXEMPLO 31 – Díade J - Idade do bebê: 9 semanas (sexo feminino)

MÃE

Tô com fome, minha mãe. Tô com fome

BEBÊ

Vocaliza reclamando

(Dá a chupeta ao bebê) *Diga: "Não me enrole não com essa chupeta que não vai matar minha fome, não."*

EXEMPLO 32 – Díade J - Idade do bebê: 16 semanas (sexo feminino)

MÃE

Ó, segure ele aqui, ó (ajeita a mão do bebê no boneco inflável). Pronto, ai fica mais fácil. Segure. "Não solto você não, você é meu". Diga. Ahn? Vai, mainha, pega aqui. Diga, "Você é meu". Diga. Ó. "Você é meu. Você é meu". Diga

BEBÊ

Segura o boneco inflável

Vocaliza reclamando

Solta o b.i.

Soltou.

EXEMPLO 33 – Díade J - Idade do bebê: 18 semanas (sexo feminino)

MÃE

Ah ah ah ah ah. Como é que faz? Ah. Como é? Como é? Como é que tu faz? Ahn?

BEBÊ

Vocaliza

Fala combinada

Ao longo de todo o período, a mãe utiliza a fala combinada para expressar que percebeu indícios do bebê. Tratam-se de enunciados no formato de afirmativas ou afirmativas

seguidas de perguntas, que parecem querer confirmar se aquilo que percebeu está correto (EXEMPLOS 34 e 35).

EXEMPLO 34 – Díade J - Idade do bebê: 14 semanas (sexo feminino)

MÃE

BEBÊ

Segura um objeto e o leva à boca

Botar na boca pra coçar o dente, é?

EXEMPLO 35 – Díade J - Idade do bebê: 16 semanas (sexo feminino)

MÃE

BEBÊ

Coloca a mão na boca

Eita, que ta coçando.

Mas até a 14ª semana a mãe se utiliza também de interrogativas nesta posição, indicando que no período relativo ao estabelecimento e boa parte da extensão a segurança quanto ao que interpreta do bebê ainda está em construção. Isto é, há situações nas quais os indícios parecem ser menos óbvios à mãe e ela precisa, então, tentar descobrir do que se tratam (EXEMPLO 36).

EXEMPLO 36 – Díade J - Idade do bebê: 9 semanas (sexo feminino)

MÃE

BEBÊ

Vocaliza reclamando

Quer comer? Hum? (põe a chupeta na boca do bebê) É a chupeta? Ou é a comida? Ahn? Hum? que foi, que foi? Diga. Tu ta com fome? Ahn? Ahn? Tá? (Tira a chupeta da boca do bebê) Empresta a chupeta aqui pra mainha. Tu ta com fome?

As repreensões a atos com os quais o bebê opera sobre o ambiente, reclamações e críticas a ele surgem nesta posição a partir da 10ª semana e se mantêm até o final do período

investigado. Isto sugere que a mãe se refere agora a um parceiro mais independente e que exhibe com novas habilidades (EXEMPLOS 37, 38 e 39).

EXEMPLO 37 – Díade J - Idade do bebê: 13 semanas (sexo feminino)

MÃE

É, é, você quer pegar ele para botar na boca. Pode não. Hum?

(Aproxima a bebê do boneco inflável) *Pronto, eu deixo. Pronto, pegue. hum*

BEBÊ

Vocaliza olhando o boneco inflável

Chora

EXEMPLO 38 – Díade J - Idade do bebê: 13 semanas (sexo feminino)

MÃE

Ei. Como o é que foi?

Quer conversar, não, comigo, não, né?

É. Ta me deixando, né?

BEBÊ

Olha para o lado

Continua olhando para o lado

Vocaliza e continua olhando para o lado

EXEMPLO 39 - Díade J - Idade do bebê: 21 semanas (sexo feminino)

MÃE

Toma aqui (coloca a fraldinha sob a boca da bebê)

(Tom de reprovação) *É, você quer só pra morder, né?*

BEBÊ

Estava tomando água. Puxa a mamadeira para a boca e começa a morder o bico

Morde o bico

Assim como na díade I, o crescente conhecimento entre os parceiros e as transformações na percepção da mãe a respeito do bebê também são sinalizadas pelas mudanças nestas posições.

5.3. RESULTADOS RELATIVOS ÀS TRAJETÓRIAS DE DESENVOLVIMENTO DO FENÔMENO DA DIFERENCIAÇÃO DOS SUJEITOS

As trajetórias de desenvolvimento de cada díade são traçadas a partir das falas da mãe. Todavia, para esta tarefa estas falas não são analisadas em função da posição que a mãe expressa assumir, mas sim do teor destas falas, em termos do que é obrigatório para o sistema poder alcançar uma região no desenvolvimento em que cada parceiro começa a assumir seu próprio papel no diálogo. Conforme explicitamos anteriormente, o que nos permite verificar que o sistema começa a apresentar este novo estado é o fato de atingir o período relativo à abreviação.

A Figura 3 apresenta um diagrama com estas novas classificações da fala da mãe¹⁷.

¹⁷ O **Anexo C** traz uma tabela com a descrição das siglas utilizadas para nos referirmos aos OPPs expressos na fala da mãe, que poderá servir de consulta ao longo da leitura deste trabalho.

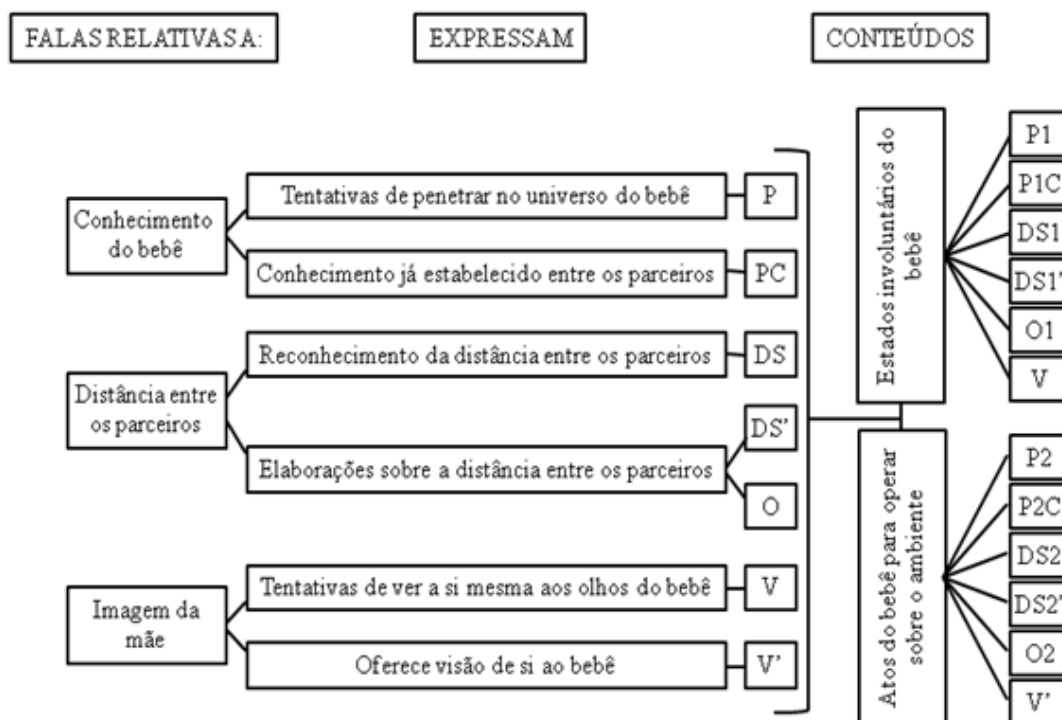


Figura 3 - Pontos de Passagem Obrigatórios expressos nas falas da mãe ao longo do processo de diferenciação dos sujeitos

As falas da mãe se referem principalmente a três aspectos diferentes: o conhecimento do bebê, a distância entre os parceiros e a imagem dela própria. Cada um destes aspectos apresenta desdobramentos ao longo da trajetória dos sistemas.

As falas que se referem ao conhecimento do bebê se dividem em dois tipos: (i) aquelas em que a mãe expressa tentativas de penetrar no universo deste parceiro, conhecê-lo naquilo que ele lhe apresenta (aqui chamadas de falas P); (ii) aquelas que exibem que, quanto a determinados aspectos, já há conhecimento estabelecido entre eles (chamadas de falas PC).

No que se refere à distância entre os parceiros, podemos ter falas que (i) verbalizam o reconhecimento da distância entre os parceiros (chamadas de falas DS); (ii) falas que expressem elaborações a respeito dessa distância. Estas últimas se subdividem em dois tipos, quando a mãe adiciona mais elementos às falas que expressam a distância (falas DS'), e

quando ela se coloca como observadora, ou coadjuvante dos atos do bebê (a estas chamamos falas O).

Já as falas a respeito da imagem da mãe verbalizam: (i) tentativas de ela ver a si mesma aos olhos do bebê (chamadas falas V); (ii) tentativas de entregar ao bebê uma imagem sobre que tipo de mãe ela é (chamadas falas V'). Nestas últimas, ao invés de buscar uma possível opinião do bebê a seu respeito, a mãe guia a visão dele sobre ela, dando-lhe características suas, dizendo o que faz com ele, etc.

Todas estas falas são verbalizadas sobre dois conteúdos diferentes, que se referem àquilo que o bebê apresenta à mãe: primeiro temos as falas relativas a seus estados involuntários (conteúdo 1), onde a mãe fala sobre o sono, a fome, a sede do bebê, se ele golfa, se arrota, etc.; em seguida temos falas a respeito dos atos com os quais o bebê opera sobre o ambiente (conteúdo 2), onde a mãe se refere ao fato dele mexer pernas e braços voluntariamente, segurar um objeto, levá-lo à boca, etc.

Diante disto, temos falas em que a mãe verbaliza tentativas de conhecer o bebê quanto a seus estados involuntários (falas P1), tentando identificar, por exemplo, o que significa um tipo de choro, se fome, sede, fralda suja, etc. Ela verbaliza também que já o conhece com relação a estes aspectos (falas P1C), onde já sabe distinguir, por exemplo, um choro de fome de um choro de sono. Além disto, verbaliza o reconhecimento da distância entre eles (falas DS1), onde começa, por exemplo, a repreendê-lo por demorar a tomar o leite. Uma vez reconhecida a distância, a mãe elabora sobre ela, e o faz de duas maneiras: ou adiciona mais elementos a suas repreensões (falas DS1'), explicando ao bebê porque não deve reclamar por mais leite, por exemplo, ou se coloca como observadora do que o bebê faz (falas O1), por exemplo, ao comentar sobre como o bebê toma a água. Ao buscar ver a si mesma, primeiramente a mãe assume a posição do bebê e assim, verbaliza o que ele estaria achando

dela (falas V). Estas falas sempre se referem aos estados involuntários do bebê, como por exemplo, sobre como a mãe procede quanto à oferta de leite.

Deste modo, com relação ao conteúdo 1, temos as falas P1, P1C, DS1, DS1', O1 e V.

A seguir temos os mesmos tipos de fala com relação ao segundo conteúdo, os atos do bebê para operar sobre o ambiente. Ela então verbaliza tentar conhecê-lo com relação a estes atos (falas P2), indicando que percebe tais atos e também buscando identificar, por exemplo, se ao movimentar as pernas o bebê está tentando andar. Quando ela começa a atribuir significado aos atos do bebê, por exemplo, afirmando que ao levar objetos à boca ele quer coçar a gengiva, ela expressa que, quanto a estes atos, já o conhece (falas P2). O reconhecimento da distância se expressa pelas falas em que a mãe começa a repreendê-lo, criticá-lo, ou reclamar dele por tais atos (falas DS2), podendo, por exemplo, impedir o bebê de levar objetos à boca. As elaborações a respeito desta distância podem ser notadas quando a mãe, além de repreendê-lo, explica-lhe consequências de seus atos, isto é, adiciona novos elementos a esta distância (falas DS2'), ou quando ela se coloca como observadora do que ele faz, ou como mera coadjuvante destes atos (falas O2). Um exemplo deste último tipo de fala pode ser visto quando a mãe se predispõe a “ajudá-lo a se virar”. Deste modo, ela apenas lhe auxilia em seu ato.

Uma ressalva deve ser feita a respeito das falas com as quais a mãe oferece ao bebê uma visão sobre si mesmas (V'). Elas podem ser inseridas neste segundo conteúdo, pois verbalizam, na maior parte das vezes, respostas da mãe a estes atos do bebê. Contudo, não é apenas sobre este conteúdo que elas versam, de modo que a mãe se refere, por exemplo, a brincadeiras que ela faz com o bebê.

Sendo assim, as falas que podemos encontrar com relação ao segundo conteúdo são P2, P2C, DS2, DS2', Os e V'.

Podemos dizer que o primeiro tipo de falas (P e PC) e o último (V e V') se referem a dois lados diferentes do conhecimento dos parceiros. Enquanto no primeiro tipo o foco é o bebê, naquelas falas sobre a imagem da mãe o foco se desloca para ela enquanto mãe, de modo que ela expressa diferentes aspectos sobre si mesma na relação com o bebê. Do mesmo modo, as falas relativas à distância (DS, DS' e O) também se referem ao conhecimento entre os parceiros, um nível de conhecimento que os permite se distanciarem. Assim, os OPPs, em quaisquer dos conteúdos, expressam diferentes aspectos do crescente conhecimento mútuo entre os parceiros.

A seguir apresentaremos os resultados relativos aos OPPs. Ao longo do texto ilustraremos estes resultados com exemplos, que seguem a mesma formatação que vínhamos utilizando anteriormente: uma coluna relativa às falas e ações da mãe e outra relativa às ações do bebê, as falas da mãe são realçadas em *itálico*, e quando há exemplos que fazem sentido dentro de um contexto maior, estas falas são destacadas em *itálico* e também sublinhadas.

Ressaltamos que, nesta seção, assim como na anterior, nosso foco é descrever nossos dados para posteriormente relacioná-los com o fenômeno da diferenciação dos sujeitos.

5.3.1. Díade I

Pontos de Passagem Obrigatórios (OPPs)

Neste tópico apresentaremos os resultados relativos aos OPPs expressos na fala da mãe da díade I. Estes resultados serão apresentados na seguinte ordem: OPPs relativos a (i) conteúdo 1; (ii) conteúdo 2; (iii) imagem da mãe. Estes últimos tipos de fala serão apresentados num subtópico específico, pois assim, podemos fazer considerações a respeito de suas transformações no tempo.

Conteúdo 1 – Estados involuntários do bebê

Os elementos trabalhados na fala da mãe a respeito do conteúdo 1 estão expostos na tabela 3. Todos estes elementos se referem ao bebê. Assim, quando há o termo “sono” no corpo da tabela, ele indica falas da mãe sobre o sono do bebê.

Tabela 3 - Díade I – conteúdo 1.- OPPs nos períodos de quase-estabilidade do sistema

	Estabelecimento	Extensão
P1	• Calor • Partes do corpo • Fome • O que o bebê faz durante a mamada • Vocalizações • Chupeta • Direção do olhar • Choro • Posições para o bebê • Flexão de braços e pernas • Expressões faciais • Sono	• Sono • Sorriso • Direção do olhar • Vocalizações • Chupeta • Baba • Choro
P1C	• Choro • Vocalizações • Chupeta • Fome	• Sono • Posições da mãe • Direção do olhar • Sede • Dente • Vocalizações • Sorriso • Baba • O que o bebê faz durante a mamada
DS1	• O que o bebê faz durante a mamada	• Sede • Baba
O1		• O que o bebê faz durante a mamada • Direção do olhar

As tentativas de conhecer o parceiro (P1 – EXEMPLO 40), expressões de que já há um conhecimento estabelecido (P1C – EXEMPLO 41) e identificação da distância (DS1 – EXEMPLO 42) aparecem nos períodos compreendidos pelo estabelecimento e pela extensão.

Já as elaborações a respeito da distância se restringem a falas em que a mãe se coloca como observadora do que o bebê faz (O1 – EXEMPLO 43) e aparecem apenas no período compreendido pela extensão.

EXEMPLO 40 - Díade I - Idade do bebê: 8 semanas (sexo masculino)

MÃE	BEBÊ
(Muda de posição com o bebê)	
	Faz uma careta
<i>Que foi? Que foi?</i>	
	Chora
<i>Não gostou, não?</i>	
	Chora mais alto
(cantarola) <i>Que foi? Que foi? Não chora, não, senão mamãe vai chorar também, viu? Chora, não, nenê Que foi, hein? Quer mamar, é? Quer?</i>	

EXEMPLO 41 - Díade I - Idade do bebê: 13 semanas (sexo masculino)

MÃE	BEBÊ
	Chora
<i>Oi, ta bom, ta bom, ta bom. Ponto, ponto, ponto (coloca o bebê na vertical em seu colo e cantarola).</i>	
	Continua chorando
<u><i>Ô meu Deus do céu, por que esse dente tá me aperreando?</i></u>	

EXEMPLO 42 - Díade I - Idade do bebê: 19 semanas (sexo masculino)

MÃE	BEBÊ
	Está tomando água e larga a mamadeira.
<i>Eita. Eita. Mateuzinho, não faça isso. Toma.</i>	

EXEMPLO 43 - Díade I - Idade do bebê: 20 semanas (sexo masculino)

MÃE	BEBÊ
	Enquanto toma mamadeira, olha a

mãe.

*Não vai deixar, não pra mamãe?
(imita som de choro) Mateuzinho ta
tomando tudinho? Mateuzinho não
tá deixando nem pra mamãe. Tu vai
tomar tudinho? Você não vai dar
nem pros teus amiguinhos, Mateus?
Hum? Vai dar, não?*

Conforme podemos verificar na tabela 3, diversos temas são trabalhados pela mãe nas falas P1. É como se quaisquer indícios do bebê por ela percebidos fossem verbalizados. As falas P1C expressam alguns destes elementos, como também novos elementos. DS1 e O1 trazem temas presentes tanto em P1 quanto em P1C. As características relativas a P1C, DS1 e O1 sugerem que a mãe traduz em sua fala o movimento da díade que demonstra certa flexibilidade e disponibilidade para inovar.

Conteúdo 2 – Atos do bebê para operar sobre o ambiente

Todas as falas relativas ao conteúdo 2 (P2, P2C, DS2, DS2'e O2 – EXEMPLOS 44, 45, 46, 47 e 48 respectivamente) aparecem tanto no período compreendido pela extensão, quanto naquele compreendido pela abreviação.

EXEMPLO 44 - Díade I - Idade do bebê: 23 semanas (sexo masculino)

MÃE

*Tu quer o carrinho, é? Tu quer o
carrinho, é, mamãe?*

BEBÊ

Olha para o carrinho ao seu lado.

EXEMPLO 45 - Díade I - Idade do bebê: 24 semanas (sexo masculino)

MÃE

*(pega o brinquedo pelo qual o bebê
havia se interessado)*

BEBÊ

Não olha para a mãe, vai na direção
de outros brinquedos.

Tá olhando pra trelar. Tá olhando

pra trelar. Tá olhando pra trelar¹⁸.

EXEMPLO 46 - Díade I - Idade do bebê: 25 semanas (sexo masculino)

MÃE

BEBÊ

Pega um boneco e leva à boca

Não faz isso, não, Mateus.

EXEMPLO 47 - Díade I - Idade do bebê: 25 semanas (sexo masculino)

MÃE

BEBÊ

Aperta o boneco inflável.

*Mateus, ela vai chorar desse jeito,
ela vai chorar.*

EXEMPLO 48 - - Díade I - Idade do bebê: 27 semanas (sexo masculino)

MÃE

BEBÊ

Olha para o boneco inflável.

*Vai lá, pega ela, vai. Vai lá, pega
ela, vai. (coloca o bebê de bruço
sobre o pano) Eu tô aqui. Vai,
Mateus, vai pegar ela.*

A tabela 4 apresenta os temas sobre os quais a mãe se refere em cada tipo de fala neste segundo conteúdo. Muitos dos termos desta tabela se referem ao bebê, de modo que, por exemplo, o termo “segurar objeto” indica falas da mãe sobre esta ação do bebê. Mas as falas O2 apresentam termos que se referem à mãe enquanto observadora do que o bebê faz.

Tabela 4 - Díade I – Conteúdo 2 - OPPs nos períodos de quase-estabilidade do sistema

	Extensão	Abreviação
P2	• Vocalizações • Movimentos braços e pernas • Segurar objeto • Interesse pelo objeto • Capacidade de se locomover	• Vocalizações

¹⁸ Trelar – termo comumente utilizado na região de Pernambuco. Significa algo como ‘bagunçar ludicamente’.

	• Características físicas do bebê	
P2C	• Posições do bebê • Interesse pelo objeto • Segurar objeto • Vocalizações do bebê • Morder objetos • Morder a mãe • Coçar gengiva • Movimentos braços e pernas • Capacidade de se locomover	• Vocalizações
DS2	• Levar mão na boca • Direção do olhar • Levar objetos à boca • Interesse pelo objeto • Vocalizações • Tirar sapato • Capacidade de se locomover • Morder objetos	• Capacidade de se locomover • Vocalizações • Interesse pelo objeto
DS2'	• Consequências de bater nos brinquedos • Capacidade de se locomover – consequências	• Consequências de bater nos brinquedos
O2	• Capacidade de se locomover • Características do bebê • Observa bebê brincando com o objeto	• Observa o que o bebê consegue fazer sozinho • Observa movimentos braços e pernas

Apresentaremos a análise das falas relativas ao conteúdo 2 em relação às falas do conteúdo 1, pois esta comparação enriquece nossas discussões e traz um panorama do desenvolvimento ocorrido. Primeiramente, notemos que P2 apresenta menos elementos em relação a P1. Isto sugere que aquele tatear inicial e a busca por conhecer quaisquer indícios oferecidos pelo bebê parecem dar lugar a uma maior segurança quanto ao que a mãe percebe do bebê. Além disto, a díade parece exibir maior flexibilidade em relação ao novo, pois neste segundo conteúdo mais elementos surgem nas falas que exibem conhecimento entre os parceiros (P2C, DS2, DS2' e O2) que não foram trabalhados em P2.

Falas relativas à imagem da mãe (V e V')

Todas as falas em que a mãe expressa possíveis opiniões do bebê a seu respeito, ela o faz como se o bebê a criticasse (V - EXEMPLO 49). Já nas falas V' ela informa características suas a ele, fazendo reclamações e críticas ao bebê, e se referindo a brincadeiras que faz com ele (EXEMPLO 50 e 51).

EXEMPLO 49 - Díade I - Idade do bebê: 8 semanas (sexo masculino)**MÃE***Quer mamar, é? Quer?***BEBÊ***Vocaliza alguns sons*

É? Ah! Então tá certo. Agora eu vou mamar. Não quero que me aperreie. Eu não quero. Eu não quero que me aperreie. Essa minha mãe fica me enrolando, essa minha mãe fica me enrolando. Não queria dar meu leitinho.

EXEMPLO 50 - Díade I - Idade do bebê: 15 semanas (sexo masculino)**MÃE**

*Que reclamação é essa, Mateus?
Que reclamação é essa? Tá reclamando de que, hein, Mateus?
Tá reclamando de que, Mateus?
Mamãe tá gostando não, viu?
Mamãe não tá reclamando. Mamãe não tá reclamando. O que você tá reclamando, hein, Mateuzinho?*

BEBÊ*Vocaliza reclamando***EXEMPLO 51 - Díade I - Idade do bebê: 18 semanas (sexo masculino)****MÃE**

Você só quer olhar pro boneco, não quer nem olhar pra mamãe. Mamãe

BEBÊ*Olha os brinquedos no chão.*

tá com ciúme, viu?

As falas V se restringem ao período compreendido pelo estabelecimento, e as falas V' aparecem no estabelecimento e também na extensão. Como podemos perceber na tabela 5, há apenas um elemento em comum nestes dois tipos de fala. Esta diferença parece refletir o posicionamento da mãe em cada uma delas. Enquanto na primeira ela se limita a verbalizar possíveis opiniões do bebê a seu respeito, nas últimas ela coloca a ele opiniões, sentimentos e ações dela em relação ao bebê.

Tabela 5 - Díade I – OPPs relativos à imagem da mãe ao longo dos períodos de quase-estabilidade do sistema.

	Estabelecimento	Extensão
V	• Demora em oferecer leite ao bebê • Sobre como a mãe oferece objetos ao bebê • Sobre como ela responde a seu espirro • Atrapalha a mamada	
V'	• Sobre como a mãe oferece objetos ao bebê • Brincadeiras que faz com o bebê	• Não gosta das reclamações do bebê • Sente ciúmes do interesse do bebê por objetos • Características físicas dela • Brincadeiras que faz com o bebê • Bebê deve respeito à mãe

Trajetória de Desenvolvimento

Os OPPs acima apresentados nos permitem traçar a trajetória desta díade em direção ao EFP, o início da diferenciação dos sujeitos verificado pelo alcance do predomínio da abreviação. Esta trajetória pode ser ilustrada conforme a figura 4. Os períodos relativos aos

momentos de quase-estabilidade do sistema quanto às trocas “mãe-objeto-bebê” são ilustrados pelas cores nas diferentes semanas, onde a cor azul ilustra o período compreendido pelo estabelecimento, a cor verde indica o período compreendido pela extensão, e o período relativo à abreviação é indicado pela cor vermelha. Cada tipo de fala exhibe possibilidades de bifurcação, a não ser por V’. Isto significa que cada fala guarda desdobramentos que são desenvolvidos ao longo do tempo. As linhas relativas a cada fala indicam quando elas surgem pela primeira vez e até onde se estendem. Os espaços pontilhados em cada linha indicam semanas em que aquelas falas não aparecem, mas que continuam latentes, dado que aparecem em semanas subsequentes.

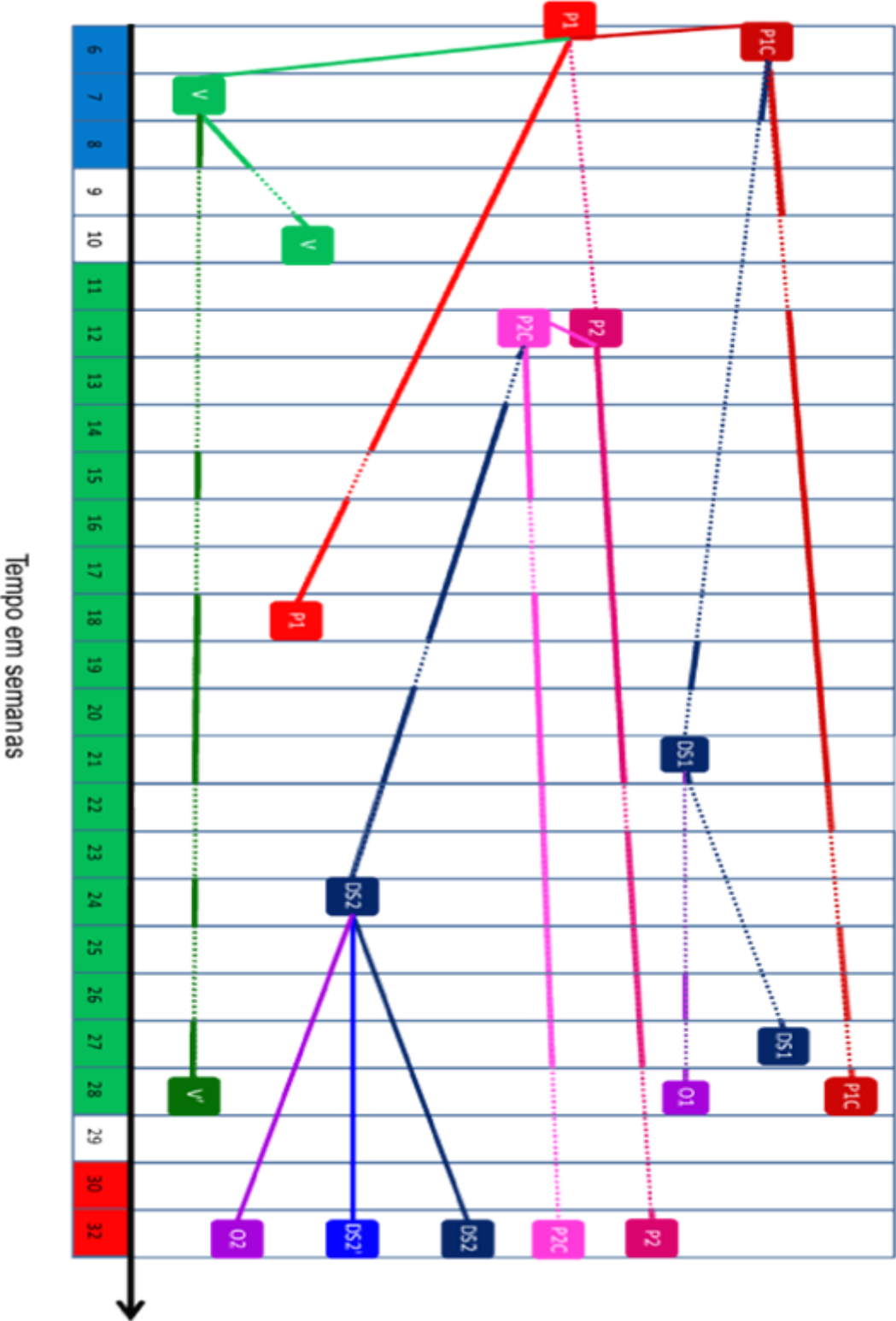


Figura 4 - Díade I - Trajetória de desenvolvimento
OPPs ao longo das semanas

Verificamos que as falas P1 aparecem da 6^a à 18^a semana, com exceção apenas da 15^a semana. P1C e DS1 surgem também já na 6^a semana e seguem, mesmo que intermitentemente até a 28^a e 27^a semanas respectivamente, sendo DS1 menos frequente (aparece somente em cinco semanas). As falas O1 aparecem na 20^a, 26^a e 28^a semanas.

As falas V aparecem da 6^a à 8^a, e depois novamente na 10^a semana. Estas falas vão gradativamente dando lugar às falas V', que se apresentam descontinuamente da 7^a à 28^a semanas.

P2, P2C, DS2, aparecem juntas, o que ocorre na 12^a semana. Estes três tipos de fala se apresentam, mesmo que intermitentemente até o final do período. DS2' e O2 surgem pela primeira vez na 24^a semana e seguem até a 32^a semana sem interrupções.

Assim, no período relativo ao estabelecimento, temos as falas P1, P1C, DS1, P2, V e V'. No período em que predomina a extensão, temos todos os tipos de fala, com exceção das falas V. E quando o sistema atinge o predomínio da abreviação as falas que encontramos são aquelas que se referem aos estados com os quais o bebê opera sobre o ambiente – P2, P2C, DS2, DS2' e O2.

A partir dos resultados expostos acima relativos às posições que a mãe assume durante o processo de comunicação com o bebê e à trajetória de desenvolvimento desta díade em direção à diferenciação dos sujeitos, podemos dizer que há um paralelismo entre a fala da mãe e dois aspectos do desenvolvimento deste processo: um que se refere ao desenvolvimento do bebê propriamente dito, isto é, suas crescentes habilidades, e outro que se refere ao próprio processo de comunicação entre os parceiros, ou seja, ao desenrolar das trocas entre eles. Neste sentido, a fala da mãe traduz aquilo que podemos chamar de “humor do sistema”, onde o movimento que guia estas falas parece ser aquele que acontece subjacente às ações dos parceiros.

5.3.2. Díade J

Pontos de Passagem Obrigatórios (OPPs)

O objetivo deste tópico é apresentar os OPPs expressos na fala da mãe da díade J. Assim como na apresentação dos dados relativos à díade I, estes estão divididos em OPPs relativos a: (i) conteúdo 1, (ii) conteúdo 2; (iii) imagem da mãe.

Conteúdo 1 – Estados involuntários do bebê

As falas relativas ao conteúdo 1 nesta díade são P1, P1C, DS1, DS1' e O1. Exemplos de cada uma delas são apresentados abaixo (EXEMPLOS 52, 53, 54, 55 e 56 respectivamente):

EXEMPLO 52 - Díade J - Idade do bebê: 9 semanas (sexo feminino)

MÃE

BEBÊ

Vocaliza

*O que é que você quer, diga pra
mainha o que é que você quer. Diga.
O que é que você quer? O que é?
Quer comer? Hum?*

EXEMPLO 53 - Díade J - Idade do bebê: 9 semanas (sexo feminino)

MÃE

BEBÊ

*(Coloca uma fraldinha de pano
debaixo do queixo do bebê)*

Vocaliza

*Já sabe que vem comer quando bota
um paninho aqui, né?*

EXEMPLO 54 - Díade J - Idade do bebê: 16 semanas (sexo feminino)

MÃE

BEBÊ

Vocaliza reclamando

Não, não é para arengar¹⁹, não.

EXEMPLO 55 - Díade J - Idade do bebê: 9 semanas (sexo feminino)

MÃE

BEBÊ

Vocaliza reclamando

Não, não, nem arengue comigo. Pode arengar. Não, não. É só 90. Você não pode mais do que isso, não. Sabia? (Levanta-se com o bebê em seu ombro) Não chore. Não, não. Nem reclame. Não, não, você não tem direito de reclamar, não. Você é muito pequenininha pra querer mais do que 90. (Refere-a à quantidade de leite que o bebê pode tomar)

EXEMPLO 56 - Díade J - Idade do bebê: 6 semanas (sexo feminino)

MÃE

BEBÊ

Tomando água

Olha como ela toma a água.

Quando traçamos um paralelismo entre estas falas e os momentos de quase-estabilidade do sistema nas trocas mediadas pelo objeto, encontramos os temas expostos na tabela 6. Assim como na tabela 3, todos os termos utilizados se referem ao bebê.

Tabela 6 - Díade J – conteúdo 1 - OPPs nos períodos de quase-estabilidade do sistema

	Estabelecimento	Extensão	Abreviação
P1	• Fome • Sono • Direção do olhar • Chupeta • Partes do corpo • Mãe mostra objetos ao	• Fome • Choro • Sede • Sono • Direção do olhar • Vocalizações	

¹⁹ Arengar – termo comumente utilizado na região de Pernambuco. Significa reclamar, expressar descontentamento.

	bebê • Arroto	• Dentes • Mamada	
P1C	• Bebê reconhece ritual da mamada • Flexão de braços e pernas (preguiça)	• Fome • Golfada • Sono • Direção do olhar	• Direção do olhar • Sono
DS1	• Suspiro • Sono	• Vocalizações • Choro	
DS1'	• Fome		

Notemos primeiramente que não há coincidência entre as falas O1 e estes momentos de quase-estabilidade, pois estas ocorrem apenas na 6ª semana, período em que há apenas trocas FF na extensão. Podemos observar também que as falas P1 apresentam mais elementos em relação a P1C e DS1. Este movimento parece refletir o desconhecimento da mãe em relação ao bebê, onde quaisquer indícios são tomados como possibilidades para penetrar em seu universo. Além disto, a diminuição dos elementos em DS1' pode indicar que aqueles elementos previamente trabalhados não precisam mais ser trabalhados.

Conteúdo 2 – Atos do bebê para operar sobre o ambiente

Como podemos verificar na tabela 7, todas as falas que se referem ao conteúdo 2 aparecem na extensão e se mantêm até a abreviação. A maioria dos termos apresentados nesta tabela, assim como na tabela 4, se referem ao bebê, mas alguns termos presentes nas células relativas às falas DS2' e O2 se referem também à mãe.

Tabela 7 - Díade J - Conteúdo 2 - OPPs nos períodos de quase-estabilidade do sistema

	Extensão	Abreviação
P2	• Movimentos de braços e pernas • Segurar objetos • Vocalizações • Levar objetos à boca	• Levar objetos à boca

	• Chupar a mão • Coçar a gengiva	
P2C	• Levar objetos à boca • Segurar objetos • Vocalizações • Objetos • Movimentos de braços e pernas • Capacidade de se locomover • Coçar gengiva	• Levar objetos à boca • Vocalizações • Movimentos de braços e pernas • Capacidade de se locomover
DS2	• Segurar objetos • Levar objetos à boca • Interesse por objetos (e não pela mãe) • Chupar a mão • Movimentos de braços e pernas • Capacidade de se locomover	• Levar objetos à boca • Segurar objetos
DS2'	• Mãe ajuda bebê a se locomover • Mãe ensina bebê a fazer algo • Bebê deve fazer algo sem ela • Levar objetos à boca	• Movimentos de braços e pernas • Capacidade de se locomover • Levar objetos à boca • Mãe ensina bebê a fazer algo
O2	• Segurar objetos • Movimentos de braços e pernas • Capacidade de se locomover • Vocalizações • Aprende algo que mãe ensinou	• Segurar objetos • Levar objetos à boca • Movimentos de braços e pernas • Capacidade de se locomover

É interessante observar o movimento das falas relativas ao conhecimento do bebê. Ainda que P2 esteja presente no período relativo à abreviação, é apenas sobre um aspecto que a mãe a utiliza (EXEMPLO 57). Já P2C (EXEMPLO 58, sequência A) apresenta diversos elementos também na abreviação. No que se refere à distância entre os parceiros, o mesmo movimento parece se repetir. DS2 (EXEMPLO 58, sequência B) apresenta menos elementos na abreviação em relação a DS2' e O2 (EXEMPLOS 59 e 60). Outro aspecto importante se refere ao fato de que há novos assuntos trabalhados e também novos elementos sobre assuntos anteriormente trabalhados nas falas DS2' e O2 no período relativo à abreviação. Tal fato sugere que a fala da mãe traduz o movimento da díade que indica sua crescente flexibilidade e

consequente abertura para o novo da díade, de modo que novos elementos requerem menos elaboração e são mais rapidamente tomados como conhecidos.

EXEMPLO 57 - Díade J - Idade do bebê: 11 semanas (sexo feminino)

MÃE

Vai botar na boca, é?

BEBÊ

Segura uma fraldinha de pano com a mãe e a leva à boca

EXEMPLO 58 - Díade J - Idade do bebê: 11 semanas (sexo feminino)

MÃE

(A) *Você quer, é, você quer lamber.*
(B) *Não pode, não, botar na boca, não*

BEBÊ

Vocaliza segurando o boneco inflável

EXEMPLO 59 - Díade J - Idade do bebê: 18 semanas (sexo feminino)

MÃE

Não, na boca, não. É assim (segura a mão do bebê e balança o chocalho)

BEBÊ

Leva um chocalho à boca

EXEMPLO 60 - Díade J - Idade do bebê: 18 semanas (sexo feminino)

MÃE

Quero ver para onde você vai. Sim, eu tô vendo. Sim, desci, e agora? O que que tu vai fazer da vida?

BEBÊ

Está deitada em cima da barriga da mãe. Faz movimentos com os braços e pernas e vai para o chão.

Ao compararmos as falas em relação a cada conteúdo, temos que as falas P1 apresentem apenas um elemento a mais do que P2. Por outro lado, P2C, DS2, DS2' e O2 apresentam mais elementos do que P1C, DS1, DS1' e O1. Assim, uma aparente incerteza

inicial parece dar lugar a uma crescente segurança e também maior flexibilidade em relação ao novo.

Naturalmente, o conteúdo destas falas apresenta um paralelismo com o desenvolvimento do bebê, de modo que as falas que se referem ao conteúdo 1 se apresentam nos três períodos de quase-estabilidade do sistema, mas se concentram mais nos dois períodos iniciais, enquanto as falas a respeito conteúdo 2 aparecem apenas na extensão e na abreviação. Além disto, temos também estas falas em paralelo com o desenvolvimento do processo de comunicação entre os parceiros, no sentido de refletirem o gradual conhecimento e posterior distanciamento entre os parceiros.

Falas relativas à imagem da mãe (V e V')

Há apenas um elemento segundo o qual a mãe expressa uma possível opinião do bebê a seu respeito, que se refere à demora em dar leite ao bebê (falas V – EXEMPLO 61). Esta fala, que só aparece no período relativo ao estabelecimento, expressa possíveis críticas do bebê à mãe. As falas V', por outro lado, aparecem apenas no período compreendido pela extensão, e apresentam características da mãe em relação ao que ela faz *com* o bebê (EXEMPLO 62), ou sobre o que ela pode fazer *pelo* bebê (ver tabela 63).

EXEMPLO 61 - Díade J - Idade do bebê: 9 semanas (sexo feminino)

MÃE

BEBÊ

Tô com fome, minha mãe. Tô com fome

Vocaliza reclamando

(Dá a chupeta ao bebê) *Diga: "Não me enrole não com essa chupeta que não vai matar minha fome, não."*

EXEMPLO 62 - Díade J - Idade do bebê: 9 semanas (sexo feminino)

MÃE

BEBÊ

(Brinca com a chupeta no rosto do bebê. Faz sons com a boca)

Vocaliza reclamando

É, eu faço isso com você. Faço. Faço, bem muito

EXEMPLO 63 - Díade J - Idade do bebê: 13 semanas (sexo feminino)

MÃE

BEBÊ

Vocaliza reclamando

(coloca o bebê de frente para si)

O que foi? Hein? Hein? O que foi que fizeram com a nenê?

Vocaliza

É. É, foi? Eu resolvo, eu resolvo. É certo. É, mainha resolve. Hum? O que foi?

Vocaliza sorrindo

É. É. É. Eita. Foi, foi? Foi. Foi assim mesmo, como você ta me contando? Eu resolvo.

Vocaliza sorrindo

Hein? Foi assim mesmo? Foi? Vou falar com ela. É, quando chegar em casa vou falar com ela, ta certo. Ta certo? Ta certo? Ta certo?

Vocaliza sorrindo

Ahn? É. É. É. Vou falar com ela. Olhe. É. Foi? Foi assim mesmo? É. É.

Tabela 8 - Díade J – OPPs relativos à imagem da mãe ao longo dos períodos de quase-estabilidade do sistema.

	Estabelecimento	Extensão
V	• Fome	
V'		• Mamada • Brincadeiras que faz com bebê • Repreender bebê • Resolve problemas do bebê • Castigo

Notemos que não há coincidência entre o que é verbalizado em cada uma destas falas. Assim como na díade I, esta diferença parece também indicar a mudança de posicionamento da mãe em cada uma delas.

Trajetória de Desenvolvimento

Uma vez identificados os OPPs podemos traçar a trajetória das falas da mãe nesta díade em direção ao início da diferenciação dos sujeitos. A figura 2 ilustra tal trajetória. Esta figura apresenta as mesmas características da figura 1, onde as cores azul, verde e vermelho indicam os períodos compreendidos pelo estabelecimento, extensão e abreviação nas trocas “mãe-objeto-bebê”, respectivamente. A trajetória de cada fala é representada pela linha que corresponde a ela, e os espaços pontilhados indicam semanas em que as falas não aparecem, mas continuam latentes.

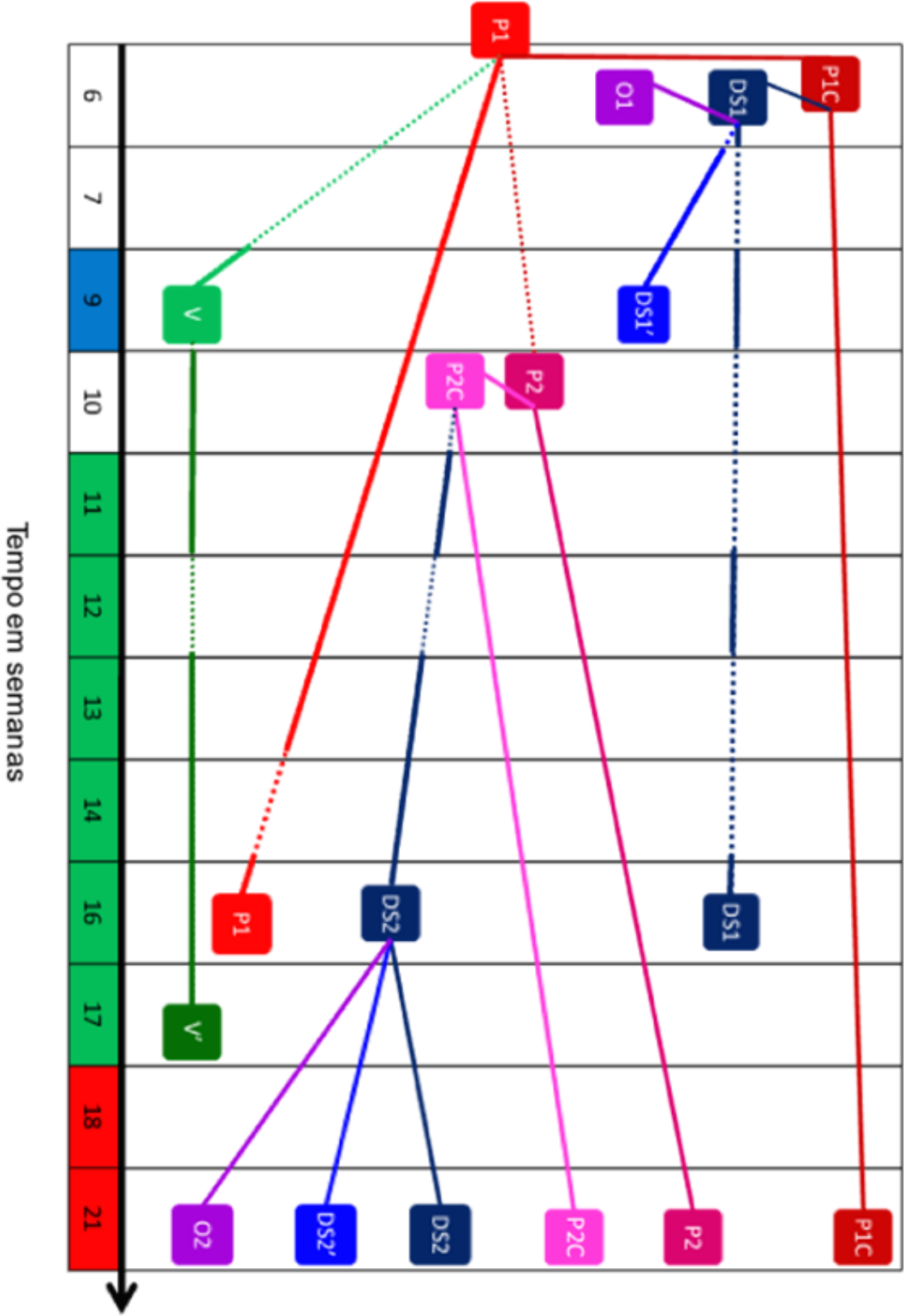


Figura 5 - Díade J - Trajetória de desenvolvimento
OPPs ao longo das semanas

As falas P1 aparecem da 6^a à 16^a semana, com exceção da 14^a semana. As falas P1C se apresentam ao longo de todo o período. DS1 aparece na 6^a, 9^a, 10^a, 12^a e 16^a semanas, e suas elaborações, O1 e DS1', na 6^a semana e 7^a e 9^a respectivamente. P2 e P2C aparecem juntas na 10^a semana e seguem continuamente até o final do período investigado. DS2 e O2 aparecem juntamente na 11^a semana e se mantêm quase sem lacunas até o fim das investigações, a não ser pela 12^a semana para DS2, e 13^a e 14^a para O2. Informações adicionais a respeito da distância são verbalizadas em DS2' da 16^a à última semana. As falas V aparecem somente na 7^a semana, enquanto que V' aparece da 9^a à 17^a semana com apenas uma lacuna na 12^a semana.

No período relativo ao estabelecimento da comunicação, as falas encontradas são P1, P1C, DS1, DS1', P2 e V1. Na extensão temos todas as falas com exceção de DS1' e V. Quando há o predomínio da abreviação, e, portanto um estado em que podemos pressupor o início da diferenciação dos sujeitos, a configuração que encontramos são as falas P1C, P2, P2C, DS2, DS2' e O2.

Assim como na díade I, verificamos a partir dos resultados expostos acima sobre as posições assumidas pela mãe durante o processo de comunicação com o bebê e sobre a trajetória em direção ao início da diferenciação dos sujeitos, que o “humor do sistema” se revela sob as falas da mãe. Isto é, elas refletem o movimento que guia as ações dos parceiros e parecem traduzir aquilo que acontece quando a comunicação está sendo estabelecida, construída, ou quando já foi condensada.

5.4. ASPECTOS COMUNS ÀS DÍADES ESTUDADAS

Neste tópico apresentaremos o que há de comum nas duas díades aqui estudadas em relação às posições assumidas pela mãe durante o processo de comunicação com o bebê, e aos OPPs.

Os casos analisados microgeneticamente foram, então, investigados a partir daquilo que chamamos de “tempo de desenvolvimento” (Lyra, 2006b), isto é, as micro-mudanças se organizam em semelhanças e formam grupos maiores numa análise macrogenética. Ressaltamos, então, que não se trata de uma comparação dos casos estudados, mas sim da averiguação do que é comum nos sistemas investigados, que nos permitirá propor funcionamentos que podem ser aplicados a outros sistemas similares (Valsiner, op. cit.). Temos aqui a idéia de que o estudo de sucessivos casos permite um caminho para a generalidade, através das micro-variações integradas no plano do macro-desenvolvimento. No caso deste estudo, esboçamos possibilidades de generalização quanto às transformações nas posições assumidas pela mãe durante o processo de comunicação com o bebê, e quanto à trajetória de desenvolvimento desta fala em face do início da diferenciação dos sujeitos.

5.4.1. Posições Assumidas pela Mãe durante o Processo de Comunicação com o Bebê

Durante todo o processo de comunicação com o bebê, a mãe assume as três posições de fala. Este fato, que parece indicar uma regularidade quanto ao uso destas posições, guarda sutilezas que são reveladas ao analisarmos as transformações das mesmas ao longo do tempo. Estas transformações se evidenciam naquilo que caracterizamos como os propósitos da mãe ao utilizar estas falas.

Fala por si

A fala por si apresenta uma importante diferença em relação às outras duas posições, que se refere ao fato de apresentar uma constância quanto aos propósitos principais com que é utilizada. São eles: (i) responder aos atos ou vocalizações do bebê (EXEMPLOS 1, 23 e 24); (ii) atrair sua atenção (EXEMPLOS 5 e 28); (iii) oferecer-lhe objetos (EXEMPLOS 4 e 26);

(iv) estimular-lhe e/ou ensinar-lhe a fazer algo (EXEMPLOS 6 e 27); (v) narrar o que está fazendo ou o que acontece no ambiente (EXEMPLOS 2 e 25).

As mudanças nesta posição surgem na extensão, e continuam na abreviação, e se referem ao aparecimento das repreensões e dos estímulos para que o bebê faça algo, e também a variações nas tentativas de atrair a atenção do bebê. Assim, um parceiro mais ativo, com novas habilidades, que explora cada vez mais o ambiente e se interessa por coisas outras além da mãe, ou do que a mãe lhe oferece, se revela ao longo do tempo. Neste sentido, a mãe intensifica e diversifica as formas de atrair sua atenção, e de estimular-lhe e/ou ensinar-lhe algo.

O fato desta fala apresentar a constância de propósitos acima mencionada é bastante coerente com a posição que a mãe assume ao verbalizá-la. Nesta fala ela expressa seus próprios pensamentos, desejos e necessidades, questões que se mantêm estáveis, mesmo que ocorram alterações, que podemos chamar de “internas”. Explicando melhor, os propósitos com os quais a mãe utiliza esta posição apresentam uma relativa estabilidade, o que se altera é o que ela verbaliza nesta posição nos diferentes momentos em função do reconhecimento de transformações no parceiro.

Fala pelo bebê

Quanto à fala pelo bebê, no período do estabelecimento os indícios oferecidos por este parceiro servem para que a mãe formule suas falas. Isto é, ela assume a posição do bebê para verbalizar aquilo que ele possivelmente diria naquela situação (EXEMPLOS 10 e 31). Na extensão estas falas começam também a servir para que a mãe expresse a voz do bebê nas brincadeiras e para imitá-lo. Já na abreviação, é apenas com estes dois últimos propósitos que ela assume esta posição.

Estas transformações indicam que a mãe parece ir deixando de se sentir autorizada a dar voz ao bebê, a não ser em situações específicas: ou quando estas envolvem alguma fantasia, como é o caso das brincadeiras (EXEMPLOS 13 e 32), ou quando ela o reconhece como possuindo voz, e, portanto, é passível de ser imitado (EXEMPLOS 14 e 33).

Conforme colocamos anteriormente, Cavalcante (1999) trabalha sobre aquilo que chamamos de fala pelo bebê, nomeando-a “fala atribuída”, e a distingue em dois tipos: a “fala interpretativo-comportamental” e “fala passível de deriva”. O primeiro tipo de fala a que Cavalcante se refere se insere no primeiro propósito com o qual a mãe utiliza a fala pelo bebê em nosso estudo, que é quando ela formula seus enunciados a partir de indícios do bebê. Já a segunda fala apontada por esta autora (passível de deriva), se insere no propósito em que a mãe ou cria seus enunciados independentemente dos indícios oferecidos pelo bebê, como é o caso das brincadeiras em ambas as díades e das falas em que a mãe verbaliza uma possível fala pelo bebê, sem que haja indícios deste parceiro para tal na díade I. É interessante observar que no estudo conduzido por Cavalcante, a fala pelo bebê diminui após o sexto mês de vida do bebê, o que a autora interpreta como indício de que ele começa a assumir seu turno, isto é, começa a assumir o seu próprio lugar no diálogo.

A questão da imitação guarda elaborações importantes. Gratier e Trevarthen (2007) colocam que quando a mãe imita as vocalizações do bebê, ela reproduz o contorno de entonação e a qualidade da voz do bebê, e assim, toma a voz do bebê como uma das possibilidades de sua própria voz. A imitação vocal, segundo estes autores, envolve manter um nível de igualdade com a voz do outro e também introduz uma variação que expressa a troca de sentimentos, autoconfiança e intensidade de propósito. Além disto, a mutualidade e a sincronização de gestos (Brazelton, Koslowski & Main, 1974) compõem o todo onde as trocas dialógicas se encaixam (Marková, 1990b), e assim, podemos dizer que, mesmo que se tratem de apenas dois turnos (a vocalização do bebê seguida pela imitação da mãe) esta parece

indicar vestígios de uma experiência dialógica que não se restringe ao nível das ações, mas inclui também as produções vocais da mãe e do bebê.

Fala combinada

Em todas as situações em que a mãe assume a fala combinada ela verbaliza, de sua própria posição, os indícios que percebe do bebê. A evolução nas falas nesta posição se refere tanto a seu conteúdo, quanto a opções de cunho gramatical. Na extensão enunciados em formato de interrogativas começam a dar lugar a afirmativas, ou afirmativas seguidas de interrogativas (EXEMPLOS 18, 19, 34 e 35), onde a mãe parece pedir a concordância do bebê. Além disto, no estabelecimento, temos falas nesta posição apenas relatando o que a mãe percebe do bebê, mas na extensão novos elementos são incluídos a elas, de modo que começam a expressar também atribuições de significados aos atos do bebê, repreensões, críticas, ou reclamações sobre ele (EXEMPLOS 20-22 e 37-39). As repreensões ao bebê começam a sofrer elaborações e há a inclusão de diversos novos elementos a estas falas, onde a mãe se refere, por exemplo, a consequências dos seus atos e muitas vezes parece expressar surpresa diante de algumas ações do bebê. São estes últimos tipos de fala combinada que encontramos no período da abreviação.

As mudanças referentes a esta fala também dão a perceber um parceiro cada vez mais ativo, mais independente, e com novos interesses e habilidades. Além disto, ao atribuir significados aos atos do bebê e utilizar-se de afirmativas para dizer, de sua própria posição, o que ele pode estar querendo, precisando, ou fazendo, a mãe parece verbalizar um conhecimento mútuo cada vez mais seguro quanto a aspectos trabalhados na história.

Colocações gerais a respeito das posições assumidas pela mãe

Algumas noções a respeito dos enunciados propostas por Bakhtin (2003) nos permitem analisar as posições assumidas pela mãe. Podemos dizer que todo enunciado é

construído conjuntamente com seu destinatário, pois conforme o autor coloca estas unidades de fala são sempre construídas à expectativa de uma resposta; sempre endereçadas a alguém, seja este um parceiro definido ou não, ativo ou não; e o falante define o estilo de seu enunciado de acordo com quem seja seu destinatário, a força e influência do destinatário, e de como o falante percebe e representa para si o destinatário.

“Ao falar, sempre levo em conta o fundo aperceptível da percepção do meu discurso pelo destinatário: até que ponto ele está a par da situação; dispõe de conhecimentos especiais de um dado campo cultural da comunicação; levo em conta as suas concepções e convicções, os seus preconceitos (do meu ponto de vista), as suas simpatias e antipatias – tudo isso irá determinar a ativa compreensão responsiva do meu enunciado por ele. Essa consideração irá determinar também a escolha do gênero do enunciado e a escolha dos procedimentos composicionais e, por último, dos meios lingüísticos, isto é, o estilo do enunciado” (2003, p. 302 – estética).

Somando a isto o fato de que a voz daquele que enuncia é constituída de diversas vozes, a partir da noção de polifonia (Bakhtin, 2007), podemos dizer que a autoria das falas da mãe deve ser dividida com seu interlocutor. Tomamos aqui a co-autoria especialmente em relação ao bebê, pois os indícios que o bebê oferece são determinantes para a construção dos enunciados.

Neste sentido, observamos que, ainda que a fala por si represente um tipo de enunciado, no qual a autoria é compartilhada com outros sujeitos, neste estudo podemos evidenciar esta co-autoria com o bebê, pois elas são construídas em relação às situações vivenciadas com este parceiro. Por outro lado, a fala pelo bebê apresenta uma co-autoria mais circunscrita à relação com este parceiro, uma vez que nesta posição é mais evidente perceber a voz desta outra personagem do diálogo. O estilo destas falas parece indicar uma identificação da mãe com o bebê como Cavalcante (1999) também observou. Ela se assemelha ao discurso impositivo (Bakhtin, 1992), aquele em que o indivíduo reproduz fielmente o que o outro disse, todavia devemos ressaltar que o discurso impositivo é utilizado

aqui apenas como forma de ilustrar melhor a fala pelo bebê, pois discursos desta natureza pressupõem que o falante não cria sobre seus enunciados. Na fala pelo bebê, ao contrário, a mãe verbaliza aquela que supõe ser a fala do bebê, e neste sentido se apresenta como uma criação da mãe. Colocamos, assim, que a fala pelo bebê demonstra um mecanismo para conhecê-lo, uma forma de tentar penetrar em seu universo, mais do que meramente uma apropriação da voz do outro, mas sim

A fala combinada, por sua vez, reflete também uma tentativa de penetrar no universo do parceiro, mas fazendo-o de sua posição. Ela se assemelha ao discurso internamente persuasivo (Bakhtin, 1992), aquele que é “metade nosso, metade do outro”, e parece indicar que a mãe está diante de um parceiro a ser conhecido, mas ela o faz identificando-o como outro.

Podemos dizer, portanto, que a maneira como a mãe se dirige a seu parceiro indica como ela o reconhece. Tomemos o exemplo dos enunciados onde o indivíduo verbaliza possíveis falas do parceiro como se fosse ele, típicos da fala pelo bebê. Estes parecem se restringir a relações com parceiros que evidenciam uma capacidade limitada para responder. Enunciados desta natureza expressam que o falante, ao mesmo tempo em que considera o parceiro como um destinatário menos capacitado, também reconhece suas habilidades ainda em desenvolvimento.

Neste sentido, destacamos dois pontos a respeito das transformações nas posições ao longo do tempo: novidades sendo constantemente percebidas e segurança quanto ao conhecimento de aspectos previamente trabalhados. Estes pontos nos permitem afirmar que a fala da mãe indica que ela reconhece estar diante de um parceiro que, ao longo do tempo, vai se mostrando mais ativo, mais independente e mais dono do seu próprio lugar no diálogo. Mas, além disto, estas posições ainda sugerem que mesmo que o conhecimento já se faça sólido quanto a aspectos trabalhados na história, ele se mantém em construção. Este aspecto

se liga à dinâmica presente nas trocas no período da abreviação, onde há flexibilidade para inovar e a inclusão de novos elementos, características peculiares a este período descritas por Souza e Lyra como “explosão para o novo” (Souza e Lyra, 2001; Lyra & Souza, 2003), se fazem perceber.

5.4.2. Trajetórias de Desenvolvimento do Fenômeno da Diferenciação dos Sujeitos

Pontos de Passagem Obrigatórios (OPPs)

Expressos nas falas da mãe versam sobre dois conteúdos: os estados involuntários do bebê (conteúdo 1), e os atos com os quais ele opera sobre o ambiente (conteúdo 2). Em ambas as díades, no período relativo ao predomínio do estabelecimento, estas falas se referem apenas ao primeiro conteúdo e no predomínio da extensão temos os dois conteúdos. Porém, com relação à abreviação, cada díade apresenta dados diferentes: na díade J encontramos os dois conteúdos, enquanto na díade I temos apenas o segundo. Sugerimos que esta diferença se deva ao fato da díade I demorar mais tempo para atingir o predomínio da abreviação, o que poderia fazer com que alguns elementos já se encontram internalizados pela díade, de modo que já não necessitam serem verbalizados pela mãe com tanta frequência, podendo exibir um nível de diálogo abreviado, onde não são necessárias palavras para uma compreensão da mensagem (Lyra, 2007b; Lyra & Bertau, 2008; Vygotsky, 1986). Assim, por exemplo, se o bebê chora e a mãe rapidamente identifica aquele choro como indício de fome, ela pode simplesmente passar para a ação de lhe dar leite. Para que esta sugestão seja confirmada, necessitamos de uma continuidade de estudos sobre este tema.

As falas que decorrem daquelas que expressam tentativas de conhecer o parceiro apresentam desdobramentos diferentes em cada um dos conteúdos. P1C, DS1, DS1' e O1 (EXEMPLOS 41-43 e 53-56) parecem mais circunscritas a elementos previamente trabalhados nas falas que expressam a tentativa de penetrar no universo do parceiro (P1)

(EXEMPLOS 40 e 52) . Já P2C, DS2, DS2' e O2 (EXEMPLOS 45-48, 58A, 58B, 59 e 60), parecem expandir possibilidades ao fazerem referência a mais elementos não trabalhados em P2 (EXEMPLOS 47 e 57). Aquele tatear inicial que se revela pela tentativa de conhecer quaisquer indícios oferecidos pelo bebê dá lugar a uma segurança maior quanto ao próprio mecanismo de conhecimento do parceiro. Isto sugere que ao passar pela segunda vez pelo mesmo tipo de mecanismo, ele se torna mais flexível e mais aberto ao novo, precisando de menos tempo e menos elaboração para que elementos sejam vistos como já conhecidos. Este mesmo movimento foi encontrado por Chaves (2004) quanto às trocas “dar-e-pegar”, que é quando a mãe oferece um objeto e o bebê o pega, e o “dar-e-pegar-ao-avesso”, que é quando há uma reversão de papéis e o bebê é quem oferece o objeto a ser segurado pela mãe. O que a autora afirma é que o segundo tipo de oferta de objetos se respalda na história do construída pelo primeiro tipo, e assim, as trocas que envolvem o “dar-e-pegar-ao-avesso” levam menos tempo para assumirem um padrão suave do que aquelas do “dar-e-pegar”.

As falas V (EXEMPLOS 49 e 61) se concentram no período do estabelecimento e se referem à atuação da mãe quanto às necessidades do bebê. Em ambas as díades, nas falas V a mãe expressa uma possível opinião do parceiro a seu respeito, sendo que estas falas parecem servir a fazer críticas à mãe, como se ela não estivesse atendendo adequadamente às necessidades do bebê, já nas falas V' ela verbaliza opiniões suas a respeito dele, e o que faz por e com ele (EXEMPLOS 50, 51, 62 e 63). Cabe observar neste ponto que as falas V são as únicas que apresentam um quadro similar àquele encontrado por Griz, Josephs e Lyra (2003), isto é, que na posição do bebê a mãe verbaliza principalmente críticas a si mesma. Em nosso estudo, nos diferentes propósitos com os quais a mãe utiliza posição do bebê, os elementos que podem ser considerados negativos não parecem predominar sobre aqueles considerados positivos. A diferença entre os dois estudos pode se dever às particularidades relativas aos componentes da díade (neste estudo, mães e bebês, ambos sem déficits sensoriais, enquanto

no outro estudo, o bebê é surdo). Assim, na intenção de se verificar maiores detalhamentos sobre este aspecto, novos casos devem ser investigados, com participantes similares aos dois estudos.

É interessante notar que são raros os episódios em que a mãe fala de si independentemente do bebê. Mesmo nas situações em que faz referência a si mesma, esta acontece sempre associada a algum evento envolvendo o bebê. Tal fato parece indicar o engajamento da mãe na situação. Mais que isto, parece indicar que ela exacerba o diálogo com o bebê com o intuito de que lhe ensinar sobre o próprio diálogo e seu formato. Assim, este diálogo deve ser o mais simplificado possível, e sobre elementos já conhecidos do bebê, ou que estejam disponíveis para que ele os conheça. Assim, temos aquilo que Snow (1977) se refere como uma “segunda chance” para que o bebê possa processar o que está sendo dito, onde características desta fala apontadas na literatura indicam uma simplificação e exacerbação de alguns elementos da mesma, conforme apresentamos anteriormente.

Inferimos ainda que o fato da mãe praticamente não se referir a si mesma independentemente do bebê se ligue também à questão de que os *selves* pouco delimitados, ainda em construção não aparecem destacados um do outro, mas sempre em relação ao outro. É como se no início desta relação, um parceiro só se constitua como tal diante/e na relação com o outro. Mas para que esta inferência seja confirmada, uma nova abordagem à fala da mãe deve ser realizada.

Trajetória de Desenvolvimento

Ao traçarmos uma trajetória que revele o que há de comum nas duas díades analisadas temos a figura 6. Assim como as figuras 4 e 5 apresentadas para a díade I e para a díade J, esta também traz cada uma das falas ilustradas pelas linhas e suas respectivas siglas. Nesta figura, os quadros azul, verde e vermelho ao fundo da ilustração indicam respectivamente os períodos relativos ao estabelecimento, à extensão e à abreviação.

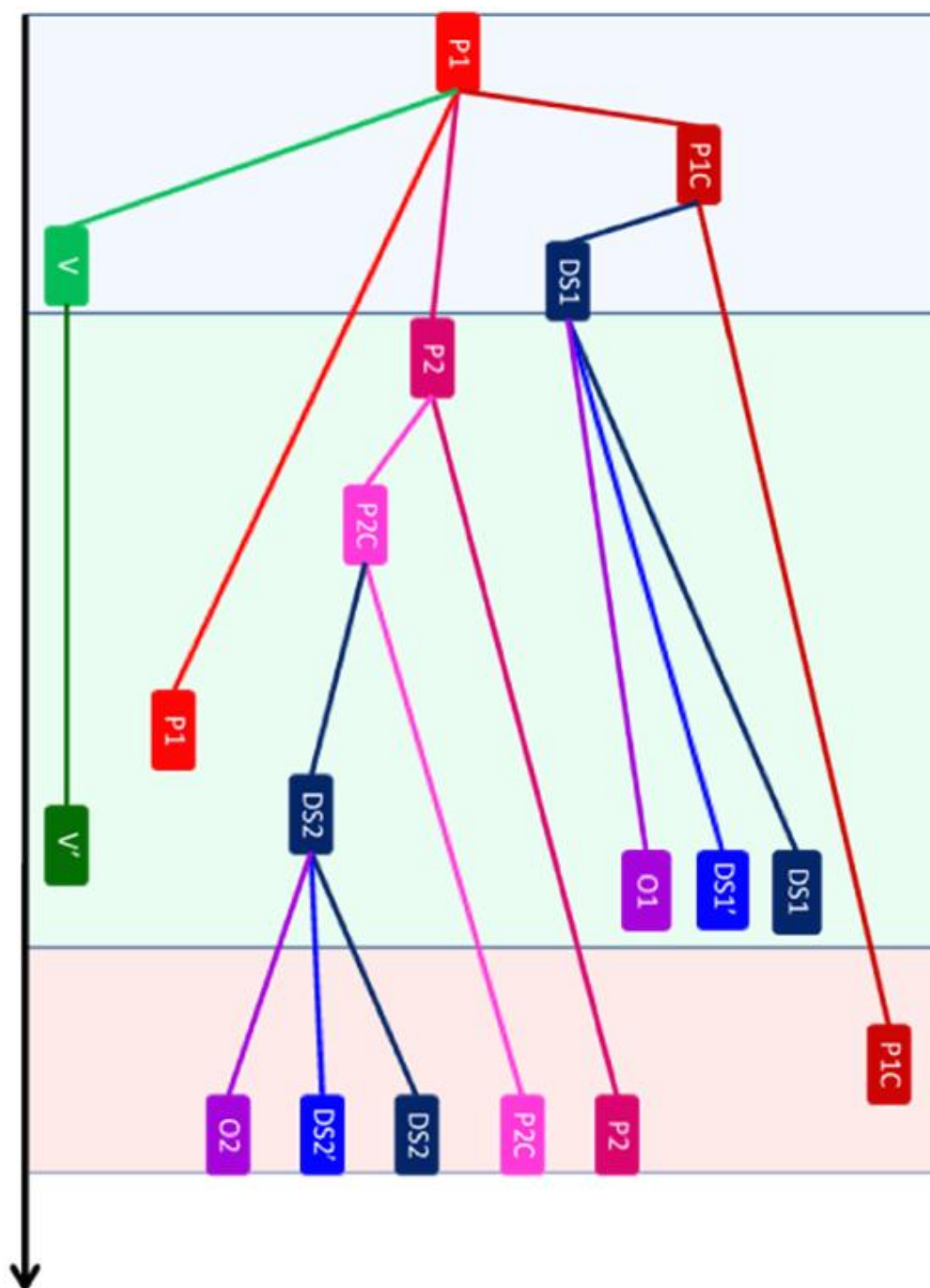


Figura 6 - Trajetória de desenvolvimento geral
OPPs ao longo dos períodos de quase-estabilidade do sistema

Em termos do curso percorrido por estas falas, entendemos que este se inicia em P1, e se desdobra como está colocado a seguir:

P1 exhibe quatro opções de caminho:

- P1C;
- P2;
- V;
- P1.

P1C bifurca em duas possibilidades:

- DS1;
- P1C.

DS1 apresenta três possibilidades de desdobramento:

- DS1';
- O1;
- DS1.

P2 bifurca em duas possibilidades:

- P2C;
- P2.

P2C bifurca em duas possibilidades:

- DS2;
- P2C.

DS2 bifurca em três possibilidades:

- DS2';
- O2;
- DS2.

V se transforma em V'.

É interessante notar que, a não ser pelas falas V, todas estas, ao bifurcarem, trazem a continuidade delas mesmas como uma das possibilidades. Ainda que desapareçam ao longo do processo, como é o caso das falas P1 e P1C, isto não acontece imediatamente após elas abrirem para bifurcação. Isto é, a partir de um determinado ponto, cada uma destas falas abre possibilidades para novas falas, mas isto não implica no imediato desaparecimento das mesmas. Neste sentido, os OPPs nesta trajetória, expressos na fala da mãe, apresentam um funcionamento diferente daquele colocado por Valsiner e Sato (2006), onde estes necessariamente implicam pontos sem retorno. Sugerimos que, em relação a fenômenos desta natureza, os OPPs se referem àquilo que é obrigatório na trajetória, mas que, uma vez atingidos, podem continuar presentes na trajetória.

Ao traçarmos um paralelismo entre os OPPs e os momentos de quase-estabilidade do sistema (modelo EEA), temos que no período em que a comunicação está sendo estabelecida, as falas da mãe refletem sua tentativa de conhecer o parceiro, tanto em termos de seus estados involuntários, quanto de seus atos para operar sobre o ambiente (P1 e P2), e de ver a si mesma (V). Mas além destes aspectos, a mãe também verbaliza que, com relação aos primeiros atos do bebê, já há algum conhecimento estabelecido (P1C), sobre os quais ela pode reconhecer a distância (DS1).

O período da extensão, aquele em que a comunicação está sendo, de fato, construída, apresenta todos os tipos de fala, a não ser pelas falas V, que a esta altura já se transformaram em V'. Esta mistura de elementos é bastante coerente com o movimento que subjaz a este período, pois, além de servir de transição entre os dois outros momentos de quase-estabilidade, a extensão se caracteriza por trocas nas quais diversos aspectos são inseridos, e assim, passíveis de serem conhecidos e elaborados.

Já na abreviação, o que é comum a ambas as díades é que elas apresentam as falas relativas ao segundo conteúdo (P2, P2C, DS2, DS2' e O2). Contudo, devemos notar que na

díade J as falas P1C se fazem presentes até a última semana, que é o que traz o conteúdo 1 para o período da abreviação. Notemos que estas são falas que indicam um conhecimento já estabelecido entre os parceiros. Entretanto, a diferença as duas díades pode se dever ao fato da díade J levar menos tempo para atingir o predomínio da abreviação, o que pode fazê-la ainda necessitar verbalizar elementos relativos ao conteúdo 1 (mesmo que sejam elementos tomados como já conhecidos). Quanto a este ponto, sugerimos a necessidade de uma continuidade destes estudos, para que esta hipótese seja confirmada ou refutada.

Mas, além disto, vale observar que todas as falas relativas aos atos com os quais o bebê opera sobre o ambiente se apresentam na abreviação, inclusive aquelas que verbalizam a busca por conhecer o parceiro quanto a este aspecto. Isto parece bastante coerente com o desenrolar das relações ao longo de toda a vida, de modo que, ainda que o parceiro seja visto como conhecido, (o que aqui se expressa nas falas P2C, DS2, DS2' e O2), ele sempre exhibirá novos comportamentos, novas ações, enfim novidades que requerem constante conhecimento.

Ao estabelecermos um paralelismo entre os OPPs e as posições assumidas pela mãe, é apenas com relação às falas V e V' que podemos traçá-lo. As falas V sempre ocorrem na posição do bebê, e V' sempre na posição por si. Quaisquer dos outros OPPs se apresentam nas três posições. O fato de a mãe assumir a posição do bebê para tentar ver a si mesma aos olhos deste parceiro, e de fazê-lo de sua própria posição quando quer informar a ele que tipo de mãe ela é, parece bastante evidente. Entretanto, é interessante observar que estas falas parecem ilustrar aquele mecanismo necessário à construção do *self*, onde o indivíduo deve transitar dentro e fora de si mesmo (Holquist, 1990). Neste sentido, elas expressam a tentativa de penetrar no universo alheio, mas indicam também que há um limite para este mergulho, um limite imposto pelo único lugar que cada indivíduo ocupa (Bakhtin, 1999).

Disto decorre que, primeiramente, a mãe busca descobrir a visão do bebê a seu respeito, mas depois de feito isto, é como se ela, então, conseguisse ver a si mesma, e assim

pudesse guiar a visão do bebê a respeito de que tipo de mãe ela é. E com o passar do tempo, ambas as falas desaparecem por completo. Sugerimos que elas são necessárias até o momento em que a mãe passa a reconhecer o bebê como alguém separado dela. Queremos dizer que o que pode explicar o fato destas falas não mais aparecerem esteja calcado naquilo que acontece na relação entre os parceiros, e indica tanto que a mãe já interiorizou uma visão sobre si mesma, como que ela começa a perceber o bebê como alguém separado de si.

5.4.3. Considerações Gerais sobre a Fala da Mãe

É interessante observar que as falas da mãe, tanto em termos das posições assumidas, quanto de sua trajetória de desenvolvimento, exibem um paralelismo com o desenvolvimento do bebê, e também com o processo de comunicação entre os parceiros. O “humor do sistema” e o movimento que subjaz às ações dos parceiros se revelam sob estas falas. Assim, quando a comunicação está sendo estabelecida, elementos mais restritos são verbalizados, e a busca por conhecer o parceiro é mais intensificada do que nos períodos subsequentes. Quando esta comunicação começa a ser extendida, há uma mistura de elementos, onde tanto ocorre a indicação de que o conhecimento já se estabeleceu sobre alguns aspectos, como a de que este conhecimento ainda precisa de elaboração. Além disto, a fala da mãe se paraleliza à forma extensa das trocas e apresenta uma gama maior de elementos sendo trabalhados. Por fim, quando a comunicação já é passível de ser abreviada, também a fala da mãe reflete este movimento apresentando menos elementos sendo verbalizados e indicando que o conhecimento mútuo já se faz seguro com relação a alguns aspectos. Mas neste período ela abre também novas possibilidades se faz perceber nas novidades que continuam sendo verbalizadas. Este aspecto é bem característico da abreviação, que é justamente o momento em que surge a indicação de que cada parceiro começa a assumir o seu próprio lugar no diálogo. Assim, entendemos que a fala da mãe narra o processo de diferenciação dos sujeitos ao mesmo tempo em que também constitui este processo.

5.5. DESCRIÇÃO DO PROCESSO DE DIFERENCIAÇÃO DOS SUJEITOS: MECANISMO “CONHECE-DISTANCIA-ELABORA”

Investigando o processo de diferenciação dos sujeitos, a análise das falas da mãe neste estudo foi realizada em termos de: (i) as posições que a mãe assume ao longo do processo de comunicação com o bebê; (ii) as trajetórias de desenvolvimento neste processo de comunicação.

Contribuição das Posições Assumidas pela Mãe ao Longo do Processo de Comunicação com o Bebê

A investigação das posições assumidas pela mãe ao longo do tempo nos fornecem informações relevantes a respeito do *status* da diferenciação dos sujeitos, sinalizando transformações em como ela reconhece seu parceiro. Um parceiro cada vez mais ativo, mais independente, com novas habilidades e novos interesses se revela sob estas falas. Além disto, estas falas dão a perceber ainda um crescente conhecimento mútuo.

Entretanto, apesar destas valorosas informações, para os objetivos deste trabalho, estes resultados se colocaram como um desafio para nós. A evolução das posições assumidas pela mãe nesse processo comunicativo revela mudanças de caráter mais estático, isto é, mudanças de um propósito com o qual a mãe as utiliza para outro. Pode ser argumentado neste ponto quanto à possibilidade de trabalharmos a transição das posições assumidas pela mãe ao longo do tempo. Porém, o que se obtém ao analisarmos estas transições parece se relacionar apenas a um aspecto do sistema, que se refere ao diálogo encenado pela mãe, no qual as personagens são ela e o outro fictício (aquele que ela encena como sendo o bebê). Este diálogo apresenta uma evolução que pode ser resumida em termos da mãe ir deixando de assumir a posição do bebê, e mesmo assim esse diálogo se mantém. Mas esta informação ainda não se faz

suficiente para que possamos compreender qual o papel da fala da mãe no processo de diferenciação dos sujeitos.

O Processo de Diferenciação dos Sujeitos pelo Mecanismo “Conhece-Distancia-Elabora”

Podemos dizer que a análise das posições assumidas pela mãe nos informa importantes aspectos deste processo, mas não nos responde como ele evolui. O que nos permite desempenhar tal tarefa é a trajetória que se revela a partir dos pontos de passagem inerentes a este processo expressos na fala da mãe. Ao traçarmos esta trajetória observamos que há um movimento de tentar penetrar no universo do outro, mergulhar nesse campo ainda não conhecido, onde a preocupação é entender como é esse parceiro, quais as suas peculiaridades, o que lhe torna único. Mas além de conhecer o outro, há um movimento também de se distanciar dele, reconhecendo diferenças entre ambos. Subsequente a este momento começa a acontecer uma elaboração dessa distância, onde novos elementos são introduzidos a ela, e o espaço entre os parceiros é percebido. Assim, o que define o processo de diferenciação dos sujeitos é o mecanismo de conhecer o parceiro, distanciar-se dele e elaborar sobre esta distância, o que chamamos de mecanismo “conhece-distancia-elabora”.

Temos que este mecanismo é trilhado duas vezes nas díades aqui analisadas: primeiramente ao tratar conteúdo 1 e, em seguida, ao tratar do conteúdo 2. Quanto a este aspecto, o que podemos perceber é que, uma vez que o caminho “conhece-distancia-elabora” já foi trilhado, ele se torna conhecido, e ao ser trilhado novamente, ele se mostrará mais rápido. Assim, conforme Chaves (2004) coloca, a história construída no primeiro momento (para nós o conteúdo 1, para a autora as trocas “dar-e-pegar”) confere uma rapidez ao processo quando um caminho similar é traçado posteriormente (conteúdo 2 no nosso caso e trocas “dar-e-pegar-ao-avesso” para Chaves).

Neste sentido, este mecanismo vai sendo trabalhado ao longo das semanas, e isto se expressa na fala da mãe. Tomaremos as falas que se referem à capacidade do bebê de se locomover para exemplificar tal fato. Esta capacidade alude à possibilidade de ele ir a algum lugar sem a ajuda da mãe, por exemplo, engatinhando. Há um momento em que a mãe verbaliza a tentativa de conhecer estas novas habilidades, onde se limita a verbalizar que as percebe. Em seguida, ela expressa que já há um conhecimento estabelecido quanto a estas habilidades, e começa a atribuir significado às movimentações dele, entendendo-as, por exemplo, como agressividade, vontade de andar ou de bagunçar. A distância entre eles é colocada em forma de repreensões, de imposição de limites, ou ainda de tentativa de proteger o bebê para que não se machuque. Ao elaborar sobre esta distância, a mãe passa a se referir a consequências destes atos, colocando, por exemplo, a possibilidade de ele cair, ou de apanhar caso a desobedeça. Ainda elaborando sobre a distância, ela identifica espaços entre ela e o bebê e se coloca como observadora de suas movimentações, podendo mostrar-se curiosa sobre para onde o bebê vai, ou onde ele quer mexer. Abaixo seguem exemplos das duas díades quanto a esta sequência.

EXEMPLO 64 - DÍADE I - sequência de OPPs

MÃE

BEBÊ

Idade do bebê: 18 semanas

(Coloca o bebê deitado em seu colo)

Chora e move as pernas

P2 *Oi, só quer ficar em pé?*

Idade do bebê: 19 semanas

(Segura o bebê em pé)

Balança as pernas

P2C *Só quer ficar pulando. Só quer ficar pulando.*

Idade do bebê: 24 semanas

Sai de cima do pano que a mãe

colocou no chão para ele ficar

DS2 *Mateus, eu arrumei aqui, pra você
ficar aqui* (coloca o bebê de volta
sobre o pano)

Idade do bebê: 27 semanas

Sai de cima do pano que a mãe
colocou na chão para ele ficar

DS2' *Não, Mateus, faz isso não,
Mateuzinho. Mateus, você vai
apanhar, vou bater em você, vou
dar em você.* (Pega o bebê no colo)
*Faz isso, não, viu, faz isso, não. Vou
bater em voché.*

Idade do bebê: 27 semanas

Se apóia sobre as mãos e pés,
projetando o bumbum para cima, e
começa a se mover.

O2 *Vai pra onde, Mateus?*

EXEMPLO 65 - DÍADE J - sequência de OPPs

MÃE

BEBÊ

Idade do bebê: 10 semanas

Vocaliza reclamando. Mexe as
pernas.

P2 *Tá... empurrando?* (Com ênfase.
Parece surpresa) *Quem? Hum?*

Idade do bebê: 17 semanas

Toca o pé no boneco inflável

P2C *Vai chutar ele, é?*

Idade do bebê: 17 semanas

Suspende uma das pernas “para
tocar” o brinquedo mostrado pela
mãe

DS2 *Baixa o pé. Baixa a perna, você tem
que baixar essa perna. Viu?*

Idade do bebê: 21 semanas

“Cai” deitada na poltrona. Mexe as pernas. Parece tentar se levantar.

O2 *Sim, faça isso. Pode fazer. Tô esperando. Vai ficar nessa posição, é? Hein? Hein?*

Os exemplos acima ilustram como o mecanismo “conhece-distancia-elabora” vai sendo trabalhado ao longo das semanas. Além disto, o aspecto duplo deste mecanismo – i.e., o fato dele ser trilhado duas vezes, primeiro quanto aos estados involuntários do bebê (conteúdo 1), e quanto aos atos com os quais o bebê opera sobre o ambiente (conteúdo 2) – revela que, à medida que novos elementos vão sendo introduzidos ao sistema, ele se repete. Isto é, aquele mesmo universo já conhecido, agora modificado, provoca novamente o mesmo mecanismo. Isto nos revela uma importante característica deste processo, que é o fato de ele acontecer em espiral. Este mecanismo tem um ponto inicial (P1), do qual vai gradativamente se afastando (P1C, DS1, O1), mas depois, a partir da entrada de algum novo elemento, o sistema volta àquele estado em que se encontrava no início do processo, mas agora em um outro ponto (P2). Uma vez atingido este novo-velho ponto, o mecanismo será novamente restaurado, e o gradativo distanciamento se repetirá, porém com uma nova qualidade, que carrega a história do processo.

Em nosso estudo, os elementos expressos na fala da mãe se referem aos dois conteúdos acima mencionados. Porém, coerente com o funcionamento das relações humanas ao longo do curso da vida, sugerimos que a espiral continue crescendo e novos elementos vão sendo continuamente incorporados ao sistema e também à fala da mãe. Podemos pensar, por exemplo, em falas P3, que venham a se referir a características subjetivas do bebê, onde a mãe poderá identificá-lo como carinhoso, persistente, bem-humorado, desatento, curioso, etc. Neste sentido, aquele mesmo diagrama que apresentamos acima sobre a trajetória genérica poderia se apresentar da seguinte maneira:

6. CONSIDERAÇÕES FINAIS

Este trabalho foi realizado com o objetivo de investigar o papel que a fala da materna exerce no processo de diferenciação dos sujeitos. Abordamos este fenômeno através do processo de comunicação entre mãe e bebê. A partir das proposições da perspectiva dos Sistemas Dinâmicos (Lewis, 2000; Thelen & Corbetta, 2002; Thelen & Smith, 1994; van Geert, 2003), concebemos que a mãe e o bebê compõem um sistema aberto que se mantém em constante transformação, fazendo emergir novas formas de organização nesse processo comunicativo. Baseando-nos na perspectiva dialógica (Bertau & Gonçalves, 2007; Marková, 1990A; 1990b), e nos referindo especialmente a Bakhtin (2007; 1992; 1999; 2003), compreendemos que a relação dialógica estabelecida no início da vida faz emergir sujeitos psicológicos únicos, que se diferenciam e são capazes de assumir seus próprios lugares no diálogo (Lyra, 2006a, 2007a; 2007b, Lyra & Bertau, 2008). Tomamos as trocas mãe-bebê como diálogos, pois além da estrutura de troca de turnos entre os parceiros, elas levam a uma transformação mútua e histórica, onde ambos os parceiros e a própria relação entre eles são transformados (Lyra & Bertau, op. cit.). A partir das elaborações de Lyra (op. cit.) sobre o modelo EEA, tomamos o alcance do predomínio da abreviação como parâmetro para que pudéssemos pressupor um início desta diferenciação dos sujeitos.

Assim, consideramos este processo comunicativo sob um enfoque relacional, histórico, interdependente e criativo e compreendemos que seus novos padrões de organização se mostram cada vez mais complexos e fazem emergir estes sujeitos psicológicos que começam a assumir seus papéis no diálogo.

Investigamos duas díades mãe-bebê da 6ª semana de vida do bebê até a semana em que atingiram 100% do predomínio da abreviação, e considerando a diferenciação dos sujeitos, a fala da mãe foi analisada segundo dois aspectos: (i) as posições que a mãe assume

ao longo do processo de comunicação com o bebê; (ii) a trajetória de desenvolvimento deste fenômeno. Realizamos uma análise microgenética para as duas abordagens desta fala, o que nos permitiu trabalhar sobre minúcias deste processo. Em seguida, identificamos como as micro-mudanças formavam agrupamentos maiores naquilo que chamamos “tempo de desenvolvimento” (Lyra, 2006b) tanto em relação às posições assumidas pela mãe quanto às trajetórias de desenvolvimento de cada díade, e assim, pudemos esboçar possibilidades de generalização quanto ao início da diferenciação dos sujeitos em termos destes dois aspectos.

Destacamos o caráter cíclico de nossa investigação em termos da integração entre os aspectos teóricos e empíricos (Branco & Valsiner, 1997; Lyra, 2006a). Podemos dizer que o fluxo entre a teoria, os dados e os objetivos a que nos propusemos definiu o percurso percorrido neste trabalho.

6.1. RESULTADOS APRESENTADOS

Listamos como resultados deste trabalho:

- (i) A identificação da fala combinada como uma terceira posição assumida pela mãe.
- (ii) As contribuições à ferramenta metodológica que concebe as amostragens como historicamente estruturadas (HSS) (Valsiner & Sato, 2006).
- (iii) As informações obtidas a partir da análise das posições assumidas pela mãe quanto à diferenciação dos sujeitos.
- (iv) As informações obtidas a partir da análise das trajetórias de desenvolvimento da diferenciação dos sujeitos.
- (v) A descrição do processo de diferenciação dos sujeitos a partir do mecanismo “conhece-distancia-elabora.

Com relação à fala combinada, iniciamos este trabalho com a noção de que a mãe assumia duas posições ao longo da comunicação com o bebê: a fala por si e a fala pelo bebê (Griz, Josephs e Lyra, 2003). Entretanto, um olhar mais detido na análise dos nossos dados nos indicou que a mãe apresentava um outro tipo de fala, uma fala em que ela combinava aspectos das outras duas posições e que parece mais elaborada do que a fala pelo bebê, dado que se apresenta em diálogos entre adultos. De acordo com o trânsito que estabelecemos entre os dados e a teoria, nos embasando nos conceitos de enunciado, polifonia e discurso internamente persuasivo colocados por Bakhtin (1992, 2003), propomos que esta se configura como uma terceira posição assumida pela mãe. Além disto, colocamos também como contribuição deste trabalho a definição de cada uma das posições.

A aplicação da Amostragem Historicamente Estruturada (HSS) se colocou com um aspecto de absoluta relevância para todo um caminho de nossas análises. Foi a partir desta ferramenta metodológica que pudemos definir o EFP e os OPPs, e assim, pudemos traçar as trajetórias de desenvolvimento do fenômeno aqui investigado expressas na fala da mãe. Todavia, consideramos que nossos resultados podem servir como uma contribuição a esta ferramenta metodológica. Valsiner e Sato (2006; Sato & Valsiner, 2007) propõem que os OPPs se constituem pontos sem os quais o sistema em questão fica impossibilitado de alcançar o EFP, e da maneira como eles estabelecem, estes são também pontos sem retorno. Os casos tomados pelos autores como exemplo da utilização de HSS se referem a fenômenos onde os caminhos nas trajetórias ficam mais explicitamente divididos, como é o caso do estudo conduzido por Yasuda²⁰, (2004, in Valsiner & Sato, 2006), onde casais diagnosticados

²⁰ As citações secundárias neste trabalho são utilizadas apenas quando não foi possível ter acesso aos textos originais, ou porque estavam redigidos em uma língua fora do domínio da autora – como é o caso do artigo de Yasuda (2004) citado por Valsiner e Sato (2006), que está redigido em Japonês –, ou porque não está disponível nem mesmo pelo Portal da Capes – como é o caso do artigo de Papousek & Papousek (1987) citado por Gratier e Trevarthen (2007).

como inférteis no Japão, passaram, por exemplo, pelo ponto de escolher por adotar um bebê, ou partir para técnica de reprodução assistida.

Entretanto, os OPPs trabalhados neste estudo diferem da proposta dos autores neste último aspecto. Em nosso caso, praticamente todas as falas, ao bifurcarem, traziam como uma das possibilidades de caminho a continuidade delas mesmas. Algumas destas falas desaparecem ao longo do processo, mas isto não acontece logo após sua bifurcação. Sugerimos que esta diferença se deva à natureza do fenômeno aqui investigado. Conforme os próprios autores colocam, num nível microgenético, HSS é aplicável para processos de tomada decisão, entretanto, a diferenciação dos sujeitos e também a fala da mãe parecem guardar uma fluidez maior, ou melhor, sutilezas que se revelam nos caminhos dos OPPs. Assim, a utilização de HSS neste estudo coloca esta ferramenta como uma possibilidade de aplicação ainda maior do que os autores propõem. Mais que isto, contribui para expandir a utilização do princípio guardado pela idéia de trajetórias para contextos ainda desconhecidos como é o caso do fenômeno por nós investigado.

A análise das posições assumidas pela mãe durante o processo de comunicação com o bebê, a partir das proposições de Bakhtin (2003), nos indicou que os enunciados maternos são construídos em co-autoria com o bebê. Assim, temos que apesar dos propósitos com os quais a mãe utiliza a fala por si se manterem basicamente os mesmos ao longo de todo o período, esta fala apresenta transformações que indicam que a mãe se dirige a um parceiro que se mostra cada vez mais ativo, com novas habilidades, que passa a explorar o ambiente e que demonstra interesse por coisas outras além da esfera materna.

A co-autoria dos enunciados maternos parece indicar que a mãe vai deixando de se sentir autorizada a dar voz ao bebê, de modo que a evolução da fala pelo bebê revela que ela vai gradativamente utilizando esta posição apenas com dois propósitos: verbalizar a voz deste parceiro nas brincadeiras, ou imitá-lo. Coerente com nossos dados, aquilo que Cavalcante

(1999) chama de “fala passível de deriva”, onde a mãe verbaliza falas na posição do bebê sem se respaldar em indícios oferecidos por este parceiro para tal, em seu estudo aparece por mais tempo do que a “fala interpretativo-comportamental”, aquela que necessariamente se baseia em indícios oferecidos pelo parceiro. Temos ainda que o fato de imitar as vocalizações do bebê indica que a mãe toma a voz deste parceiro como uma das possibilidades de sua própria voz (Gratier & Trevarthen, 2007). Além disto, o fato destas verbalizações maternas se encaixarem num todo onde a mutualidade e a sincronização de gestos (Brazelton, Koslowski & Main, 1974) compõem as trocas dialógicas (Marková, 1990b), parece indicar que esta troca de turnos sinaliza vestígios de uma experiência dialógica não mais restrita ao nível das ações, mas também relacionada às produções vocais entre mãe e bebê.

As mudanças na fala combinada também indicam que a mãe se dirige a um parceiro que se mostra cada vez mais ativo, mais independente, como novos interesses. Estes mesmos aspectos se ligam ao que Souza e Lyra chamaram de “explosão para o novo” (Souza e Lyra, 2001; Lyra & Souza, 2003), onde novos elementos são continuamente incluídos às trocas e o sistema apresenta uma flexibilidade para inovar. Deste modo, ao mesmo tempo em que o conhecimento mútuo se faz mais seguro quanto àquilo que foi trabalhado na história, ele também se mantém em constante construção.

Temos, então, que a maneira como a mãe se dirige ao bebê indica como ela o reconhece. Neste sentido, as transformações nas posições assumidas pela mãe nos informaram sobre o status da diferenciação dos sujeitos nos diferentes momentos deste processo. Podemos dizer que este mesmo ponto também é considerado por Cavalcante (1999), pois para esta autora, as transformações observadas na fala pelo bebê (especialmente a diminuição das mesmas a partir do sexto mês de vida do bebê), indicam que o bebê começa a assumir o seu próprio turno, ou em outras palavras, o seu próprio lugar no diálogo. Assim, um parceiro cada

vez mais conhecido e também mais ativo, mais independente, mais dono do seu lugar vai gradativamente se revelando sob as falas da mãe.

A análise das trajetórias de desenvolvimento da diferenciação dos sujeitos nos revelou que no período em que investigamos, as falas da mãe versam primordialmente sobre dois conteúdos: os estados involuntários do bebê (conteúdo 1) e os atos com os quais ele opera sobre o ambiente (conteúdo 2). Em cada um dos conteúdos encontramos os mesmos tipos de falas – P, PC, DS, DS', O e V – que indicam o processo pelo qual os parceiros se dão a conhecer, distanciar e ver a si mesmos. Porém estas falas apresentam um funcionamento diverso nos dois conteúdos, de modo que as falas no conteúdo 2 apresentam um formato mais flexível, mais aberto ao novo, que requer menos tempo e menos elaboração para tomar elementos como sendo conhecidos. A “explosão para o novo” (Souza e Lyra, 2001; Lyra & Souza, 2003) se faz novamente presente na fala da mãe. Assim, ainda que na sua voz se revele um parceiro já conhecido (expresso no uso das falas P2C, DS2, DS2' e O2 no período da abreviação), o conhecimento mútuo se mantém em constante construção, de modo que novos conhecimentos se fazem continuamente necessários (expresso no uso das falas P2 também no período da abreviação).

Deste modo, com relação às duas formas de analisarmos as falas da mãe, temos que estas falas se paralelizam com o movimento que subjaz às ações dos parceiros e traduzem o “humor do sistema”. Neste sentido, podemos dizer que ao mesmo tempo em que estas falas narram o processo de diferenciação dos sujeitos, elas também constituem este processo.

A partir das análises das trajetórias de desenvolvimento de fenômeno aqui investigado, pudemos descrever o processo de diferenciação dos sujeitos a partir do mecanismo “conhece-distancia-elabora”. Baseando-nos nas proposições de Bakhtin (2007; 1992; 1999; 2003) acerca da emergência do self, temos que este processo requer um conhecimento do parceiro, e, assim, evidencia um movimento de tentar conhecer o outro, acompanhado pela necessidade se

distanciar dele, o que é sucedido pela elaboração dessa distância. Neste sentido, propomos que o que define o processo de diferenciação dos sujeitos é o mecanismo que chamamos de “conhece-distancia-elabora”. Este mecanismo, que é trilhado quanto aos dois conteúdos trabalhados na fala da mãe, revela a qualidade espiral deste processo. Isto é, ele tem um ponto inicial, do qual vai se afastando gradativamente, mas a partir da inclusão de um novo elemento, aquele ponto inicial é revisitado e o mecanismo é novamente restaurado. Porém tanto este novo-velho ponto quanto o próprio mecanismo apresentam uma qualidade diferente do primeiro momento, uma qualidade que se respalda na história construída pelos parceiros.

6.2. INDICAÇÕES PARA PESQUISAS FUTURAS

Colocamos como questões investigativas relevantes para pesquisas futuras:

(i) A investigação acerca da abreviação do conteúdo 1.

Colocamos anteriormente a diferença entre as duas díades aqui analisadas quanto ao fato de falas do conteúdo 1 aparecerem ainda no predomínio da abreviação. Mais especificamente, na díade J as falas P1C se apresentam até o final do período investigado, enquanto na díade I não há quaisquer falas do conteúdo 1. Sugerimos que esta diferença se deva ao fato da díade J atingir o predomínio da abreviação mais cedo do que a díade I, o que daria a esta última díade mais tempo para que alguns elementos sejam abreviados na comunicação a ponto de não mais precisarem ser verbalizados pela mãe. Notemos que P1C é um tipo de fala que indica que o conhecimento entre os parceiros já se faz seguro quanto ao conteúdo 1, e neste sentido, podemos supor que a díade J se encontra em caminho de abreviar também estas falas.

Contudo, para que esta hipótese seja confirmada, novos estudos devem ser realizados com diferentes díades que apresentem diferentes tempos para atingir o predomínio da abreviação.

- (ii) Verificar o conteúdo da fala pelo bebê em díades mãe-bebê compostas por parceiros diversificados.

Conforme apresentamos no item **4.1. Síntese do Caminho Percorrido Neste Trabalho**, grande parte da motivação inicial deste trabalho se deveu aos resultados relatados por Griz, Josephs e Lyra (2003) sobre a fala pelo bebê apresentar primordialmente conteúdos negativos sobre a mãe. Nossa intenção foi, entre outras coisas, verificar se este mesmo quadro se repetiria em díades onde nenhum dos parceiros apresenta déficits sensoriais, já que no referido estudo o bebê era surdo. Encontramos que a mãe utiliza posição do bebê com diferentes propósitos, nos quais os elementos que podem ser considerados negativos não predominam sobre aqueles considerados positivos. Colocamos que esta diferença parece se dever à diferença em relação aos participantes dos dois estudos. Neste sentido, consideramos relevante que novos casos sejam investigados, tanto com díades que não apresentam déficits sensoriais, quanto com díades compostas por parceiros que exibam diferentes patologias, para que possamos encontrar um funcionamento que seja considerado geral para os sistemas em questão.

- (iii) Investigar a fala da mãe em termos de um paralelismo também com as trocas face-a-face.

Neste estudo, optamos por trabalhar o paralelismo entre a fala da mãe e os momentos de quase-estabilidade do sistema (modelo EEA) quanto às trocas mãe-objeto-bebê, pelo fato de, temporalmente, estas trocas ocorrerem após

aquelas face-a-face, e também apresentarem um funcionamento em que se respaldam nestas últimas (Lyra & Rossetti-Ferreira, 1995; Fogel e cols, 2006). Todavia, a qualidade destes dois tipos de troca é bastante diversa. Alguns autores, como por exemplo, Trevarthen (1979), consideram as trocas FF como mais emocionais, e a relacionam à intersubjetividade primária. Além disto, as trocas FF indicam uma forma diádica de comunicação, enquanto trocas MOB indicam uma forma triádica de comunicação. Todavia, as trocas FF também apresentam um padrão de organização abreviado (Lyra, 2007a, Lyra & Bertau, 2008), e neste sentido corroboram com um mapeamento mais acurado do processo de diferenciação dos sujeitos. Assim, estudos enfocando também o paralelismo com este tipo de troca quanto ao modelo EEA nos permitirão mapear este processo com maior precisão

(iv) Investigar a continuidade da espiral do processo de diferenciação dos sujeitos.

Colocamos acima que, em nosso entender, o que define o processo de diferenciação dos sujeitos é o mecanismo “conhece-distancia-elabora”, mecanismo este que é restaurado cada vez que um novo elemento é integrado às trocas. A partir disto, entendemos que este processo ocorre num funcionamento espiralar. Em nosso estudo, identificamos este funcionamento com relação aos dois conteúdos trabalhados na fala da mãe, mas também colocamos a possibilidade desta espiral continuar crescendo, de modo que novos elementos serão continuamente integrados às trocas. Colocamos como possibilidade de continuidade deste processo falas que chamamos de P3, onde a mãe poderia se referir a características subjetivas do bebê (vendo-o como persistente, curioso, afetuoso, agitado, etc.). Neste sentido, sugerimos o prosseguimento destas pesquisas, trabalhando sobre a continuidade deste processo.

(v) Investigar sobre outras possibilidades de caminho nas trajetórias.

As trajetórias de desenvolvimento apresentadas neste estudo colocam os caminhos percorridos pelas falas das mães aqui investigadas. Cabe observar que em ambas as díades, as trajetórias guardam particularidades, mas também apresentam funcionamentos bastante similares, de modo que, as bifurcações apresentadas em nossa trajetória apresentam caminhos pelos quais as falas da mãe, de fato, percorreram, e não opções que poderiam ter sido tomadas, mas não foram. Uma característica da utilização de HSS é a possibilidade de traçar probabilidades de caminhos ao longo das trajetórias de desenvolvimento. Neste sentido, exemplos de questões que podem ser colocadas são “Seria esta trajetória também aplicável a sistemas mãe-bebê em que um dos componentes apresente alguma patologia?” “Seria esta trajetória similar em contextos sócio-culturais diferentes?” Assim, consideramos de grande relevância, estudos que nos permitam testar aquilo que propomos como trajetória de desenvolvimento genérica, de modo que possamos averiguar se em diferentes contextos ele apresenta uma diversidade de caminhos tanto em termos gerais como das particularidades dos diferentes casos.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ADAMSON, L.B. (1996). **Communication Development during Infancy**. Colorado: Westview Press.

AMORIM, K. S. (2004). A Noção de Dialogismo e a Investigação sobre Processos Desenvolvimentais Humanos. Apresentação em **IX Encontro Científico do CINDEDI**. Ribeirão Preto.

BAKHTIN, M. (1999). **Toward a Philosophy of the Act**. USA: University of Texas Press.

_____. (2003). **Estética da Criação Verbal**. São Paulo: Martins Fontes.

_____. (2007). **Speech Genres and Other Late Essays**. USA: University of Texas Press.

BAKHTIN, M./VOLOCHINOV, V.N. (1992). **Marxismo e Filosofia da Linguagem**. São Paulo: Hucitec.

_____. (2001) **O Freudismo**. São Paulo: Perspectiva.

BERTAUI, M. C. & GONÇALVES, M. (2007). Looking at “Meaning As Movement” in Development: Introductory Reflections on the Developmental Origins of the Dialogical Self. **International Journal for Dialogical Science**. Vol. 2, No. 1, 1-13

BEZERRA, P. (2008). Polifonia. In: B. Brait (Org.) **Bakhtin: Conceitos-Chave**. São Paulo: Contexto. p. 191-200.

BRAIT, B. & MELO, R. (2008). Enunciado / Enunciado concreto / Enunciação. In: B. Brait (Org.) **Bakhtin: Conceitos-Chave**. São Paulo: Contexto. p.61-78.

BRANCO, A. & VALSINER, J. (1997). Changing Methodologies: A Co-constructivist Study of Goal Orientations in Social Interactions. **Psychology and Developing Societies**, 9, 1, 35-64.

BRÅTEN, S. (1988). Dialogic Mind: The Infant and the Adult in Proconversation. In M. Carvalho (Ed.) **Nature, Cognition and System**. (pp. 187-205). Dordrecht: Kluwer Academic Press.

BRAZ, F. S & SALOMÃO, N. M. R. (2002). A fala dirigida a meninos e meninas: Um estudo sobre o input materno e suas variações. **Psicologia: Reflexão e Crítica**, 2002, 15(2), 333-344.

BRAZELTON, T. B., KOSLOWSKI, B. & MAIN, M. (1974). The origins of reciprocity: The early mother-infant interaction. In M. Lewis e L. A. Rosenblum (Orgs.) **The origins of behavior - The effect of the infant on its caregiver (volume 1)**, 49-76. Princeton, NJ: John Wiley & Sons.

CAMERON-FAULKNER, T., LIEVEN, E. & TOMASELLO, M. (2003). A construction based analysis of child directed speech. **Cognitive Science**, 27, 843-873.

CAVALCANTE, M. (1999). **Da voz à língua a prosódia materna e o deslocamento do sujeito na fala dirigida ao bebê**. Tese (Doutorado em Linguística). IEL. Universidade Estadual de Campinas.

CAVALCANTE, M.C.B. (2005). Diálogos no berço: a interação mãe-bebê e a constituição do sujeito. **Anais do I Congresso Internacional de Interação**. São Leopoldo, RS.

CHAVES, E. C. S. (2004). **O Sistema de Comunicação Mãe-Bebê: Estudo das Dimensões que Compõem as Trocas Mediadas por Objetos**. Dissertação (Mestrado em Psicologia do Desenvolvimento). Psicologia, CFCH. Universidade Federal de Pernambuco.

CLARK, K. & HOLQUIST, M (2004). **Mikhail Bakhtin**. São Paulo: Perspectiva.

COOPER, R. P., ABRAHAM, J., BERMAN, S. & STASKA, M. (1997). The development of infants' preference for motherese. **Infant Behavior and Development**, 20 (4), 477-488.

DE LEMOS, C.T.G. (1995). Língua e discurso na teorização sobre aquisição da linguagem. **Letras de hoje**, no. 4.

FALK, D. (2004). Prelinguistic evolution in early hominins: Whence motherese? **Behavioral and Brain Sciences**, 27, 491-541.

FARACO, C. A. (2008). Autor e Autoria. In: B. Brait (Org.) **Bakhtin: Conceitos-Chave**. São Paulo: Contexto. p. 37-60.

FERGUSON, C. (1964). Baby talk in six languages. Em J. J. Gumperz e D. Hymes (Eds) **American Anthropologist**, 66 (6), 103-114

FOGEL, A. (1992) Movement and communication in human infancy: The social dynamics of development. **Human Movement Science**, 11, 387-423

FOGEL, A. (1993). The communication system: Co-regulation and framing. In A. Fogel, **Developing Through Relationships – Origins of Communication, Self and Culture**, 26-42. Chicago: The University Chicago Press

FOGEL, A. (1997). **Infancy: infant, family and society**. West Publishing Company. St. Paul, MN.

FOGEL, A. & THELEN, E. (1987) Development of early expressive and communicative action: Reinterpreting the evidence from a dynamic systems perspective. **Developmental Psychology**, 23 (6), 747-761

FOGEL, A., GARVEY, A., HSU, H-C. & WEST-STROMING, D. (2006). **Change Process in Relationships: A Relational-Historical Research Approach**. Cambridge: Cambridge University Press.

FREITAS, M. T. A. (2007). Bakhtin e a Psicologia. In C. A. Faraco, C. Tezza, G. Castro (Orgs). **Diálogos com Bakhtin**. Curitiba: Editora UFPR. p. 141-160.

GARVEY, A. & FOGEL, A. (2007). Dialogical Change Processes, Emotions, and the Early Emergence of Self. **International Journal for Dialogical Science**. Vol. 2, No. 1, 51-76

GRANOTT, N. & PARZIALE, J. (2002). Microdevelopment: A Processo-Oriented Perspective for Studying Development and Learning. In N. Granott & J. Parziale (Eds.) **Micro development. Transition Processes in Development and Learning**, (pp. 1-28). Cambridge: Cambridge University Press.

GRATIER, M. e TREVARTEN, C. (2007) Voice, Vitality and Meaning: On the Shaping of the Infant's Utterances in Willing Engagement with Culture. Comment on Bertau's "On the Notion of Voice". **International Journal for Dialogical Science**. Vol. 2, No. 1, 169-181.

GRIZ, S., JOSEPHS, I., & LYRA, M. C. P. (2003). **I-Positions Assumed by The Mother in a Mother-Infant Interaction**. Manuscrito não publicado.

HENNING, A., STRIANO, T. & LIEVEN, E. V. M. (2005). Maternal speech to infants at 1 and 3 months of age. **Infant Behavior & Development**, 28, 519-536.

HERMANS, H.J.M. (1996) Voicing The Self: From Information Processing To Dialogical Interchange. **Psychological Bulletin**, 119(1), 31-50.

HERMANS, H.J.M. & KEMPEN, H.J.G. (1993) **The Dialogical Self**. London: Academic Press Inc.

HERRERA, E., REISSLAND, N. & SHEPHERD, J. (2004). Maternal touch and maternal child-directed speech: Effects of depressed mood in postnatal period. **Journal of Affective Disorders**, 81 (1), 29-39.

HOLQUIST, M. (1990) **Dialogism. Bakhtin and his World**. London: Routledge

HSU, H-C. & FOGEL, A. (2003). Social regulatory effects of infant nondistress vocalization on maternal behavior. **Developmental Psychology**, vol. 39(6) p. 976-991.

JOSEPHS, I. **Comunicação pessoal**. 14 De Novembro De 2004. Methods for Studying Human Development in Culturally Diverse Contexts. Serrambi – 2004. Pernambuco, Brazil

- JUNG, C. G. (1981). **Estudos de Psicologia Analítica**. Obras Completas de C. G. Jung, v.7. Petrópolis: Vozes.
- KAJIKAWA, S. AMANO, S., KONDO, T. (2004). Speech overlap in Japanese mother-child conversations. **Journal of Child Language**, 31, 215–230.
- KIRCHHOFF, K. & SCHIMMEL, S. (2005). Statistical properties of infant-directed versus adult-directed speech: Insights from speech recognition. **Journal of Acoustical Society of America**, Vol. 117, No. 4, Pt. 1, 2238–2246.
- KUHL, P. K. (1998). Language, culture and intersubjective: The creation of shared perception. Em S. Bråten (Org.), **Intersubjective Communication and Emotion in Early Ontogeny**, 297-315, Cambridge: Cambridge University Press
- KUHL, P. K. e cols. (1997). Cross-language analysis of phonetic units in language addressed to infants. **Science**, 277, 684-686.
- LAVELLI, M. e cols (no prelo). Using Microgenetic Designs to Study Change Processes. In D. G. Teti (Ed.), **Handbook of Research Methods in Developmental Psychology**. Blackwell Publishers.
- LEE, K. & KARMILOFF-SMITH, A. (2002) Macro- and Micro developmental Research: Assumptions, Research Strategies, Constraints, and Utilities. In N. Granott & J. Parziale (Eds.) **Micro development Transition Processes in Development and Learning**, (pp. 243-265). Cambridge: Cambridge University Press.
- LEITAO, S. (2007). Argumentação e desenvolvimento do pensamento reflexivo. **Psicologia, Reflexão e Crítica**. Porto Alegre, v. 20, n. 3, 2007 . Disponível em: <http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S010279722007000300013&lng=pt&nrm=iso>. Acesso em: 07 mar. 2009. doi: 10.1590/S010279722007000300013.
- LEWIS, M. D. (2000). The Promise of Dynamic Systems Approaches for an Integrated Account of Human Development. **Child Development**, 71 (1), 36-43
- LEWIS, M.D. (2002) Integrating Time Scale in Personality (and Cognitive) Development: Intentions, Emotions and Emergent Forms. In N. Granott & J. Parziale (Eds.) **Micro development. Transition Processes in Development and Learning**, (pp. 183-212). Cambridge: Cambridge University Press.
- LIGHTFOOT, C. (2005). Risk-taking, Carnival, and the Novelistic Self: Adolescents' Avenues to Moral Being and Integrity. In L. Nucci (Ed.) **Conflict, Contradiction, and Contrarian Elements in Moral Development and Education**. Mahwah, NJ: Erlbaum (pp. 93-111).
- LIU, H.-M., KUHL, P. K. & TSAO, F.-M. (2003). An association between mothers' speech clarity and infants' speech discrimination skills. **Developmental Science** 6:3,F1-F10.
- LOCK, A. (1980). **The Guided Reinvention of Language**. London: Academic Press.

LYRA, M.C.D.P. (1988) Transformação e Construção na Interação Social: A Díade Mãe-Bebê. **Tese de Doutorado em Psicologia**, Departamento de Psicologia Experimental, Instituto de Psicologia, Universidade de São Paulo, SP.

_____. (2000) Desenvolvimento de um Sistema de Relações Historicamente Construído: Contribuições da Comunicação no Início da Vida. **Psicologia: Reflexão e Crítica** 13 (2), 257-268.

_____. (2003) Desenvolvimento Humano no Processo de Comunicação. **Projeto de Pesquisa Submetido ao Conselho Nacional de Desenvolvimento Científico e Tecnológico (CNPq)**

_____. (2004) From Relationships to Individuals: The Emergence of the Dialogical Self in Infancy. Paper Submetido para Apresentação Na **Jean Piaget Society – 2005**. Vancouver, Canadá.

_____. (2006a). O Modelo EEA para a Investigação da Emergência e Desenvolvimento da Comunicação e do Self: Bases Conceituais e Fundamentos Teórico-Metodológicos. **Estudos de Psicologia**. Natal. v. 11, p. 25-33, 2006.

_____. (2006b). Desenvolvimento como Processo de Mudança. In L. L. Meira e A. G. Spinillo (Orgs) **Psicologia Cognitiva: Cultura, Desenvolvimento e Aprendizagem**. Recife: Ed. Universitária da UFPE.

_____. (2007a). O Modelo EEA: Definições, Unidade de Análise e Possíveis Aplicações. **Psicologia. Reflexão e Crítica**, v. 20, n. 1, p. 87-95.

_____. (2007b). On Abbreviation: Dialogue in Early Life - special issue. **International Journal for Dialogical Science**, Nijmegen, Holanda, v. 2, p. 15-44.

LYRA, M.C.D.P. & BERTAU, M. C. (2008). Dialogical Practices as Basis for Self. **Studia Psychologica**. Bratislava. v. 8, p. 175-196, 2008.

LYRA, M.C.D.P. & ROSSETTI-FERREIRA, M. C. (1995). Transformation and Construction in Social Interaction: A New Perspective on Analysis of the Mother-Infant Dyad. In: Valsiner, J. (Ed.). **Child Development within Cultural Environments, vol. 3, Comparative Cultural-Constructivist Perspective**, Norwood: Ablex, 1995. p. 51-77.

LYRA, M.C.D.P. & SOUZA, M. (2003) Dynamics of Dialogue and Emergence of Self in Early Communication. In I. Josephs & J. Valsiner (Eds.) **Dialogicality in Development**. Vol. 5. (pp. 51-68) *Advances in Child Development Culturally Structured*. Greenwich, Ct.: Ablex Publishing Corporation.

LYRA, M.C.D.P., Pantoja, A.P.F., Cabral, E.A., Souza, M., Moutinho, A.K. (1995). A Produção Vocal do Bebê: Construção Partilhada pela Díade. **Psicologia: Teoria e Pesquisa**, Vol. 11 n. 1, 001-006.

LYRA, M.C.D.P. & WINEGAR, L.T. (1997) Processual Dynamics of Interaction Through Time: Adult-Child Interactions and Process of Development. Em A. Fogel, M.C.D.P. Lyra, &

J. Valsiner, (Eds.) **Dynamics and Indeterminism in Developmental and Social Processes**, (pp.93-109). Mahwah, New Jersey: Lawrence Erlbaum.

MARKOVÁ, I. (1990a). Introduction. In: I. Marková, & K. Foppa, (Eds.) **The Dynamics of Dialogue**, (pp.1-22). New York, NY: Springer-Verlag.

_____. (1990b) A Three-Step Process as a Unit of Analysis in Dialogue. In: I. Marková, & K. Foppa, (Eds.) **The Dynamics of Dialogue**, (pp.129-146). New York, NY: Springer-Verlag.

_____. (2006). **Dialogicidade e Representações Sociais: as Dinâmicas da Mente**. Petrópolis: Vozes.

_____. (2007). **A dialogue with people who have a speech and communication impairment**. Seminário. Recife.

MATYCHUCK, P. (2005) The role of child-directed speech in language acquisition: A case study. **Language Sciences**, 27, 301-379.

MESSER, D. J. (1994). **The development of communication – From social integration to language**. Chichester, England: Wiley.

MURRAY, L. (1998). Contributions of experimental and clinical perturbations of mother-infant communication to the understanding of infant intersubjective. Em S. Bråten (Org.), **Intersubjective Communication and Emotion in Early Ontogeny**, 127-143, Cambridge: Cambridge University Press.

NAKATA, T. & TREHUB, S. E. (2004). Infants' responsiveness to maternal speech and singing. **Infant Behavior & Development**, 27, 455–464.

PANTOJA, A.P.F. (1996). Relational-Historical Change Processes in Early Mother-Infant Communication: A Qualitative Investigation. **Dissertação de Mestrado**, Departamento de Psicologia, Universidade de Utah, Estados Unidos da América.

RIBEIRO, A. K. R. (2003). **Tempo na narrativa: significando a experiência escolar**. Tese (Doutorado em Psicologia do Desenvolvimento). Psicologia, CFCH. Universidade Federal de Pernambuco.

ROCHAT, P. (2004). **The infant's World**. Massachusetts: Harvard University Press

ROMMETVEIT, R. (1990) On Axiomatic Features of Dialogical Approach to Language and Mind. Em I. Marková, & K. Foppa, (Eds.) **The Dynamics of Dialogue**, (pp.83-104). New York, NY: Springer-Verlag.

ROWE, M. L., COKER, D. & PAN, B. A. (2004). A comparison of fathers' and mothers' talk to toddlers in low-income families. **Social Development**, 13,2,278-291.

SCHAFFER, H.R. (1984) **The Child's Entry into a Social World**. New York, NY: Academic Press.

- SCHIEFFELIN, B. B. (1979) Getting it together: An ethnographic approach to the study of the development of communicative competence. Em E. Ochs e B. B. Schieffelin (Eds) **Developmental Pragmatics** (pp. 73-108). London: Academic Press
- SCORSI, L. & LYRA, M. C. P. (2004). Posições no Diálogo: A Fala da Mãe e o Desenvolvimento do Sistema de Comunicação Mãe-Bebê. In: **XXXIV Reunião Anual da Sociedade Brasileira de Psicologia**, Ribeirão Preto.
- SCORSI, L. & LYRA, M. C. P. (submetido). O Manhês e o Desenvolvimento da Comunicação Adulto-Bebê. **Interação em Psicologia**.
- SHERIDAN, S. R. (2005). A theory of marks and mind: The effect of notational systems on hominid brain evolution and child development with an emphasis on exchanges between mothers and children. **Medical Hypotheses**, 64, 417–427
- SNOW, C. E. (1977). The development of conversation between mothers and babies. **Journal of Child Language**, 4, 1-22.
- SOUZA, M.S. (1999) Desenvolvimento da Comunicação Mãe-Bebê Mediada por Objetos: Um Estudo de Dois Casos. **Dissertação de Mestrado**, Pós-Graduação em Psicologia, UFPE.
- SOUZA, M. S. & LYRA, M.C.D.P. (2001). Development of early communication: Contributions from a dynamic, historical, and dialogical approach. Apresentação em **III Conferência de pesquisa sócio cultural**, Campinas.
- STERN, D. (1977). **The first relationship – Mother and infant**. Cambridge, Massachusetts: Harvard University Press
- STERN, D. N., SPIEKER, S. & MACKAIN, K. (1982). Intonation contours as signals in maternal speech to prelinguistic infants. **Developmental Psychology**, 18, 727-735.
- TAMIS-LEMONDA, C. S., BORNSTEIN, M. H., BAUMWELL L. (2001). Maternal responsiveness and children's achievement of language milestones. (maternal role in language acquisition). **Child Development**, v72 i3 p748.
- THELEN, S. & CORBETTA, D. (2002). Microdevelopment and Dynamic Systems: Applications to Infant Motor development. In N. Granott & J. Parziale (Eds.) **Micro development. Transition Processes in Development and Learning**, (pp. 59-79). Cambridge: Cambridge University Press.
- THELEN, E. & SMITH, L. B. (1994). **A dynamic system approach to the development of cognition and action**. Cambridge, MA: The MIT Press.
- TOMASELLO, M. (1999) **The Cultural Origins of Human Cognition**. Cambridge, Mass: Harvard University Press
- TRAINOR, L. J., AUSTIN, C. M. & DESJARDINS, R. N. (2000). Is infant-directed speech prosody a result of the vocal expression of emotion? **Psychological Science**, 11 (3), 188-195.

TREVARTHEN, C. (1979) Communication and Cooperation in Early Infancy: A Description of Primary Intersubjectivity. Em M. Bullowa (Ed.) **Before Speech**, (pp. 321-347). New York: Cambridge University Press.

_____. (1998) The Concept and Foundations of Infant Intersubjectivity. Em S. Bråten (Ed.) **Intersubjectivity Communication and Emotion In Early Ontogeny**, (pp. 15-46). Cambridge: Cambridge University Press.

TREVARTHEN, C. & HUBLEY, P. (1978). Secondary Intersubjectivity: Confidence, Cofiding, and Acts of Meaning in the First Year. In A., Lock (Ed.). **Action, Gesture and Symbol**. Londres: Academic Press, p. 183-229.

VALSINER, J. & SATO, T. (2006). Historically Structured Sampling (HSS): How Can Psychology's Methodology Become Tuned in to the Reality of the Historical Nature of Cultural Psychology? In: J. Straub, D. Weidmann, C. Kolbl, B. Zielke (Eds.). **Pursuit of Meaning. Advances in Cultural and Cross-Cultural Psychology**. Verlag: Transaction Publishers. p. 215-251.

VALSINER, J. (1997). **The Guided Mind: A Sociogenetic Approach to Personality**. Massachusetts: Harvard University Press.

_____. (1997). **Culture and the development of children's action**. NY: John Wiley Sons.

_____. (2002). Irreversibility of Time and Ontopotentiality of Signs. **Estudios de Psicologia**, 23 (1), 45-59.

VAN GEERT, P. (2002) Developmental Dynamics, Intentional Action, and Fuzzy Sets. Em I. Josephs & J. Valsiner (Eds.) **Dialogicality in Development**. Vol. 5. (pp. 319-343) Advances in Child Development Culturally Structured. Greenwich, Ct.: Ablex Publishing Corporation.

_____. (2003) Dynamic Systems Approaches and Modeling of Developmental Processes. In J. Valsiner & K. Connolly (ou Connolly?) (Orgs.), **Handbook of Developmental Psychology**, (pp.640-672). London: Sage.

VYGOTSKY, L. (1994) **Formação Social da Mente**. São Paulo, SP: Martins Fontes.

_____. (1986) **Thought and Language**. Revised edition. Cambridge: Mass, MIT Press.

YIN, R. K. (2005). **Estudo de caso: Planejamento e Métodos**. São Paulo: Bookman Companhia Editora.

RELATO: EXPERIMENTANDO A COMUNICAÇÃO MÃE-BEBÊ *IN LOCO*

Durante a execução deste trabalho, engravidei pela primeira vez. Minha filha nasceu quando me restava um ano para a conclusão desta Tese. Passado o susto inicial e o receio de que não teria tempo suficiente para poder integrar estas duas atividades, o último ano do Doutorado se mostrou um período de grandes descobertas, e foi também uma excelente oportunidade de amadurecimento. Obviamente, toda a relação com minha filha acabou sendo permeada pelos assuntos que eu vinha estudando. *Que posições estou assumindo durante a interação com ela? E por que as utilizo? Era a fala pelo bebê ou a fala combinada que eu havia usado ao interpretar aquele choro? Estou tentando penetrar em seu universo? Há uma distância entre nós? Estamos estabelecendo? Extendendo? Será que já estamos abreviando?* Estas foram algumas das perguntas que percebi que me fazia.

Durante um bom tempo me pegava me lembrando das díades que analisei e tentava verificar o que havia em comum, e o que havia de diferente, entre as dinâmicas estabelecidas por nós seis. Assim, toda a literatura que eu havia consumido, todos os dados que havia analisado passaram a povoar meus momentos com ela. Minha voz era fortemente constituída pelas vozes da mãe I, da mãe J, de Bakhtin, de Lyra, de van Geert, etc. A tentativa de compreender o papel da minha fala no processo que eu e minha filha experimentávamos de nos diferenciarmos como sujeitos ampliou as possibilidades deste trabalho. Brincando de Piaget, fui percebendo como a qualidade do meu trabalho foi afetada pelas minhas experiências pessoais. Entretanto, como eu poderia inserir estas experiências num trabalho científico?

Certamente, estas experiências permeiam todo o meu texto, ainda que de maneira indireta. Mas optei por redigir este relato e dividir esta vivência. Inicialmente a idéia era

incluir aqui uma espécie de diário que vim redigindo sobre minha fala diante de minha filha, mas num segundo momento este texto me pareceu enfadonho. Optei, então, por apresentar apenas aspectos mais subjetivos sobre meu processo de pesquisadora sobre a comunicação mãe-bebê enquanto recém-mãe.

A percepção de que somos dois sujeitos diferenciados, e não mais o mesmo, como era quando ela residia em mim, foi crescendo e se tornando cada vez mais evidente. Lembro-me que aos sete, quase oito meses de minha filha, ela se machucou e suas lágrimas acabaram virando minhas lágrimas. Como Bakhtin coloca, não senti sua dor, apenas empatizei com ela. Mas nesse momento não sei dizer se minhas lágrimas eram apenas lágrimas simpatizantes, ou também lágrimas do luto por já não sermos mais unas.

Aprender sobre Sistemas Dinâmicos foi muito interessante, didático e coerente com a vida. Mas a paixão foi Bakhtin! Ler este autor foi um exercício extremamente prazeroso. As colocações propostas por ele assumem proporções grandiosas no sentido que permeiam a existência. Estar vivo é estar dialogando! Ao ler Bakhtin, me percebi em constante diálogo com ele. Na maioria das vezes concordando, desejando que *eu* tivesse escrito aquilo que estava lendo, em outras querendo assimilar suas colocações, buscando me apropriar de sua voz e trazê-la para a minha voz. E o fato de vivenciar a relação com minha filha, permeando-a pela gradual aquisição do conhecimento sobre o processo de diferenciação dos sujeitos enriqueceu minha experiência de mãe tornando-me mais reflexiva, mais atenta e mais consciente de nuances desta relação. Do mesmo modo, minha experiência como pesquisadora foi fortemente afetada por esta oportunidade pessoal. Este “laboratório dentro de casa” me exigiu disciplina, me impôs um amadurecimento, me trouxe grandes *insights*, me permitiu olhar todo este trabalho de um modo que certamente não aconteceria, não fosse esta experiência. Penso que esta oportunidade me tornou ao mesmo tempo melhor mãe e também melhor pesquisadora do que seria se não fossem estas duas condições especiais.

Mas mais do que virar mãe, eu, uma paulista, paulistana, nascida no Tatuapé, me tornei mãe de uma pernambucana, filha da terra aonde vim morar, aonde sofri um imenso choque cultural, aonde tentei me encasular, acreditando que seria possível viver aqui de acordo com os padrões conhecidos e me passados na minha história social, cultural e afetiva. Mas esta também é a terra aonde descobri grande parte da minha força, aonde adulteci, me assenherei de minha vida, criei meu *self*.

Curiosamente, antes de me mudar para Recife, eu trabalhava com Psicologia Clínica e atendia meus pacientes segundo a linha junguiana. Como é sabido para quem conhece a obra de Jung, este autor trabalha o conceito de *self*. Qual não foi minha surpresa ao tomar conhecimento da obra de Bakhtin e me deparar com o mesmo termo sendo usado de maneira tão diversa? Pois é esse o retrato da minha vida em Recife: conhecer o mesmo sob uma nova ótica. Recife e São Paulo são duas cidades no mesmo país, mas são, na verdade, dois mundos diferentes. Em cada um deles vejo meu *self* através dos parceiros com os quais me deparo. São duas vidas. Duas Letícias, que pela obra deste trabalho, se fundem em uma.

ANEXOS

ANEXO A – PROTOCOLO DA TRANSCRIÇÃO E CLASSIFICAÇÃO DAS FALAS
QUANTO ÀS DIFERENTES POSIÇÕES ASSUMIDAS PELA MÃE

[illegible]

ANEXO B – PROTOCOLO DA TRANSCRIÇÃO E CLASSIFICAÇÃO DAS FALAS QUANTO AOS OPPS

[illegible]

ANEXO C – DESCRIÇÃO DAS SIGLAS UTILIZADAS PARA NOS REFERIRMOS AOS PONTOS DE PASSAGEM OBRIGATÓRIOS (OPPs) EXPRESSOS NA FALA DA MÃE

OPPs	MÃE EXPRESSA:
P1	Tentativas de conhecer o bebê quanto a seus estados involuntários
P1C	Conhecimento já estabelecido quanto aos estados involuntários do bebê
DS1	Reconhecimento da distância entre os parceiros quanto aos estados involuntários do bebê
DS1'	Elaborações sobre a distância reconhecida em DS1 (adiciona mais elementos)
O1	Observações de atos do bebê quanto a seus estados involuntários
P2	Tentativas de conhecer o bebê quanto a seus atos para operar sobre o ambiente
P2C	Conhecimento já estabelecido quanto aos atos do bebê para operar sobre o ambiente
DS2	Reconhecimento da distância entre os parceiros quanto aos atos do bebê para operar sobre o ambiente
DS2'	Elaborações sobre a distância reconhecida em DS2 (adiciona mais elementos)
O2	Observações de atos do bebê quanto a seus atos para operar sobre o ambiente
V	Tentativas de ver a si mesma aos olhos do bebê
V'	Oferecer uma visão de si mesma ao bebê

As cores neste diagrama são as mesmas utilizadas nas Figuras 4, 5, 6 e 7, referentes aos OPPs ao longo das trajetórias de desenvolvimento.